

REVISTA DO BRASIL

RUA BOA VISTA, 52 — Cx. 2-B — S. PAULO
Assignaturas: Anno — 20\$000; Extrangeiro — 25\$000
Numero avulso — 1\$800.

SUMMARIO do n.º 57 — Setembro, 1920

A selecção humana	M. OSORIO DE ALMEIDA	3
Diario de André Rebouças		11
Myriam	CARLOS D. FERNANDES	20
"Chica Mudança"	NICOLÂU PERO	37
Paiz de Ouro e Esmeralda (fim)	J. A. NOGUEIRA	42
Variedades		54
Domingos G. Magalhães e Magalhães de Azeredo	ARTHUR MOTTA	56
Academia B. de Letras		68
Bibliographia	BRENNO FERRAZ	72

RESENHA DO MEZ — O dialecto do sertanejo nor-
tista — A lua cornea (*Monteiro Lobato*) —
Wagner e o Brasil (*João Grave*) — Os Boios
(*João do Norte*) — Humanidade de Geça-Tatu
(*L. da C. Cascudo*) — A mensagem e o Impera-
dor (*João do Norte*) — A therapeutica da franco-
philia (*O. Misanthropo*) — Qual e de quem a
victoria? (*Samuel de Oliveira*)



S. Paulo

1920

Rio



SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com
A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o
DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar
damno algum a saude da MULHER. — "Vide os attestados e
prospectos que acompanham cada Caixa.

Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e
CASAS DE PERFUMARIAS do Brasil.

AVISO --- Preço de uma Caixa 10\$000, pelo Correio mais
2\$000. Pedidos ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO -- Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

Gravidez

EVITA-SE usando os PESSA-
RIOS AMERICANOS; são In-
offensivos, commodos, de ef-
feito seguro e antisepticos. —
Encontram-se á venda nas
principaes DROGARIAS de S.
Paulo.

AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qual-
quer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000,
enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao
Agente Geral

J. DE CARVALHÔ --- CAIXA POSTAL N.º 1721
— RIO DE JANEIRO —

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Scientista
Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, De-
fluxos, Bronchites, Catarrhaes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Can-
saço, Suffocações, é um medicamento de valor, composto exclusi-
vamente de vegetaes, não é xarope, nem contém loduretos, hem
morphina e outras substancias nocivas á saude dos Astmaticos.

"Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco".

Encontra-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drogarias de
São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. - Rio de Janeiro

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



ETABLISSEMENTS

:: Société
Anonyme

Bloch

au Capital de 4.500.000 francs. ———

**FAZENDAS
E TECIDOS**

RIO DE JANEIRO

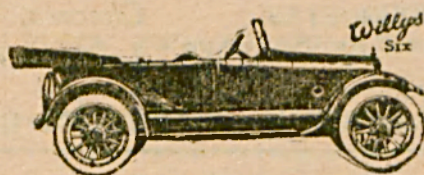
116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévisse ——

Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encomenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDERECO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38 **São Paulo**

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

CANTO LIBERO BADARO'

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,
PLANTAS,
BOUQUETES,
DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458

TELEPHONES :

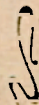
Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

Campinas
Guanabara



LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

CHACARA: Alam Casa Branca
(Avenida Paulista)

PEÇAM CATALOGOS

CAIXA POSTAL
N.º 062

TELEPHONE
N.º 4305

END. TELEGR.
"DORMAN"

Rua da Boa Vista, 44 — SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

Costa, Campos & Malta

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS
Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegra-
phia, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão,
Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Te-
lephones, Fols e Cabos, Isoladores e Accessorios. Grande Depo-
sito de Lampadas e material Electrico.



WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . .	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Óleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

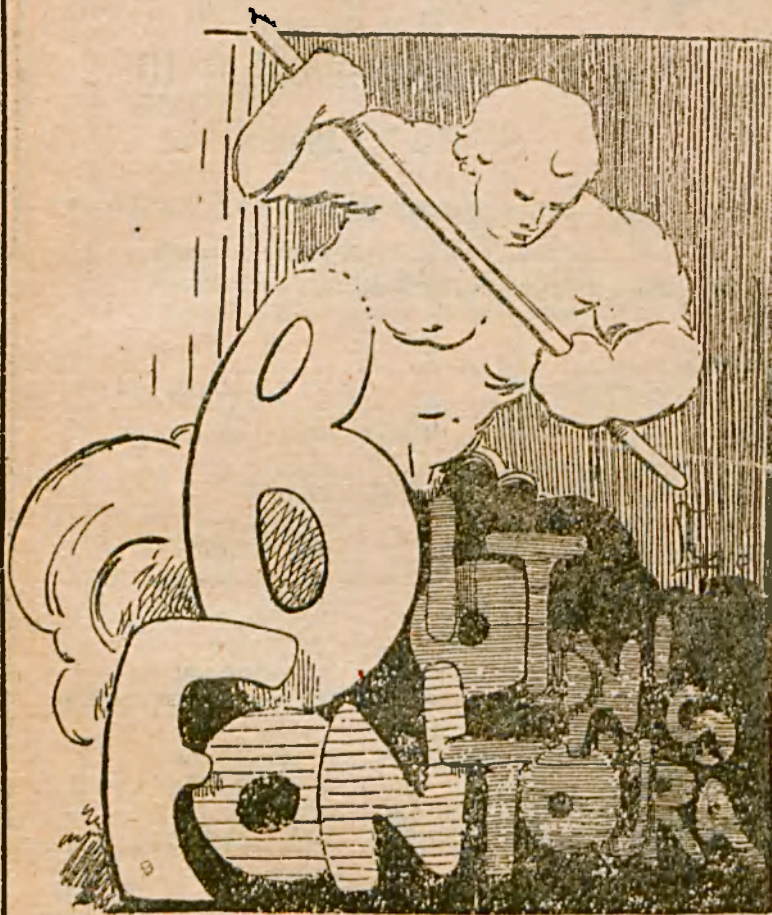
SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



**COMO VENUS SAIU DAS ONDAS
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"**



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

BIOTONICO cura todas as fórmulas de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistência. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.

MACHINAS E ACCESSORIOS

Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM:

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria meehanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylinder sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corréas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma coisa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO



UNESP - Biblioteca
Class: 91050
Tombo/Tit: 1084

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XV

SETEMBRO — DEZEMBRO DE 1920

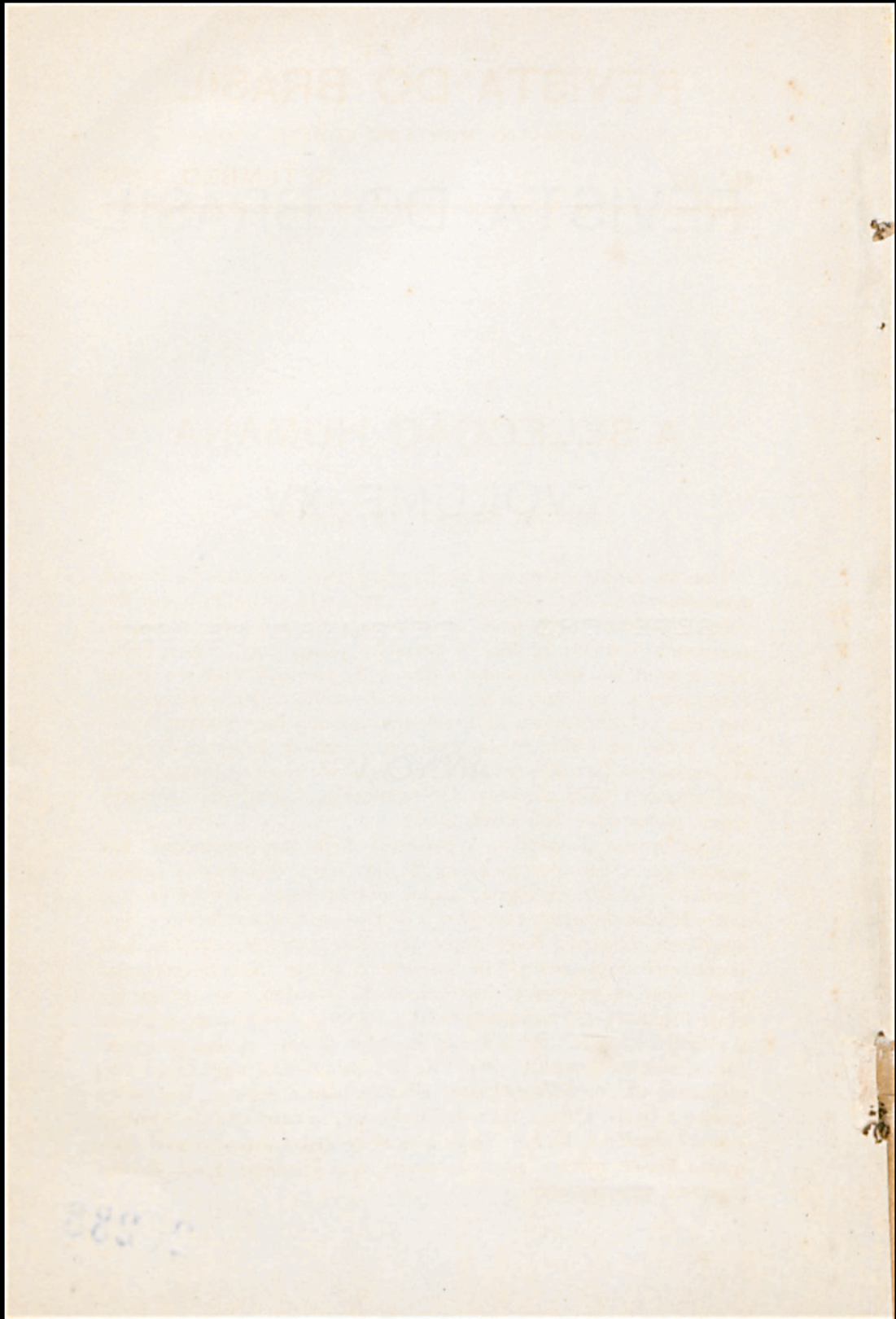
ANNO V

S. PAULO - RIO

BRASIL

20288







UNESP - Biblioteca - Assis

Class.: OR.050

Tombo/Tit: 1084

REVISTA DO BRASIL

DIRECTOR: MONTEIRO LOBATO

N.º 57

SETEMBRO, 1920

A SELECÇÃO HUMANA

POR

MIGUEL OSORIO DE ALMEIDA

Charles Richet é uma das intelligencias mais variadas da França contemporanea. Seu campo de actividade não se limita a um dominio restricto. O genero de trabalhos em que seu nome se impoz, occupando um dos logares de primeiro plano, foi a Physiologia. Nessa sciencia e nos assumptos que se lhe prendem mais ou menos directamente, sua auctoridade é incontestavel, e sua consagração foi feita pela Academia de Stockolmo quando lhe conferiu o premio Nobel em 1913. A elle repugna, porém, a limitação forçada dos estudos a uma só sciencia. Quando as idéas ou os factos ferem sua attenção, nada o cohibe de examinal-os, estudal-os, até satisfazer plenamente sua curiosidade.

Essa fórma de espirito caracteriza toda sua producção. Em muitos casos, sua percepção aguda levou-a a descobertas fundamentaes. Ao fim de algum tempo, porém, essas descobertas são por elle abandonadas, entregues a outros, que as exploram e desenvolvem, deixando o seu autor que ellas sigam seu destino, pois outras preoccupações já lhe assaltam a mente. Não quereríamos multiplicar os exemplos desse modo de trabalho, que fariam incluir o grande physiologista entre os sabios romanticsos, segundo a classificação de Ostwald, isto é, entre os que, nervosos, apressados, lançam immediatamente ao grande publico, suas idéas, sem cuidarem das modificações que ellas tenham a soffrer. Um unico exemplo basta. Parece fóra de duvida que o principio da sorotherapia é devido a Richet. Todo o evolver dessa incomparavel conquista fez-se, porém, posteriormente, quasi independente de seu primeiro pesquisador.



Seu espirito irrequieto o leva ora a fazer um grande trabalho de sciencia pura, ora a escrever um romance ou um drama, ou a compor um poema. Nenhum assumpto, nenhum phenomeno o deixa indifferente. As questões de Psychologia e as questões sociaes, merecem repetidas vezes sua attenção, sendo por elle analysadas com a mesma penetração de vistas, e sempre com a mesma largueza de idéas.

Si nos fosse dado caracterisar o modo de ser de Ch. Richet, definil-o-iamos um sabio, que antes disso é um homem; elle se interessa por tudo que diz respeito ao homem, e o seu interesse se revela sempre de modo activo, pela expressão exacta de seu modo de pensar.

Pouco antes da guerra, apresentou-se a Richet um problema que por outros modos se impoz a uma grande serie de biologistas, de sociologistas e philantropos: o problema do aperfeiçoamento intensivo da raça humana. Sob o nome de Eugénia começaram e se organizar os esforços tendentes ao fim almejado. Richet não se preocupou com todos os pormenores, limitando-se a estudar quaes seriam os meios de operar, dentro de especie humana, uma selecção, ao molde da que é feita entre as raças animaes, tendo em mira o surto de uma raça mais forte, mais bella e mais intelligente do que a actual. Só recentemente suas idéas foram condensadas e apresentadas em livro publicado pela *Bibliothèque Scientifique Internationale*.

La Sélection Humaine produz uma curiosa impressão. O seu estylo apresenta sempre o mesmo sabor das outras obras do mestre. A mesma clareza, a mesma elegancia, a mesma simplicidade. Mas as suas phrases são revestidas de um tom um tanto fatigado, e a ausencia quasi completa de documentação bibliographica lembra uma serie de palestras, em que se apresentam idéas, mas que não podem ser interrompidas para consulta de quaesquer fonte de informação. São reflexos que se succedem. Partindo de um tal cerebro, ellas são extremamente suggestivas, e o leitor, ao terminar o livro, necessita fazer um esforço sobre si mesmo, para não accental-as immediatamente, para não adoptal-as sem maior exame. Talvez seja esse o principal inconveniente dos livros por demais claros. Elles não obrigam a um estudo mais cuidado, a um esforço proprio de quem os lê; favorecem uma tal ou qual preguiça, ao contrario das idéas sobre as quaes paira o véo de uma ligeira obscuridade. O trabalho exigido para levantar esse véo faz-nos penetrar mais profundamente o assumpto e descobrir o que, com o excesso de luz, nos passara despercebido.

Para Richet o verdadeiro fim da vida é ser feliz. E' essa uma proposição considerada por elle axiomatica e sobre a qual não



se pode admittir duvidas. No desenvolvimento da pesquisa da felicidade, desempenha um papel preponderante a sciencia. Ora, a sciencia é toda feita pela intelligencia humana, e se fosse possível obter homens mais intelligentes e dotados de memoria superior á actual, o progresso scientifico seria muito mais rapido e muito mais seguro do que no presente é feito. Existem, na epoca em que vivemos, muitos casos de degradação do individuo, taes como as intoxicações e as infecções. Theoricamente não ha difficuldade em eliminar essas causas, cuja acção deleteria é bem conhecida e está bem determinada. Mas Richet entende não ser bastante afastar essas causas; não podemos nos contentar com a prophylaxia da decadencia; é necessario obter o aperfeiçoamento, chegar a produzir um typo de homem de intelligencia mais rica e de maiores capacidades. Qual o meio a empregar para realizar esse fim? O mesmo a nós indicado pela sciencia da criação dos animaes: a selecção. Em Zootechnia, quando se quer um grupo de animaes de uma especie determinada, apresentando, desenvolvidos ao maximo, estes ou aquelles caracteres, escolhem-se alguns individuos mais abundantemente dotados desses caracteres, e guardam-se dentre os seus descendentes unicamente aquelles que os conservam. Aos individuos impuros ou degenerados, eliminam-se.

E' esse o principio que Richet quer applicado á especie humana. Os homens estão divididos em tres raças: brancos, negros e amarellos. Para Richet, a superioridade da raça branca sobre as duas outras não soffre duvida. Nunca as raças amarella e negra concorreram de modo effizaz para o grande esforço civilizador da humanidade. A amarella ainda tem um certo espirito de imitação e assimilação que lhe permite acompanhar em parte o progresso da raça branca. A' raça negra, mesmo esses apoucados attributos são negados pelo physiologista francez. A intelligencia dos negros é pueril.

Na selecção humana deve-se ter, pois, como insophismavel, um primeiro principio: O afastamento systematico das raças inferiores pela prohibição severa de qualquer união entre brancos e amarellos ou negros. Para Richet a mestiçagem é um mal quasi irremediavel, os mestiços "foram sempre seres mediocres e nada foi inventado por elles". A posição dos brancos em relação aos individuos das outras raças é definida; "Não se trata de martyrisal-os, nem de combatel-os; não! E' necessario muito amigavelmente, muito sympathicamente, mantel-os á distancia. Eis tudo."

Dentre os de raça branca não são feitas distincções de variedades; todos os brancos são igualmente nobres. Mas, no meio delles, existem individuos que pela sua decadencia ou inferioridade não devem pertencer ao grupo dos homens seleccionados; são os tu-



berculosos, os syphiliticos, os incapazes intellectuaes, os degenerados moraes. Esses só poderiam gerar individuos inferiores. Com risco de passar por um barbaro, escreve Richet, declaro preoccupar-me mais com os sêres do futuro, do que com estes miseraveis. Não quereria fazer mal aos epilepticos, aos syphiliticos, aos tuberculosos, ou mesmo aos criminosos; mas não faço absolutamente questão que elles gerem filhos enfraquecidos, vis, mirrados, immoraeas, opprobrio da humanidade. Deformidades, infecções, intoxicações, vicios, taras, não constituem titulos ao nosso respeito.”

É' indispensavel, portanto, impedir que essas taras sejam perpetuadas. Como conseguiu-o? Para Richet o methodo ideal seria a castração; ella representaria o meio radical, proprio para dar segurança á futura humanidade. Mas Richet admite que recorrer á castração seria ir um pouco longe; e se contenta em aconselhar a prohibição do casamento entre individuos inferiores.

O impedimento das uniões com individuos de raças inferiores, e a interdicção dos casamentos com sêres degradados, são sufficientes para obviar á degeneração da raça. Para aperfeiçoal-a é necessario, porém, praticar uma sã hygiene. Torna-se preciso temperar o desenvolvimento desmedido do cerebro por uma continuada cultura do exercicio physico.

Todo esse conjuncto de medidas daria o seguinte resultado: crear-se-ia, no mundo, uma raça de homens brancos, bellos, superiormente fortes e intelligentes, capazes de resolver problemas até hoje inacessiveis ás nossas apoucadas forças e aptos a crear obras d'arte cuja belleza as tornaria eternas.

Taes são, em conjuncto, as idéas de Richet.

Entre nós, sua exposição provocará duas ordens de impressões: o leitor que se julgar de raça pura talvez as abrace com entusiasmo e sinta-se intimamente orgulhoso de pertencer ao grupo dos precusores da futura humanidade. O leitor que não se sentir com a mesma pureza de sangue, talvez venha a se revoltar contra o que elle consideraria um attentado aos seus direitos de homem. Analyse-mos friamente e concisamente o que porventura existe de real nas deducções de Richet.

Ninguem, a nosso ver, se animaria a contestar a applicabilidade da selecção entre os homens, como ainda em qualquer outra especie animal. A possibilidade de aperfeiçoar, neste ou naquelle sentido, dadas qualidades dos sêres vivos, é um facto solidamente estabelecido pelas innumerables experiecias já realizadas pelos criadores. Mas o homem não é um animal que vive unicamente para satisfazer e cumprir as leis biologicas. Sobre essas, o desenvolvimento progressivo de suas faculdades de espirito creou necessidades psicologicas e necessidades sociaes; e estas tomaram tal in-



cremento, que, na maioria dos casos, quando em conflicto com as primeiras, a ellas se sobrepõem dominando-as quasi sempre.

Em these, um dos frequentes erros de certos sociologistas, tem sido, parece-nos, transportar para o dominio da sciencia por elles cultivada os factos da Biologia, sem modificá-los, sem estudar as alterações que, forçosamente, elles teriam de soffrer. Essas applicações podem conduzir a consequencias que nos revoltam; o nosso bom senso contra ellas se levanta, e sentimos, ás vezes, de modo confuso e pouco definido, haver alguma coisa de falho nessas sequencias de raciocínios, impeccaveis entretanto na apparencia.

A selecção humana é perfeitamente possivel. Mas no momento actual seria exequivel, pelo menos como a quer Richet?

A selecção só deveria ser feita entre os de raça branca. Para assim proceder, seria indispensavel estar definitivamente provado que as outras raças são realmente inferiores. Ora, não são as proposições de Richet, nem são os argumentos do Conde de Gobineau, nem os de nenhum outro dos que se tem occupado desta questão, de molde a trazer essas provas definitivas. Richet appella para as innumeradas manifestações de intelligencia da raça branca e confronta com essa exuberante capacidade creadora a pobreza intellectual dos amarellos e principalmente dos negros. Mas Richet não se lembra que a civilisação é o producto de um conjuncto de circumstancias que, á falta de melhor designação, poderíamos chamar *momento historico*. Uma parcella da raça branca apresenta agora um desenvolvimento consideravel. Nós não sabemos porém, o que fará a raça negra, e não nos lembramos do que fez a raça amarella.

Imaginemos um philosopho da epoca dos Cesares, reflectindo sobre a desigualdade das raças. "As raças do Norte, diria elle, tanto os habitantes da Gallia como os ferozes Germanos, nada fizeram ainda que concorresse para a civilisação humana. Emquanto os Gregos realisaram um milagre de cultura, por nós assimilado e desenvolvido, emquanto os Egypcios, por sua vez, nos legaram os thesouros de uma sciencia cujas origens não se alcançam, emquanto nós, os Romanos, attingimos ao maximo de civilisação, esses barbaros, incapazes de organisação, baldos de invenção, desprovidos de todo idealismo, não conseguem livrar-se de suas condições rudimentares de vida." Se esse philosopho, um dia, pensasse em selecção humana, as raças do Norte seriam systematicamente afastadas do plano de aperfeiçoamento, e hoje, ririamos da puerilidade dos raciocínios assim conduzidos.

No momento actual, parece-nos impossivel decidir si os amarellos e negros são ou não inferiores. E, emquanto uma questão dessa ordem não tem uma solução sobre a qual não paire a mais



leve duvida, não é admissivel a proposta de medidas ou a apresentação de idéas somente toleraveis deante de uma inexoravel evidencia.

O sentimento de superioridade é inseparavel da vontade de dominio ou, pelo menos, de direcção. Entre os paizes de raça branca européa, alguns ha que creem demonstrado evidentemente a sua superioridade em materia de capacidade de progresso. Foi o que fizeram Treitschke e von Bernhardi na Allemanha, e uma das consequencias da acceitação dessas idéas pelos Allemães foi a guerra...

A discussão do problema da hierarchia das raças não cabe num ensaio destes. Exigiria volumes. O que nos interessa, por agora, são as simples consequencias duma opinião apressada e sem os necessarios esteios. Ch. Richet não se refere em seu livro á sorte das raças inferiores; esqueceu-lhe dizer como seriam regulamentadas as relações não sexuaes da raça branca com as outras. Ao seu espirito não se apresentou o problema de conhecer como essas raças encarariam uma declaração nitida de inferioridade e que resultados teria isso nas relações economicas e trocas de actividade das differentes especies. A guerra deixou bem evidente a impossibilidade da vida na Europa sem recurso aos productos dos paizes tropicaes onde, em geral, vivem as raças inferiores. No dia em que todos esses paizes resolvessem, e essa resolução não seria materialmente impossivel em um futuro muito proximo, supprimir suas relações com a Europa, não sabemos bem qual dos lados teria mais a soffrer.

No mundo actual a humanidade marcha, consciente ou inconscientemente, para o dominio cada vez mais absoluto das energias naturaes. Nessa luta constante e ardua, as aptidões devem ser as mais variadas. Onde a raça branca se mostra incapaz, o amarello e o negro triumpham. Se esses não existissem, o prejuizo soffrido pelo branco seria incalculavel. A civilisação européa estaria hoje muito longe do grau em que se acha si os paizes tropicaes lhe não tivessem trazido um precioso concurso. Mas para que esse concurso seja leal e efficaz, seja animado por um pouco de ideal, é indispensavel não ser imposto como um tributo devido pelo inferior aos seus superiores. Elle só poderá provir da idéa generosa de uma contribuição ao bem commum.

O mesmo sentimento de repulsa nos despertam as idéas de Richet em relação aos doentes de differentes especies. O esforço de melhoria, de solidariedade aos que soffrem, caracteristico das sociedades civilisadas, seria condemnavel em face das imperiosas necessidades da selecção humana? Uma nova raça de homens cujo desenvolvimento se baseasse sobre idéas tão ferozmente egoistas seria intoleravel no seio da humanidade. Essa raça teria sua vida



garantida por todas as facilidades. Sua intelligencia encontraria as melhores condições para o exercicio. Mas ficaria crente de que a ella tudo lhe seria devido, e ninguem imagina até onde irá um sentimento dessa ordem.

È a superioridade intellectual desses homens e dessas mulheres manter-se-ia indefinidamente? E' o que será permittido duvidar. O esforço da intelligencia até hoje não parece se submeter a leis muito simples e facilmente desvendaveis. Mas não resta duvida que, quando levado ao maximo, elle é a causa de sua propria destruição. Não tomemos em consideração as theorias lombrosianas sobre o homem de genio, considerado como uma anomalia, um phenomeno quasi teratologico. Limitemo-nos á observação attenta demonstrando que a grande superioridade intellectual exige, além das qualidades naturaes indispensaveis, um esforço que excede, talvez, ás forças da energia humana. Ostwald, no seu estudo sobre os grandes homens, mostra ser uma lei geral o exgottamento precoce das intelligencias de *elite*. Os genios que mantiveram sua actividade até os extremos limites de uma velhice adeantada, nada mais fizeram, ao fim de algum tempo, senão explorar e desenvolver idéas do tempo da juventude. A faculdade creadora cedo se exgota.

Admittamos que haja certo exagero nesse modo de ver. O exame dos grandes centros de trabalho mental não deixa de mostrar, porém, que a *elite* é constantemente renovada por elementos sahidos das camadas populares. Renan, creio, disse que um homem de talento consome as energias accumuladas pelos seus humildes antepassados. Uma sociedade constituída por individuos seleccionados para o exercicio do trabalho intellectual intenso escaparia a essas causas de decadencia? Richet acredita que sim, salvo submettendo seus constituintes a uma severa hygiene. Esta opinião é baseada em uma simples hypothese. A acção do exercicio physico sobre o trabalho intellectual ainda não se acha sufficientemente esclarecida.

Para operar a selecção humana dever-se-ia encaral-a, não como uma consequencia de necessidades biologicas inilludiveis, mas sim como um resultado do esforço voluntario de determinado grupo de individuos. Imaginemos, com effeito, alguma coisa com uma seita que em vez de fins religiosos visasse o fim unico do aperfeiçoamento por selecção. Os membros dessa seita teriam direito de estabelecer os seus estatutos tão rigorosos quanto quizessem. A admissão e a rejeição da ordem seriam severamente feitas. Encontradas no momento actual pessoas em numero sufficiente que quizessem submeter-se a esses rigidos principios, o resultado ao fim de algumas gerações seria apreciavel. Poderia servir de exemplo e muito daria que pensar.



Desse modo, julgamos possível a experiência da selecção humana. Como imposição de um grupo privilegiado, porém, não a cremos exequível. O verdadeiro fim da vida, na opinião de Richet, é ser feliz, e é justamente essa felicidade, cuja realisação todo homem procura, o obstaculo á execução de um programma de selecção, como o imaginou o physiologista francez. Imposto, jamais seria acceto. Aceito pela livre abdicação ou renuncia dos inferiores?... Ah! Si as chamadas raças inferiores ou os individuos assim considerados fossem capazes de uma renuncia dessa ordem, teriam elles dado então a maior prova de superioridade. A renuncia é o resultado do aperfeiçoamento moral levado ao maximo.

O progresso da humanidade, moral, intellectual e physico, tem se feito sem a selecção racional. Tem sido lento, e poderia ser apressado por uma serie de medidas já indicadas pelas sciencias biologicas, compatíveis com as necessidades physiologicas do homem actual. Muito ha a fazer nesse sentido, mas não devemos esquecer nunca o lado particularmente humano do problema. A Historia sempre demonstrou serem vencedores esses factores puramente psychologicos. Todas as transformações que os desprezarem condemnam-se a falhar, e sua execução intempestiva representa um erro de methodo, porque é a applicação de uma lei a casos que ella não rege.

Innumeras seriam as reflexões suggeridas pelo livro de Richet. Na analyse de suas theorias, referentes aos problemas mais de perto relacionados com aquillo que o homem costuma defender com mais calor, cada um pode esteiar-se em argumentos mais ou menos apaixonados. Ninguem deixaria, apesar de tudo, de reconhecer e admirar o esforço honesto e sincero do mestre. A cadeia de seus raciocinios o conduz a conclusões ousadas; e sua alma de poeta o leva muitas vezes a não perceber os élos fracos dessa cadeia. O sonho inebriante de uma humanidade superior, constituída por semideuses, perturba-o. Mas elle não recua. Serenamente diz o que lhe parece a verdade. E seu livro está todo elle impregnado dessa ancia de tudo desvendar que caracteriza a sua vida.





EXCERPTOS DO DIARIO DE ANDRÉ REBOUÇAS

Iniciamos hoje a publicação de excerpτος do Diario de André Rebouças. Os Rebouças formam no Brasil uma cadeia de homens notaveis pelo caracter e pela intelligencia, a partir de Antonio Pereira Rebouças, o velho Rebouças que Joaquim Nabuco retratou nestas palavras: "Era a figura mais original dessa Camara (1843), e quasi o unico representante do velho liberalismo historico deante da cerrada phalange reaccionaria. Tudo nelle recorda outra epoca, passada e esquecida: espirito, maneiras, formas de argumentação; mais que tudo, porém, é elle uma natureza singular, que reunia o refinamento aristocratico a esse espirito de igualdade proprio dos que possuem no mesmo grão o sentimento da altivez e o da equidade. Homem de duas raças, pertencendo á raça branca, como o mais puro caucasico, pela consciencia moral, pela intuição juridica, e tendo orgulho dessa procedencia, elle sentia-se o protector natural da raça inferior de que tambem lhe corria o sangue nas veias. Sua profissão era de advogado e como advogado a opinião delle competia ocm a de Teixeira de Freitas". Estas poucas palavras dão medida do alto valor do tronco dos Rebouças, jamais desmentido em suas vergontearas. Seu filho André, "genio mathematico" foi o grande engenheiro do segundo Imperio, mestre da sciencia, amigo e conselheiro tecnico do grande monarcha, nos empreendimentos de vulto realisados no país. Character de extrema lealdade, acompanhou no exilio o seu magnanimo amigo, quando, á aurora ás avessas do 15 de Novembro, uma bebedeira dos quartéis quebrou um throno para montar o cêpo onde qua-triennalmente se acoram Hermes e vereadores mineiros. Amigo do país como poucos, trabalhou indefesamente para a grandeza do Brasil, deixando um acervo de livros, memorias, obras technicas e actos que constituem um verdadeiro monumento de intelligencia e operosidade. Deixou tambem um diario onde se registra a sua vida inteira, passo por passo, e onde se estampa com flagrancia a vida administrativa e social da epoca em que viveu. Essa obra, composta dee numerosos volumes, está em poder do

seu irmão, o engenheiro José Pereira Rebouças, outra gloria nacional em cujas mãos brilha hoje o sceptro da familia privilegiada. Gentilmente confiou-a elle á "Revista do Brasil", que publicará em varios numeros successivos os trechos que mais possam interessar aos seus leitores.

13 DE AGOSTO DE 1865

Passei toda a noite ora a pensar ora a sonhar na defesa de Uruguayana.

.....

Comprei para a proxima marcha um quarto cavallo e ainda necessito de outro para o transporte da bagagem.

Dos tres primeiros um foi furtado e os mais estão impossibilitados de prestar serviços. E' extraordinario o furto de animaes no acampamento, apesar de dormirem maneados e presos á sogá, sob a guarda dum reforço que monta sentinella á noite. Por outro lado os pastos estão queimados de geada e os animaes numa magreza extrema. Grande numero todos os dias amanhecem mortos pelo acampamento. Para alimentar-os recorre-se ás folhas da palmeira *girivá* e ao milho, ao qual nem todos os animaes estão affeitos, e que se vende pelo fabuloso preço de 24\$000 o sacco.

.....

19 de Agosto. — O rio Uruguay amanheceu extraordinariamente cheio: os valles que succedem ás collinas ribeirinhas estão reduzidos a lagôas. Dia muito claro, de S. S. O. rijo. A uma hora da tarde as cornetas do Quartel General deram o toque de chamada da musica; ouviu-se logo o hymno nacional, e mais outras peças, em festejo á noticia, que acabava de chegar, de terem os generaes Flores e Pamero batido uma força paraguaya no Yatahy, perto de Restauração, matando-lhes 600 homens e aprisionando 2.000 no dia 17 de Agosto.

.....

4 de Setembro. — Noite quasi quente. Passei-a quasi toda acordado, sonhando ou reflectindo nestas idéas. Que, terminada a guerra, quando o Brasil, pela applicação dos bons principios de Sciencia Economica, i. é. pela Liberdade do Commercio e cumprimento dos preceitos sagrados da sua constituição, tiver chegado ao gráo de prosperidade que a Providencia lhe destina, dever-se-á elevar na Praça da Acclamação um grande monumento — um verdadeiro Pantheon, dedicado ao Imperador D. Pedro II, inscrevendo-se-lhe na fachada: *Aqui só terão entrada as cinzas*



d'Aquelles que houverem demonstrado, como Pedro II, terem mais amado ao Brasil do que a si mesmos.

No centro erguer-se-á um grupo representando o Imperador conduzindo os dois príncipes á restauração da Provincia do Rio Grande do Sul e parecendo dizer, como na sua proclamação da chegada: Eis-me aqui com os meus dois filhos adoptivos, prompto para cumprir o que jurei: si existisse o chorado Affonso estaria desde muito na vanguarda do Exercito Brasileiro.

Que se deveria crear uma Provincia interior, que receberia o nome de Provincia das Missões ou de Guayra, e que teria por capital a cidade de Nova Strasburgo ou Izabelina, projectada na confluencia de Iguassú com o Alto Paraná. Esta nova provincia teria por fim reviver as Missões, pela colonisação destes ricos sertões, crear uma nova Provincia de fronteira para onde se transportasse a mór parte do exercito do Rio Grande do Sul, afim de diminuir a importancia desta Provincia, que, como a de Pernambuco, tão cara tem custado e continuará a custar ao Imperio. Serviria ainda para ligar pelo commercio o resto do Brasil ao Paraguay restaurado é a Provincia de Matto Grosso. Essa Provincia se extenderia do Piratiniin ao Ivaahy, ao Norte, e se communicaria com a Europa pela Estrada Estrategica de Nova Strasburgo a Antonina, e com a America do Sul por todas as agoas navegaveis que formam a grande bacia do Prata.

Que em vez de estar-se muito immoralmente a querer que os prisioneiros paraguayos combatam contra seus irmãos, seria melhor envia-los a trabalhar na estrada estrategica commercial de Antonina a Assumpção, destinada a ligar eternamente pelos laços da amizade o Brasil ao Paraguay restaurado, pagando-se-lhes como aos nossos soldados quando em trabalhos militares. Os paraguayos são excellentes trabalhadores, sobretudo em serviço de terra, como o hão demonstrado, segundo a opinião dos engenheiros inglezes, nas obras da C. F. de Assumpção a Villa Rica.

O toque da alvorada já encontrou-me a cavallo. Dirigi-me ao Quartel General: a 1.^a e 2.^a Divisões, pelas quaes passei, estavam em fôrma, o que me deu tempo de fazer umas ultimas despedidas.

Emquanto o pratico correntino preparava o seu cavallo, chamou-me o General Osorio á sua tenda, onde se achava deitado, curtindo as dores rheumaticas que desde a vespera o perseguiram. Tinha ao lado o General Sampaio. Escrevi, dictando elle, a seguinte lembrança no meu carnet para o General Canabarro: A S. Excia. o Sr. General Canabarro, da parte do Sr. Marechal Osorio — que a sua carta foi de 9 de Agosto (!!!) e que está,



portanto, sem noticias delle e das suas operações dahi em diante(!!!).

.....

A's 6 1/4 puz-me a caminho. Manhã antes humida que fria, com bastante neblina e sem vento. A's 7 poz-me o pratico na estrada para a Federação e ás 7 1/4 passavamos pela Estancia Francisca, onde me deixou o pratico por ter o animal tão fraco que não podia continuar a viagem. O cavallo em que ia o meu camarada cançou pouco depois, sendo necessario trocal-o por outro achado na estancia, com a orelha cortada (reúno), signal de que pertencia ao Governo Brasileiro. Innumeros destes animaes fogem e ficam pelas estancias. E' ainda uma das desvantagens da guerra feita em paiz estrangeiro, onde ficam todos os animaes.

A's 8 1/4 tive o prazer de encontrar o Almirante Visconde de Tamandaré, que ia ao Exercito buscar mais tropas de infantaria e depois a Concordia, falar com Mitre.

Acompanhava-o o seu ajudante de ordem Silveira da Motta (B. de Jaceguay), mais um official de cavallaria e duas ordenanças. Dei-lhe parte da minha commissão e prosegui viagem, depois de informal-o da distancia em que se achava do acampamento de Gualeguaycito. A's 9 1/2 da manhã viajava ainda, sempre no passo tardo do animal que levava a bagagem e do segundo reúno que mal poude chegar a Federação, tal a extrema fraqueza de todos elles. A's 10 1/2 entrava na Villa da Federação, pequeno villarejo sem um só sobrado, com uma praça apenas e insignificante capellinha, e um porto sem caes, onde vimos varios hiates ancorados no arroio que lhes serve de dócas.

Dirigi-me logo ao chegar ao Escriptorio das Diligencias: informaram-me que só no dia 10 subiria a diligencia para Restauração. Fui ter com o cel. Pereira Pinto: disse-me ser impossivel obter conducção para Uruguayana que chegasse mais depressa que o "Onze de Junho", em que seguia o Almirante Tamandaré.

Embarquei-me, pois, num navio, commandado pelo 1.º tenente Netto. Informando-me do estado do sitio de Uruguayana soube, com a maior surpresa e indignação:

— Que no dia 31 o Almirante Tamandaré soubera, ao chegar em Uruguayana, por um soldado vindo em canôa, que os paraguayos estavam sitiados, desde o dia 8 de Agosto — já ha 23 dias!

— Que os paraguayos tinham encontrado em Uruguayana os



armazens cheios de viveres, porque o general Canabarro havia prohibido que os negociantes se retirassem !!

— Que esse general, depois de ter estado em Uruguayana, e gasto 8:000\$000 em esboçar umas fortificações, se retirára e deixára entrar os paraguayos estando o exercito formado!!

— Que os generaes, mesmo o proprio Barão de Porto Alegre, eram presenteados pelo inimigo com carneiros, aguardente, etc. etc., (é inexplicavel!)

— Que á vista de Canabarro tinham os paraguayos entulhado de pedras o Toropasso, passando muito tranquillamente.

— Que até 2 de Setembro entrava ainda gado em Uruguayana com destino aos paraguayos.

— Que estes só tinham 4 ou 6 peças além de armas de pederneiras, enquanto que o nosso Exercito possuia 46 peças além dos 2 cachorros que vieram de bordo do "Onze de Junho".

— Que os paraguayos, por terem pouca polvora, não respondiam aos tiros da esquadra.

— Que do Exercito se mandava tambem pedir polvora de canhão ao Almirante Tamandaré.

A uma hora da tarde fiz regressar a minha ordenança com o seguinte officio ao General Osorio, com as notas — *Reservado* — *Urgentissimo*: "Tenho a honra de communicar a V. Excia. que cheguei pelas 11 horas á villa da Federação. Informando-me do estado das operações do sitio de Uruguayana, foi com a mais dolorosa surpresa que soube que ao passo que os paraguayos se fortificavam activamente, os trabalhos de sitio do Exercito alliado, bem que composto de 16.000 homens, progrediam mui lentamente por falta de material de sapa e de pessoal habilitado para executal-os. Peço, pois, a V. Excia. que se digne fazer cessar um tão desgraçado estado de cousas, enviando o batalhão de Engenheiros, os Artifices e o seguinte material: 100 picaretas, 50 enxadas, 100 pás, 20 cavadeiras, 100 jardas de brim para sacco de terra, com agulha etc., 10 alavancas, 100 machados, 20 machadinhas e 50 foices. Este material será conduzido por terra á Federação e dalli a vapor para Uruguayana."

Informaram-me ainda os officiaes do navio que o coronel Fernandes costumava ir conversar com um frade que serve de mentor ao commandante das forças inimigas (Pe. Duarte).

— Que os paraguayos respeitaram as casas dos negociantes da Restauração que se conservavam abertas quando elles entravam.

— Que o assucar estava em Uruguayana a 640 a libra e o café a 2000 réis.

— Que no dia 2 desertaram dez paraguayos.

— Que tambem nesse dia um piquete foi surprehendido n'uma emboscada, perdendo os paraguayos 6 homens e nós apenas um sargento e um soldado. Os bonés delles são de couro, muito fortes, envernizados de preto e com a fita nacional pintada com tinta d'oleo. Todos os fuzis encontrados são de pederneira e alma lisa, exactamente como os que eu carregava quando sentei praça em 1854; as espadas são curvas; as lanças tem o ferro chato e gumes lateraes; a artilharia parece ser de pequeno calibre e sem raias.

.....

5 de Setembro. Puz no correio uma carta para meu pae participando o ter conseguido, afinal, vencer, na tenaz lucta, que ha 3 mezes sustento contra a inercia de meus miseros chefes. O commandante Netto e todos nós recebemos com a maior tristeza o aviso do Alm. Tamandaré para que providenciassemos sobre as accommodações para o general Mitre, seu Estado Maior e um batalhão argentino, que deviam seguir connosco para Uruguayana! Que vergonha, meu bom Deus! E, no entanto, ha no Gualaguaycito a melhor infantaria do mundo, que ha 3 mezes espera impaciente a occasião de castigar os invasores da sua Patria!! Ah! miseraveis diplomatas! Ah! indignos rio-grandenses! Maldição eterna sobre os causadores de tantas desgraças!

A's 6 da tarde veiu á bordo o Dr. Pinheiro Guimarães, T. Cel. do 4.º de Voluntarios, que conseguira por intermedio de Tamandaré vir com o seu batalhão. Disse-nos que esse batalhão e o 11º Provisorio de linha, formando uma brigada, estavam acampados a meia legoa de Federação, tendo partido ás 10 da manhã de Gualaguaycito, depois de estarem em fórma desde a madrugada e sem barracas desde a meia noite, em virtude das estupidas ordens do Quartel General. Afinal, apezar de Mitre, e dos miseraveis, que não tiveram a coragem de resistir-lhe, nem acharam artificios para embahil-o, como seria facil fazendo sahir logo a divisão Sampaio ao chegar a noticia da invasão de S. Borja, como num arroubo de enthusiasmo patriotico, vão sempre em soccorro de Uruguayana duas brigadas como o Dayman pedira; infelizmente com a differença de ser batalhão por batalhão e sempre sobre as ordens de generaes estrangeiros (Flores e Mitre). A fatal alliança! Amaldiçoada hora em que se assignou tão miseravel pacto!

Informou-me um dos filhos do Alm. Tamandaré que em experiencias feitas pelo Cap. Villela Tavares, no Salto, se verificou que as balas do fuzil Menié atravessam: a 20 passos, 5 couros superpostos; a 30 passos, 3 couros; a 50, 2; e a 100, nem um.



6 de Setembro. — Tive idéa de inutilizar por surpresa as seis unicas peças que possuem os paraguayos, fazendo, pela madrugada, depois duma noite de infernal bombardeio contra o reducto em que provavelmente estão montadas, escalar os parapeitos por marinheiros e soldados escolhidos levando os enormes machados de bordo para cortar os raios das rodas dos reparos e grandes pregos para encravar as peças.

Os paraguayos no dia 8 terão completado um mez de estada em Uruguayana: ter-se-iam rendido pela fome, já, apesar dos generos alimenticios que Canabarro lhes deixou si o sitio fosse rigoroso. Com effeito, 5.000 homens em 30 dias terão consumido 150.000 rações. Suppondo uma libra de carne para cada ração teremos 150.000 libras ou 300 bois de 15 a e 20 libras cada um consumidos neste mez. Dizem que elles tinham 600 e que acharam na cidade 300 saccos de farinha, 30 pipas de aguardente e os armazens cheios, de generos. Cada sacco de farinha dá 780 rações, e os 300 saccos 54.000 rações, o necessario para 11 dias. A farinha, pois, que constitue o principal alimento dos paraguayos deve estar exgotada, si Canabarro não lhes tem fornecido mais!

.....

Uruguayana será d'ora avante a palavra mais triste que poderá ouvir um brasileiro de coração: abandonada sem a minima defesa; occupada duas vezes pelos paraguayos, que nella permanecem ha quasi um mez, em frente de um exercito brasileiro, auxiliado por forças orientaes e argentinas!! Meu Deus, meu Deus, ainda não chegou a termo a dura punição de que tanto necessitava a Nação Brasileira?

A's duas da tarde chegou á Federação o General Mitre; pouco depois seguiu para bordo do vapor "União", que deve conduzir o batalhão argentino. O commandante exigiu nada menos de 6:000\$ para levar essa tropa de Federação a Uruguayana.

O 4.º de Voluntarios e o 11.º de Infantaria vieram, pelas 8 da manhã, acampar junto ao porto. Ao meio dia, saudado por foguetes (a cidade está embandeirada em honra a Mitre), chegou o batalhão argentino, em grande parte composto de italianos. A's 3 da tarde descí em terra para esperar o almirante Tamandaré, que pelas 3 1/2 chegou de carro, com o ajudante Silveira da Motta e do pratico Montenegro, chamado a ver se podia trazer a canhoneira Araguay detida no Salto. Achou secco o rio, infelizmente, a ponto de não dar passagem na cascata nem mesmo a chalanas de mantimento. Informei-me do Almirante si o General Osorio tinha dado providencias quanto ao material de sapa que



eu pedira; disse que não sabia; fiz-lhe sentir a sua necessidade e elle autorisou-me a compral-o, e mais 3 peças de lona para padiolas. Fui incontinente ao armazem do vice-consul brasileiro, e enquanto escrevia a lista dos objectos necessarios, um soldado ebrio do batalhão argentino furtou-me a espada que estava collocada ao meu lado, e já estava na rua quando o fui prevenido por um oriental. Mandeí logo dois soldados do 4.º no seu encalço e foi com difficuldade que o argentino largou a presa! Que miseria! Amanhã os jornaes orientaes e argentinos dirão que sem a bravura desses que taes os paraguayos teriam continuado a zombar dos esforços brasileiros em Uruguayana!!

O Almirante seguiu para a casa do capitão de Federação, onde se achava Mitre, e eu voltei a bordo depois de providenciar sobre a remessa dos objectos encommendados.

O General Menna Barreto vae tambem para Uruguayana pelo vapor "União". A sua physionomia denota molestia, mas ha quem attribua á politica o ter elle deixado o commando da Divisão de Cavallaria do Exercito, para não continuar sob as ordens de Osorio, inimigo da sua familia.

.....

A's 6 1/2 começou o embarque no "União" de argentinos. Eu estava assistindo a este quando o Alm. Tamandaré chamou-me em particular e disse-me que tivera com o Flores uma desagradavel discussão, ameaçando esse general retirar-se para Montivideo. Queria elle dar o ataque sem esperar 4.000 homens de reforço que estavam a chegar, principiando sem mais demora a arrazar Uruguayana.

O Almirante fez-lhe ver que os principios da guerra moderna mandam que se poupem até á ultima extremidade as vidas e os edificios civis. E para resolver este conflicto, dando tempo de chegar a infantaria brasileira, Tamandaré foi ter com o General Mitre, o qual quiz vir com todo o seu exercito. O Almirante objectou que isso feria o amor proprio nacional e só consentiu na vinda de um batalhão, que segundo Mitre, estava ancioso por combater em virtude de já estarem em Uruguayana forças orientaes.

Mitre fez questão do commando em chefe; disse-lhe o Almirante que o Governo já tinha resolvido o caso, e que elle continuaria o General em chefe (!!). Ficou muito satisfeito e declarou que deixava tambem o seu exercito e o seu ministro de Guerra sob as ordens de Osorio (mas isto não foi publicado em ordem do dia). Ao despedir-se no acampamento de Gualaguaycito declarou a Osorio: deixo-vos entregue a defesa da honra e da in-



tegridade da Confederação Argentina (não lhes faltam palavras sonoras para dourar os embustes!)

Ao anoitecer achava-me extenuado de fadiga a ponto de não poder conservar-me em pé: as noites anteriores passadas em claro, a escrever e a projectar, a viagem, o motu-continuo destes ultimos dias, os embaraços gastricos que voltaram com o frio e mudança de alimentação, alquebraram este pobre corpo, que Deus não foi servido de dar-me tão forte como a alma.

O Almirante voltou para bordo depois da meia noite, tendo estado num baile offerecido a Mitre, e ás 2 da madrugada o "Onze de Junho" carregado de tropa e munição, mais Mitre e seu Estado Maior, poz-se lentamente a subir o rio.

(*Continua*)





MYRIAM

CARLOS DIAS FERNANDES

(FRAGMENTO)

ACTO PRIMEIRO

Um dos salões do palacio de Pilatos em Berachat. Seis grandes poltronas de ebano, d'altos espaldares, de molde assyrio, dispostas ao fundo. Neste destacam-se as figuras em cinabrio de uma pintura mural representando o Rapto das Sabinas. Nos angulos, duas enormes tripodes de bronze encimadas por incensorios. Aos lados, acubitos de carvalho cobertos de pelles de leoparao. Pende do tecto um candelabro, engenhado de viboras de bronze, em cujas bôccas, voltadas para cima, se engastam lothus. Um tapete phenicio cobre o pavimento lageado de porphiro.

SCENA PRIMEIRA

PILATOS (só, passeiando na scena.)

*Um exilio tremendo esta insulsa Judca !...
Jerusalém, Cafarnaum ou Cananea
E' tudo a mesma choldra, o mesmo ambiente vil,
Povoado de trahições pelo judeu hostil.
Chama-se a isto, a esta miseria, a Palestina!
Trouxe-me a tal desterro a minha sorte mofina,
O meu funesto amôr! oh! que desgraça ultriz!
Cesar, que tudo pôde, assim friamente o quiz.*

*Elle em Roma enthronado, a governar o mundo,
Expandindo na côrte o seu genio iracundo,
Cheio de bens, vacuo de fel, ebrio de amôr,
Abatendo aos seus pés a virtude, o valor,*



*A honra conjugal, o talento, a beleza;
E eu, seu forçado exul nesta ingrata aspereza,
Moído de rancor, com saudade dos meus,
Nesta horrível missão de governar judeus.*

SCENA SEGUNDA

(Batem á porta do fundo: é MANLIUS, amigo de PILATOS)

PILATOS

Entre quem fôr.

MANLIUS (entrando)

Sou eu. Dás-me licença, amigo?

PILATOS

*Seja bemvinda a graça ao tetríco jazigo,
A' florida masmorra!... A que devo o prazer
De a estas horas taes em Berachat te vêr?*

MANLIUS

*Entrei por te abraçar, cavaquear um pouco.
Estive em Jerusalém, vendo o Rabino, um louco;
Um visionario, infenso ás regras do Talmud.
Esses judeus são bons! Bem os conheces tu...*

PILATOS

*Uma raça de cães, de escribas e prophetas,
Refinados ladrões, que se fazem patetas,
Por fugir ao tributo e sophismar a lei.
Nasce astuta e ladina a gente dessa grey.
Quando na rua encontro um judeu pequenino,
Digo entre mim: ladrão, publicano ou rabino.*

SCENA TERCEIRA

(Batem de novo á porta: é BAR-ABBÁS (tio de Myriam))

BAR-ABBÁS (entrando)

*Seja contigo Zeus, Pilatos, meu senhor,
Romano cidadão, nobre procurador
De Tiberio immortal, a que o mundo obedece...*



PILATOS

*Quanta zumbaia em vão! Manlius já te conhece,
Finório malandrim, pernóstico intrução.
É's capaz de intrigar a tua própria nação;
De vender a teu pae e a teu melhor amigo.*

BAR-ABBÁS

*Que negocios de trus; lá tanto assim não digo.
Comprar e revender eis o supremo fim
Do homem, seja apóstolo ou chatim.
Pilatos, todos nós somos negociantes.
A vida que mais é? — feira de traficantes —,
A que nos imos, porfiados, em tropel,
Vender gato por lebre e peçonha por mel.*

MANLIUS

Extranha e pittoresca essa philosophia...

BAR-ABBÁS

*Nasceu-me da razão decepcionada e fria;
Dictou-ma o soffrimento, a magua, o dissabor,
A impotencia do odio, a traição do amôr.*

PILATOS (sarcastico)

*Ao que ouço dizer, se não me falha o ouvido,
O amigo Bar-Abbás teve o seu lar trahido?!*

BAR-ABBÁS

*O lar ! muito bem fôra; o trahido fui eu:
— Carregou-me a mulher um franchinote hebreu,
É sem hesitações, fintas ou pannos-mornos,
Deixou-me de lembrança uns taurinos adornos.*

MANLIUS

Ora viva o rival do patriarcha Moysés!

BAR-ABBÁS (pathetico)

Manlius, não estropies a Biblia, por quem és!



PILATOS

*Em nome da moral, um ponto nesta scena.
Dize-me, Bar-Abbás, quanto custa a pequena,
A famosa Myriam, que me queres vender?*

BAR-ABBÁS

*Pequena! um mocetão, mesmo para se vêr...
Vender amôr, o mais honrados dos commercios...
Dás, sem tirar nem pôr, sessenta mil sestercios.*

PILATOS

*Apre! que pensas tu', jubilado aguazil?
Não vivo de roubar; dou-te quarenta mil.
Ninguém te offerecera um preço de tal monta.
A quantia invulgar ha de fazer-te conta:
Quarenta mil! repara, é bem paga, convéns.*

BAR-ABBÁS

*Feito. Levas de graça o melhor dos meus bens.
Myriam é um brinco, um mimo, um lyrio aberto.*

MANLIUS (ironico)

Fechado. já se vê, custava mais, de certo...

BAR-ABBÁS (desdenhoso e abespinhado)

*Vocês romanos são grosseiros e sensuaes,
Fortes, bellos, viris, garbosos animaes;
Amadores do luxo, eximios comilões;
Mas quanto a sentimento, a extase, a emoções
Deante do bello e do esplendor da natureza,
Vocês, bravos heróes, não passam, com certeza,
De uns scythas de cothurno a rugir em latim.
O vosso imperio é grande, é faustoso, é sem fim,
Mas, em verdade, sem rebuço e sem facecia,
Tudo o que haveis de bom copiastes da Grecia.*

MANLIUS

*Refrea um pouco a lingua, amigo Bar-Abbás!
Pelo teu mesmo Deus, penso, não quererás*

*Derribar da Judéa as collinas de Roma.
 E' parvo como tu' quem ao serio te toma.
 Escuta-me, entretanto, ineffavel sandeu:
 — Foi por obra do amor que o meu paiz nasceu.
 Roma é a construcção maior da humanidade.
 Offusca-se por ella o resplendor da Hellade.
 Os povos do deserto, os imperios dos reis,
 Quer barbaros ou não, vivem de suas leis.
 Nós fizemos, luctando, a communhão das gentes;
 Reunimos no direito os povos differentes;
 Erguemos á Justiça um evterno padrão...
 Tu' proprio, Bar-Abbás, tua mesma Nação,
 O Sanhedrim, os teus costumes, o teu povo
 Tendes vida actual, pelo regime novo,
 Que vos trouxemos nós, com as nossas legiões.*

BAR-ABBÁS (a MANLIUS)

*Falas como um tribuno, arengando as razões,
 Com que convence á turba os seus cautos intentos.
 Podem ser como são grandes os teus talentos:
 A mim nesse aranhol não me enrodilhas tu'.
 Antes das vossas leis, tinhamos o Talmud;
 Tinhamos as tradições, as lendas da Judéa;
 Os nossos poemas, nossos cantos, a epopéa
 De um povo, que marchou, conduzido por Deus,
 Através areiaes, desertos e escarcéos,
 Para estreitar e approximar a humanidade
 Nos principios da fé, do amor e da piedade,
 Em todos acordando a mesma aspiração
 A uma patria commum: — Terra da promissão.*

PILATOS (escarninho)

*O histrião Bar-Abbás revela-se patriota;
 Seria um Scipião se não fosse idiota.
 Faz de propheta rebellado e de chatim;
 Vende, conspira e trahe para chegar ao fim.
 Achas então mesquinha a obra dos romanos?
 Raça de phariseus, corja de publicanos,
 Fedorentos chacaes, raposas de má-fé,
 Vocês merecem forca e tratos de polé.
 Vir-se de Roma governar esta canalha,
 Esta plebe sem nome, esta immunda gentalha,*



*É ainda os aturar nessas murmurações!...
Todos os dias, são intrigas, são questões,
Torpes enredos, atoadas, vilanias,
Furtos, altercações, miserias, judiarias!...
Ah! que não sejam lava as águas do Cedron!*

BAR-ABBÁS (unctuoso)

*Tu' falas por falar; és generoso e bom,
Fiel procurador do supremo Tiberio.
Sabes como ninguém aos negocios judeus.
Devias ingressar na ordem dos saduceus,
Tornando-te por isso um hebreu honorario.*

PILATOS (risonho)

*De lepra já me basta esse horrendo fadario
De me vir encalhar nesses vagos confins,
Para assistir a synagogas e purins.*

MANLIUS (conclusivo)

*Mas em que fica então a compra da pequena?
Sempre a queria vêr. Vale ou não vale a pena?
Essas judias, muitas vezes, cheiram mal:
Nutrem-se d'alhos crús, ungem-se de copal...*

BAR-ABBÁS

E' precaução talvez contra a gafa romana...

PILATOS (a BAR-ABBÁS)

Quando me trazes a gentil samaritana?

BAR-ABBÁS (emphatico)

*Com muito orgulho meu, nazarena, aliás;
De pocilgas não vem gente de Bar-Abbás.*

(Noutro tom)

*Sim, tú dizes trazer; mas o preço, o dinheiro!
Não t'a posso ir buscar, se não pagas primeiro.*



*Tenho a jornada, uma alimaria de aluguel,
Alguma cousa a ella, aprestos, o farnel...*

PILATOS (epigrammatico)

*Eis o judeu bufarinheiro e calculista,
O fino mercador, o traficante artista,
Que adquire por um para vender por mil.
E' todo manha, é todo astucia, é todo ardil;
Põe a vida, a familia, a honra d'almoeda;
E com tal geito tece e com tal labia enreda,
Sorrindo a reluctar, maneiroso e loquaz,
Que necessariamente acaba triumphando,
Sordido, mercantil, mas vendendo e lucrando!*

(sentencioso)

*O mundo, ao que presinto, algum dia, será
Pelo judeu vendido em nome de Jehovah.*

(Fere com um martello um tympano de prata. Aparece
o servo THORIX, a quem se dirige):

Entrega a Bar-Abbás quarenta mil sestercios.....

BAR-ABBÁS

*Vender amor, o mais honrado dos commercios!
Poncio, Manlius, adeus; senhores, até mais ver.*

(Com hypocrisia)

Muito, em Jerusalém, custa um pobre viver!...

(sae)

SCENA QUARTA

(Aparece de novo THORIX, que annuncia a PILATOS
CAIPHÁS e GAMALIEL)

THORIX

O grão-padre judeu manda pedir licença!



PILATOS (a MANLIUS)

*A esta hora, Caiphás ! Estranhavel presença !
Novo embroglío ha de ser. Que entre o padre judeu!
Que exhaustivo e massante o populacho hebreu!*

MANLIUS

Vale! Deixo-te só. Mais logo vêr-nos-hemos.

(Saem MANLIUS e THORIX)

SCENA QUINTA

(Entram CAIPHÁS e GAMALIEL)

CAIPHÁS (a PILATOS)

*Poncio, por nossa lei, juntos aqui viemos;
Precisamos falar-te eu e Gamaliel.*

PILATOS

*Em nome de Joazár, do patriarcha Hillel,
Sacerdotes, falae que attento vos escuto.
Não vindes pleitear dispensa do tributo?!*

CAIPHÁS

Certamente que não!

GAMALIEL

Seguramente não!

CAIPHÁS

*Passemos, sem demora, aos termos da questão:
— Pilatos, um rabbi, filho da Galiléa,
Explora pelo templo a estulticia plebéa
Pregando a insurreição, proclamando-se Deus,
Ferindo a santa fé dos preceitos judeus...*



GAMALIEL (persuasivo)

*Injuriando a Moysés, desmentindo os prophetas,
Açulando o furor das turbas irrequietas
Contra a ordem moral e as prescripções da lei...*

PILATOS (desinteressado)

*Nessa emergencia tal, eu de mim que farei?
E' vossa a religião que esse rabino ultraja,
O vosso Sanhedrim que com elle se haja.
Eu não posso, eu não quero, eu não devo intervir
Nessas questões e nem me cumpre discernir
O que deliberaes nessas cousas privadas.*

CAIPIHÁS (obvindo)

*E o cumprimento das sentenças decretadas?
A urgida applicação do direito penal?*

GAMALIEL (conclusivo)

A punição do crime e a repressão do mal?

PILATOS

*Isto concerne ao fim, vós estaes no começo;
Não queiraes inverter a marcha do processo.
Minha jurisdicção só vos pôde abranger
Na esphera do direito. A esphera do dever
Inclue-se na moral. E' Jesus criminoso?
Ou simplesmente um discordante temeroso
Da vossa religião e principios de fé?
Comprehendereis que andar pregando em Nazareth
Mesmo em Jerusalém, no Egypto ou em Cesaréa,
Não é crime ante as leis vigentes na Judéa,
Desde que o pensamento e as expressões oraes
Não firam Cesar nem seus preceitos legaes.*

GAMALIEL (reluctante)

*Poncio, a voz da razão vem-te falar de novo.
Não ha povo sem fé, nem ha nação sem povo.
Contra essa fé commum levantar discussão
E' melindrar o povo e aviltar a nação.*



*E' isso e muito mais o que Jesus tem feito.
E attenta, attenta bem: ainda não satisfeito
De nos magoar a nós e de infringir a lei,
Fere a Cesar tambem, proclamando-se rei!...*

PILATOS (embaraçado)

*Bem; não sabia eu, esta face é uma face nova
Da proposta questão; faz-se mister a prova.
Vós, doutores da lei, ide ouvir a Jesus
Pois que o delicto seu pôde leval-o á cruz.*

CAIPHÁS

*Testemunhas não ha; só se o réo fôr confesso.
Sacerdote e juiz, em nada me interesse,
Que não seja a verdade, a justiça e a razão.*

GAMALIEL

*Elle confessará, por mera presumpção.
"Filho de Deus", sua prosapia de ladino
Fal-o perder o senso e revirar o tino.
Quem nega os nossos paes e critica a Moysés,
Calcando crenças, leis e tradições aos pés;
Quem anda a injuriar no portico dos templos
As lettras do Talmud, que nos servem de exemplos
E inspiram pelo mundo a nossa directriz,
Deve-se honrar a si, sustentando o que diz.*

PILATOS (enfadado)

*São sempre por questões de phrases e de ritos
Os diurnos motins e infindaveis conflictos
Do vosso povo hostil, reluctante e brigão...
Assim, pesa-me muito a dura obrigação
De levar por deante esta magistratura...*

CAIPHÁS (com solennidade)

*Reverentes fieis á tua compostura,
Ao teu criterio, ao teu juizo, ao teu saber,
Vimos cumprir somente o civico dever
De te informar de uma imminente sedição,
Que pôde corromper, dividir a nação,
Já de si tão infausta e amarga e flagellada!...*



PILATOS (austero)

*Não estamos a pensar sangria desatada.
 A ambos disse-vos já meu franco parecer:
 — Esquivança e prudencia e não me intrrometer
 Na vossa religião nem nos pleitos privados.
 Sois doutores da lei, sois também magistrados,
 Concordareis que é este o meu melhor papel.
 Ouvi-te discorrer, ouvi a Gamaliel
 E de nada inferi motivo e procedencia
 Para o que requireis com tamanha insistencia.*

CAIPHÁS

Agiremos por nós mas confiando em ti.

GAMALIEL

*Para te consultar é que viemos aqui.
 Nisto muito se impõe teu sisudo criterio.
 Essa questão requer todo o nosso elasterio
 De conspícuos varões e subditos hebreus:
 — Correm perigo a nosso patria e o nosso Deus.
 Tu encarnas em ti o Imperio Romano,
 O infrangível poder do Cesar soberano,
 Monarcha universal e principe dos reis,
 Que nos protege com o seu sceptro e as suas leis.*

CAIPHÁS

Cesar é o nosso Rei, defensor da Judéa.

PILATOS

*Por isso é que a sua mão ponderada refrea
 O arbitrio illegal, o odio, as impulsões,
 Que podem subverter os povos e as nações,
 Confiantes no seu infallível palladio,
 No seu mando de rei, na força do seu gladio.*

(Entra o servo THORIX)

THORIX (a PILATOS)

No vestibulo, alguém deseja-te falar.



PILATOS

Que espere um pouco mais; faça depois entrar.

CAIPHÁS

*Com tua permissão, Pilatos, já nos vamos.
Desculpa o tempo irreparavel, que roubamos...*

GAMALIEL

Desculpa o tempo, a sêca e esta importunação...

PILATOS (amavel)

*Vós sempre me deixaes uma grata impressão.
Os hebreus são gentis, argutos, maneirosos:
Um povo original de prophetas jocosos,
De patriarchas senis, trovadores sensuaes;
Psychologos do amor, pessimistas joviaes
Como o soturno Job; philosophos romanticos
Como o rei Salomão no "Cantico dos Canticos".*

(Saem CAIPHÁS e GAMALIEL com salamaleques a PONCIO,
que murmura enfarado):

Apree! corja immoral, raça espuria e malsã!

SCENA SEXTA

(MYRIAN, entreabre a porta, apparecendo)

PILATOS,

*Princeza de Judá! eras tú, Myriam?
Entra, lyrio em botão, mirifico remedio
Contra o secreto mal, que me duplica o tedio.*

MYRIAM (abraçando-o de joelhos)

*Prosterno-me aos teus pés, magnifico senhor!
Sou duplamente escrava, aqui me tens, amôr!
Abraça-me; sacia os meus loucos desejos;*

*Quero-me incendiar nos teus famintos beijos
 Como no fogo a myrra e depois fluctuar
 Intangível, subtil, nuvem desfeita no ar...
 Nem te posso exprimir minha doida alegria...
 Como anciei, soffri, por tão custoso dia!...
 Este era o meu supremo, o meu grande ideal,
 O meu sonho constante, o meu secreto mal!
 — Escrava tua! oh! que ventura inenarravel!
 Pilatos, como tú és sublimemente amavel!
 Refolhavas contigo a surpresa gentil
 Nesse bondoso peito athletico e viril,
 Meu tepido coxim caricioso e brando,
 Onde me apraz ouvir teu coração pulsando,
 A medir e a contar, clepsydra interior
 Instante a instante, o nosso enternecido amôr!*

(Reparando em PILATOS, que descora)

*Mas que tens tú, lindo varão, que impallideces?
 Já não gostas de ouvir as fervorosas preces
 Da tua Myriam sempre doida por ti?!*

PILATOS (sombrio)

*Os instantes de amôr que contigo vivi
 Viverão dentro em mim toda a minha existencia,
 Resabios immortaes da tua meiga innocencia
 Applacando a tensão da minha dôr cruel.
 Ai de mim, que me fiz um barathro de fel
 Macerando o ciume, o rancor, o despeito!...
 Não atino por que me sinto contrafeito
 Em presença do teu casto e profundo olhar,
 Quando, contigo a sós, resolvo-me explicar.
 E' tão simples dizer... uma infelicidade...
 Um desvio do senso... uma puerilidade...*

(Noutro tom)

*Myriam, não te magoes; este palacio é teu,
 Uma lembrança minha, um presente plebeu.
 Quizera-te offertar a Palestina toda,
 Com floridos jardins e salguciraes em roda,
 E dentro nella um throno de ebano e marfim,
 Onde fosses rainha, acclamada por mim.*

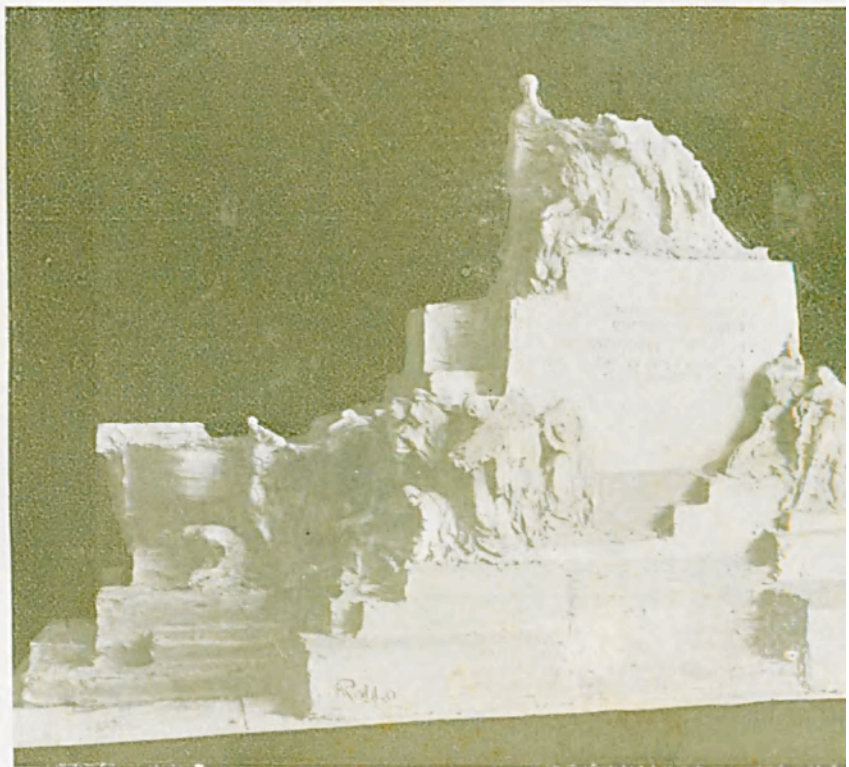


GRANDES VULTOS DO PASSADO

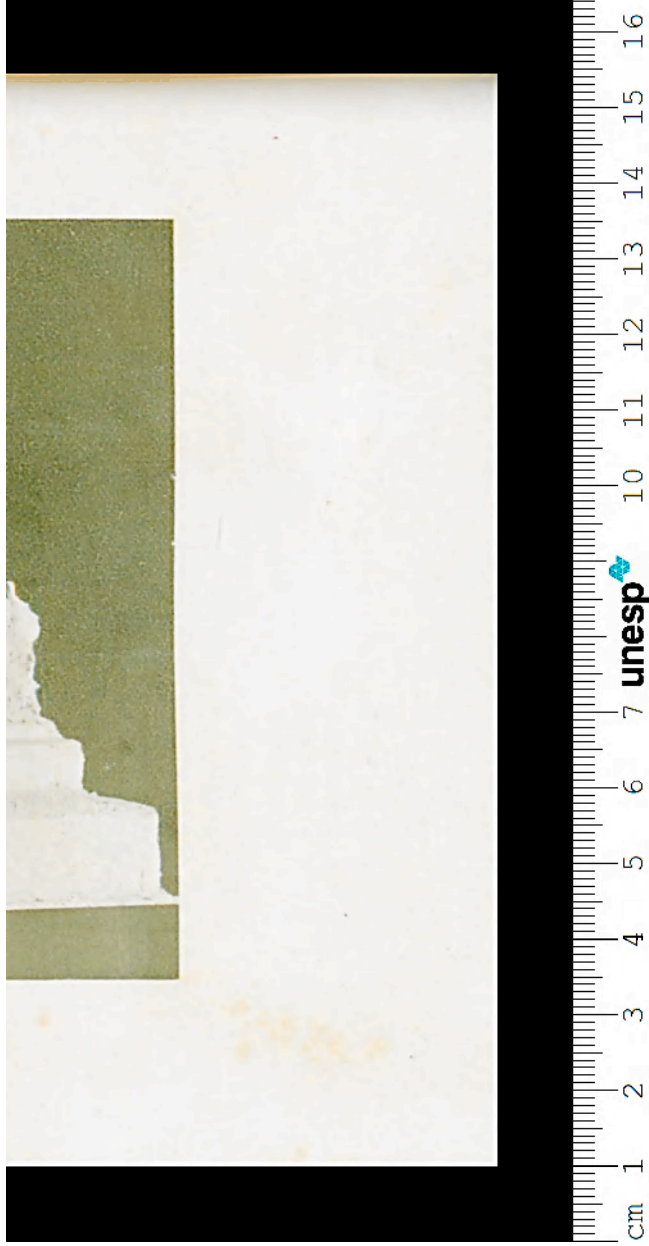


Engenheiro André Rebouças

ARTE NACIONAL



N. Rollo: — Proyecto de monumento aos Andradas



MYRIAM (pasmada e afflicta)

*Pilatos, que afflicção! Que intrincado mysterio!
Supplico-te por Deus! Estás falando a serio?
Não brinques, meu amor, não queiras-me affligir!*

PILATOS (commovido)

*Quero dizer-te adeus porque devo partir.
Nunca mais te verei!... Morre, minha esperança...
De que vale almejar um bem, que não se alcança?!
Pilatos, meu amôr, aonde quer que os destinos
Te levem, seguir-te-hão meus olhos peregrinos
Como dois cães fiéis. Toda a minha alma é tua;
Todo este coração, que d'ancias tumultua,
É teu, vive por ti, por ti se despedaça.
Não podes conceber a dor, que me trespassa,
Nesta hora mortal do nosso extremo adeus!...*

PILATOS

*Perdôa Myriam, lume dos olhos meus;
Roseira do Saharon, lyrio branco dos valles!
Não me deites mais fel nas fezes do meu calix...
Myriam, Myriam, nunca te ameí, perdôa!...*

MYRIAM

*Pilatos, quanto mais teu verbo me magôa
Mais o som dessa voz canta nos meus ouvidos.
Vives em diffusão dentro nos meus sentidos;
Vejo-te sem te olhar, de palpebras fechadas;
Habitas no meu sêr, trago as mãos perfumadas
Dos teus cabellos; sinto, em vividos resabios,
Por todo o corpo a unção dos teus formosos labios;
Sou um cantharo hebreu, cheio do teu amôr.*

PILATOS (enternecido)

*Amphora, entorna ao chão esse impuro licôr,
Viscoso como a lama esteril do Asphaltita.
Vae-te purificar no Jordão, Sulamita!
Devo partir, adeus, não te verei jámais.*

MYRIAM

*Mandar-te-hei pelo vento o éco dos meus ais
A Hispali, a Roma, ao Egipto, a Hellade;
Guardarei teu perfil n'ambula da saudade,
E aonde fôres contigo irá meu pensamento.*

PILATOS

*É eu nem sequer mereço e teu esquecimento
Mas a condemnação de te haver enganado.
É falso, Myriam, tudo que te hei jurado.
Fico em Jerusalém; não partirei, descança.
Alimentei-te n'alma a perfida esperança
De vivermos os dois eternamente unidos...
Chimeras, illusões, desejos fementidos.*

MYRIAM (cariciosa)

*Conta porque te vaes, dize por que me deixas;
É hei de suavizar todas as tuas queixas
Com lagrimas de amôr, enternecidamente,
É por ellas verás que o meu labio não mente,
Jurando-te a paixão, que me devora o peito!*

PILATOS

*Não quero pungir mais teu coração perfeito.
Um vaso de chrystal florido de açucenas...*

MYRIAM

*Pois entorna-lhe dentro o fel das tuas penas
É conta-me a razão por que te não mereço.*

PILATOS (sombrio)

*Não se podem contar as penas que eu padeço...
As aguas do Cedron são menos volumosas.
Imagina um moital de plantas espinhosas
Entretecido e secco á beira de um caminho
Deserto, e dentro nelle um passaro sósinho,
—Que as duas asas em vão no ambito estreito espalma...
Para se desprender... e ahí tens a minh'alma.*



MYRIAM

Mas aonde quer voar o passaro captivo?

PILATOS

*Ao ninho, onde gorgéia outro passaro esquivo,
Que o não ama talvez...*

MYRIAM

*Ora, afinal que o dizes...
Pilatos, meu amor, somos dois infelizes:
Eu porque te amo em vão, tu porque amas alguém,
Que te chumba aos grillhões de um tacito desdém.
Façamos communhão nessa infelicidade;
E' mais um élo vão de atroz afinidade
Entre nós dois; agora, amo-te mais ainda.
Dize-me: — Essa mulher, que te despreza, é linda ?*

PILATOS

*Linda?! Que dizes tu?! Divinamente bella,
Tão pulchra, Myriam, que te esqueço por ella,
Por minha Claudia, a flôr das patricias romanas.*

MYRIAM (em lagrimas)

*Basta, por Jehovah! Que palavras tyrannas!...
Porque as soffro por tí, deleita-me soffrel-as.*

PILATOS

Oh! Myriam, tú és uma escada d'estrellas...

MYRIAM

*De que não mais Jacob, sonhando, se debruça,
Mas por cujos degráos a minh'alma soluça,
Beijando, com ternura, a sombra dos teus rastros.
Ah! quem me dera ser uma cadeia d'astros,
Para te agrilhoar nos meus élos de luz...*

PILATOS

*Todos nós, Myriam, temos a nossa cruz,
Adeus, meu lindo amor, dá-me o ultimo beijo...*

MYRIAM

*E é para sempre o adeus? Eu nunca mais te vejo?
Fala, tem compaixão; dize-me aonde vaes...*

PILATOS (sahindo)

E' para sempre o adeus; nunca mais, nunca mais.





“CHICA MUDANÇA”

POR

NICOLÁU PERO

A noticia, cochichada de ouvido a ouvido, esparramou-se rapidamente. A “coisa”, depois de correr Secca e Mecca, aportara a Tapioca, eleita agora centro de operações.

Mas Tapioca, que tinha brio, havia de repellil-a com nojo. Errara os seus calculos a judia errante, ia ver!...

A noticia que eriçara o pello, tão sensível, da população de Tapioca, dizia respeito á Chica Mudança, que ancorara ali, com projectos, imaginaveis, de desligar casaes honestissimos, explorar os papalvos e largar vélas depois, em busca de coisa melhor.

Aboletara-se a mulher n’uma casa da “rua do piolho”, ruella escusa á sahida da villa, contando certamente que ali poderia receber as visitas que entendesse, sem graves consequencias para a bôa fama dos transgriores do pacto conjugal.

Sim, porque, a não ser os homens casados, quem é que lhe podia manter o luxo, si os solteiros de Tapioca não botavam roça e viviam numa constante quebradeira?

A “rua do piolho” gosava de pessimo renome, e as casas que a povoavam, formando uma longa fila, colmadas quasi todas de sapé, abrigavam casaes de duvidosa união legal.

De manhan, quem passasse por lá via mulheres sentadas á soleira, segurando entre os joelhos a cabeça das filhas. Catavam-nas e iam pachorrontamente estalando os piolhos entre os pollegares.

D’ahi o suggestivo nome da rua, onde arranchara a “coisa”.

Coisas feias se diziam á conta dessa mulher endiabrada: que botara a perder muitos maridos, separando-os das esposas; que arruinara alguns; que já fôra causa de muitas brigas, tiros, facadas, o diabo! Inda assim tolos havia que, enfeitçados pela des-pudorada, lhe seguiam as pegadas, num “rabicho” perenne...

O allivio das mulheres enganadas, porém, era que ella não parava em parte alguma e vivia de déo em déo. Viéra d'ahi a sua alcuha de Chica Mudança. A' chegada da sem-vergonha, as mulheres de Tapioca prevendo desavenças conjugaes, trataram de pôr em seguro a fidelidade dos respectivos maridos.

Collaram-se a elles e mal cahia a noite, nenhum tinha licença para sahir fóra, inda que para coisas urgentes.

No primeiro domingo passado lá já a Chica Mudança affrontou os brios da população de Tapioca, cynicamente. De sainha curta, cabellos aparados rente ás orelhas, como uma menina, suhira descansadamente a Rua do Commercio, bamboleando o corpo, rumo da igreja.

As senhoras de Tapioca cerraram as portas e ficaram a espial-a pelos desvãos. Ai! se olhos matassem, a Chica teria cahido de chofre, em plena rua, espetada pelas espias.

Chegada á igreja, a Chica foi entrando, com um desembaraço de quem está em casa sua. Approximou-se da pia, molhou o dedo e benzeu-se, debaixo dos olhos arregalados dos circumstantes, apalermados deante de tal atrevimento, e deixou-se ficar no meio da igreja, em um logar á parte, ajoelhando-se e levantando-se conforme o sacristão mudava o livro em que rezava o padre...

As mulheres piedosas — e Tapioca as contava em grande numero — estavam estouram não estouram de indignação:

— Ora vocês já viram uma profanação destas? — cochichavam umas ás outras.

Felizmente a mulher, antes do padre deitar a benção final, lembrara-se de sahir, não sem, da porta, volver um longo e atrevidissimo olhar para o grupo dos moços, que, mau grado seu, a acompanharam, curiosos, até perdel-a de vista. Uns herejes!..., disseram as beatas.

As moças tambem não deixaram de notar a curiosidade do grupo masculino, e um ciumezinho, misturado de despeito, picou-as lá por dentro.

Mas, para garantia dos seus coraçõezinhos de enamoradas, os moços de Tapioca não tinham lá o habito de trabalhar e consumiam os dias ponteando violas, com as algibeiras tão limpas de dinheiro como a alma de peccados. Assim a *vox populi* deixava-os em paz para só desconfiar dos que possuiam o dinheiro necessario para peccar.

*
* *

O tempo escôou. Apesar dos esconjuros a Chica persistia em contraditar o nome, permanecendo em Tapioca. Parecia que tinha afinal encontrado a terra da promissão.



E uma pergunta gyrava no ar, sem resposta: Quem a sustentava?

A mulher vestia do bom, comia do melhor, e consumia quanta cerveja e latas de goiabada tinha o Manoel da venda, que começou, dess’arte, a fazer o seu pé de meia á custa da Chica Mudança. Alguem pagava aquillo. Quem seria?

Isso preocupava seriamente as bôas damas da terra.

Cochichava-se muita coisa. E as mulheres, incapazes de atinar com o X do problema, procuravam “caçar” os maridos. E assim, noite alta, depois do carimbo na casa do coronel Sampaio, — que passava por ser o mais perfeito dos maridos, — estabelecia-se, cobertores a dentro, o jogo do empurra.

Mendonça, a quem a mulher fazia perguntas irritantes a respeito da “coisa”, depois de tranquillizal-a, dizia em voz baixa, como o mysterio pedia:

— Dizem que quem paga aquillo é Teixeira!...

E a esposa, n’um arrepio:

— Coitada da Dodoca! Que perverso!...

Teixeira, por sua vez, depois de jurar á esposa, á mesma hora, a mais limpa das fidelidades conjugaes, segredava baixinho:

— Dizem que quem paga aquillo é o coronel Sampaio!

E a cara metade, num assomo de indignação:

— Que sem vergonha! Coitada da Filoca, tão bôasinha! O que são os homens!...

O coronel Sampaio, com a mais candida das innocencias, á mesmíssima hora, assegurava á esposa a sua inatacavel honradez, e dizia-lhe ao ouvido — o perverso! —, pedindo reservas:

— Olha, dizem que quem marcha em tudo aquillo, e em mais coisas, é o vigario!

E a bôa senhora, cabellos eriçados, num assomo de estupor:

— Credo, gente! E a *tal* não tem medo de virar mula-sem-cabeça?...

E benzia-se, com extrema piedade, para esconjurar o perigo...

Só o vigario, não podia lançar a culpa ao Teixeira pela simples razão de não ser casado e não ter de noite com quem cochichar...

*

* *

Mas a Chica Mudança embirrara em não mudar-se, e isso começou a exasperar as pacientes damas de Tapioca, que, apezar das cautelas nunca dormiam socegadas.

Assim é que cada qual reflectia lá comsigo que, se o marido da



outra já peccara contra o thalamo conjugal, não seria de todo inadmissivel que o seu caisse em tentação. Pois até pae Adão não fizera o mesmo sabendo que ia perder o paraíso?

Uma noite Mendonça voltou do carimbo mais tarde que de costume, e aquillo não cheirou bem á mulher.

Desconfiada por indole, entrou-se de duvidas ante a eterna cara de innocencia do marido. E como não fosse mulher para admittir reticencias quiz as coisas em claro e deu o brado de alarma.

Reuniu uma noite em sua casa as amigas, e todas confabularam sériamente, como um commando superior em vespervas de batalha campal.

Ao cabo D. Fifi propoz que se lançasse agua a ferver sobre a regateira, quando a vissem passar na rua, como se faz aos cães vagabundos.

Intimamente, porém, cada qual commiserava-se da outra, lembrando-se do segredo que lhe contara o marido:

— Coitadinha, se soubesse...

D. Dodoca, que até ali se conservara calada, quebrou alfim o silencio, e sentenciou com profunda exasperação:

— O que é factó, minhas amigas, é que uma de nós está sendo miseravelmente trahida, e aquella "coisa" não se resolve a mudar, e continua ahi cada vez mais pimpona e chibante!... Ora aqui ha dente de coelho...

Dito o que, e apoiada pelas outras, propoz que se procedesse a uma energica vigilancia afim de descobrir o melro e cortar-lhe as azas, impossibilitando-o, assim, de fazer os seus passeios nocturnos.

Mas, quem se incumbiria de sondar os passos do mysterioso pagante?

Depois d'alguma indecisão resolveram recorrer ao Serelepe. E Serelepe foi chamado, sem mais demora.

Era este Serelepe um negrinho madraço, que vivia de casa em casa a filar almoço, fazendo em troca pequeninos serviços.

Preto, retinto, de labios grossos e vermelhos, dentes muito alvos e olhos grandes em eterno regyrrar nas orbitas, parecia um sacy, o moleque. E era mesmo um sacy, de duas pernas.

D. Filoca amimou o negrinho e foi-lhe dizendo:

— Olha, Serelepe, você vae nos fazer um serviço. Queremos saber quem é que entra, todas as noites, na casa da Chica Mudança... Você trepa naquella arvore que ha perto da casa della, e fica lá muito quietinho, para não ser descoberto...

E, accrescentou, abaixando a voz.

— Depois você nos vem contar o que viu que te daremos uma pratinha.



Serelepe, admirado, abriu a sua maior bocca, e, depois, com um sorriso largo, maligno, e os olhos a sambar nas orbitas, exclamou, mostrando a longa fila de dentes alvos:

— Uai!... então precisa tudo isso p’ra vêr quem é que entra na casa da Chica Mudança?!...

E, contando nos dedos, acrescentou, desabridamente:

— Olha: eu já vi lá o *seu* Mendonça, o *seu* Teixeira, o *seu* coronel Sampaio, e outros. A bem dizer só não vi entrar ainda o *seu* vigário...

Resultado: cinco: — *Ai, meu Deus!* — pronunciados ao mesmo tempo, e cinco chiliques. Serelepe, assombrado, deu força às canellas e azulou. Perdeu, dess’arte, por excesso de amor ao pêlo a rica pratinha de dez tostões...





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

XXXIX

Ia intensa a azafama no centro da cidade.

Bondes que chegavam do Braz, ou que desciam da rua Direita e Marechal Deodoro, carros, carroças e automoveis, com estrepito infernal, a soar campanas, a buzinar, a rodar de todos os lados, fazendo recuar em magotes a multidão apressada, o clamor das vozes, os gritos de annuncio, o passar e repassar de rostos dos mais variados matizes e aspectos, tudo como que arrastado num redemoinho fatal e louco, immensa mole disparatada, onde homens, mulheres e creanças, representantes das raças mais diversas e extremadas, se baralhavam no mesmo tumulto de movimentos, de attitudes e de sons — esse espectáculo, com ser diario e comezinho, produzia na alma de Angelo effeito singular, comparavel ao de um grande silencio de deserto. E vinha-lhe a sensação de estar só em mundo longinquo e extravagante, afigurando-se-lhe que tamanho revolutear de gente e de vehiculos não passava de vasta illusão, de cujas espiraes procurava inutilmente libertar-se como de um pesadelo estonteador, tenaz, confuso e multiforme...

O sol, batendo nos vidros dos mostruarios fronteiros, produzia a illusão de incendios deslumbrantes. Senhoras ricamente trajadas passavam imponentes, sem sorrisos, os rostos cobertos de carmim... E uma sorte de immenso resflego de machinismos, partido não se podia saber de onde, parecia acompanhar o rythmo da vida da cidade, áquella hora.

Angelo atravessou o largo do Thezouro, seguindo pela rua Quinze de Novembro, rumo da Praça Antonio Prado. Seu estado de espirito era um mixto de nervosismo e de desalento. Nos ultimos tempos havia-lhe diminuido enormemente a esperanza de realizar os seus sonhos. E sua alma entrára como num vacuo tenebroso onde não existia nenhum motivo de viver. Todos os apoios moraes de sua existencia faltavam, deixando-o como suspenso no nada.



Acreditava que Maria Luiza correspondia ao seu amor. Alentava-o, ainda poucos momentos antes, o sentir contra o peito a cartinha recebida havia poucos dias. Mas de que valia isso, se entre os dois se cavava um abysmo? Ella o iria esquecendo aos poucos. Dentro de algum tempo surgiria um outro pretendente e a vontade ferrea do pae acabaria por triumphar... E eil-o só, sem arrimos, sem sonhos, sem saber o que fazer da vida... Felizes os que nunca sahiam do seu torrão! Ao menos viviam e amavam como que numa grande familia, não sabiam o que era o supplicio de se sentir estranho e só no mundo... E pensar que Pataracchi ia tirar, a poder de promessas de riqueza e prosperidade, innumeradas familias das aldeias onde tinham por assim dizer as suas raizes... Quantos como elle não viriam mais tarde a padecer semelhantes angustias, em virtude desse movimento que tanto enthusiasmára a Luciano...

Mas taes reflexões não eram bem sinceras. Surprehendia-se a cada momento todo entregue á esperanza tenacissima, á irresistivel necessidade de crêr que Maria Luiza havia de ser sua esposa. A visão daquelle rostinho ruborizado, das duas vertigens escuras daquelles olhos, o timbre de oiro daquelle voz e até o perfume por ella usado — tudo o possuia inteiramente, fazendo-o andar como um sonnambulo por entre a multidão barulhenta e apressada...

Ao defrontar o café Guarany, avistou á entrada Remigio de Vasconcellos a conversar com um sujeito de sapatos grossos e mal trajado, que se via logo ser um operario.

Esse encontro, que noutra occasião o deixaria indifferente, foi naquelle momento um consolo. Atravessou a rua, resolvido a convidar o apostolo socialista a ir jantar com elle. Parecia-lhe que a companhia de quem quer que fosse neste mundo o ajudaria a passar aquellas horas cheias de vacuo.

— Está passeando, Remigio?

— Como vae você? cumprimentou este, sem responder á pergunta, e, depois de um silencio cansado, accrescentou: Ainda ha pouco estive com seu irmão.

— Leonardo... Pois elle está ahi no centro?

— Agora não... Foi ao meio dia, mais ou menos, que o vi, no "gremio operario", á rua da Sé...

— Aquelle é que é um homem ás direitas! exclamou o sujeito dos sapatões, em voz juntamente grosseira e humilde.

Remigio suspirou com o ar fatigado que lhe era habitual, e, voltando-se para Angelo, perguntou:

— E você, Angelo, porque não aparece hoje por lá? Tenho uns livros para lhe dar... "Os Tecelões" de Hauptman e "Os maus pastores", de Mirbeau... Gosta de dramas?

— Gosto sim... Entre os meus autores favoritos estão Ibsen e d'Annunzio, ambos dramaturgos...



— O redactor da “Terra Livre” abriu a bocca em ar de desanimo. Era esse um cacoête com que intervallava tudo o que dizia, dando a impressão de estar sempre a cahir de desalento ou de fadiga moral. E fallava de vagar, com largas pausas arrastadiças.

— Pois você vae gostar. São peças de muita emoção...

O operario escutava embasbacado. “Dizer que gente tão preparada assim eram os primeiros a proclamar os direitos dos trabalhadores e a injustiça dos patrões! Não havia duvida... Estavam com a verdade, senão um doutor Remigio, que tinha tanto estudo, não seria do seu partido”. Eram, pelo menos, estas as reflexões que se podiam colligir do seu todo entre pasmado e satisfeito, se é que alguma reflexão se animava em tão rude cabeça.

— Arte social? indagou Angelo.

— Sim, mas verdadeira arte... Tolstoi, por exemplo, é um grande artista e um grande revolucionario...

A’ palavra “revolucionario”, o operario abriu em suas feições grosseiras, como que feitas a machado, um largo sorriso de satisfação e orgulho, como se quizesse dizer: “Sim senhor, isto é que é fallar verdade!”

— Revolucionario á maneira de Christo, advertiu Angelo.

— E’ verdade... Mas a não resistencia ao mal é um pessimo meio de melhorar a sociedade... Admiro mais a audacia de um Babeuf e seus partidarios... Se não tivessem sido trahidos, o comunismo já teria de ha muito entrado no periodo de experimentação social.

— Mas você crê seriamente que taes sonhos são realizaveis? perguntou Angelo sorrindo.

— Sei o que me vae objectar, atalhou socegradamente Remigio. Essas razões são velhas...

— Mas sensatas...

— Não tanto como julga... É verdade que taes sonhos, como você diz, não são inteiramente realizaveis, pelo menos por emquanto... Mas o socialismo, como quasi todas as doutrinas, tem uma parte perfeitamente realizavel... Muita phantasia será necessariamente posta de lado pela força das cousas... Está claro que o que fôr incompativel com as condições de vida da sociedade será eliminado pela propria impossibilidade de applicação... Mas em compensação o esforço empregado não terá sido inutil... A cada investida energica, a sociedade humana sempre melhora um pouco...

— Você hoje está moderado, disse Angelo rindo. Mas vamos entrar no café...

— Obrigado, Angelo... Eu preciso ir jantar, pois ás oito horas da noite tenho que entrar para o trabalho... Você sabe que sou typographo...

— Licença, senhores... Também tenho que *andare via* disse o homem dos sapatões, extendendo a ambos a mão callosa e suja, contacto que deu ao moço italiano a sensação de haver tocado uma massa ao mesmo tempo aspera e pegajosa.

— Pois venha jantar commigo, Remigio... Podemos ir a um restaurante da rua da Quitanda... Aceita?

Remigio ficou embaraçado. Dir-se-ia que se acanhava de andar ao lado de Angelo. Mas acabou por acceder.

Foram juntos, passando pela travessa do Commercio. Esses lados, a taes horas, estavam já quasi desertos. Todo o movimento refluiu para as tres principaes ruas da cidade.

Angelo fez com que Remigio ficasse á vontade. Não comeu quasi nada, que não tinha appetite, mas esforçou-se para que o companheiro se servisse largamente, sem nenhum acanhamento. E, por meio de perguntas, de objecções, de contradictas sempre delicadas, obrigou-o a fallar abundantemente sobre os seus ideaes de reforma social. E assim conseguia diminuir a tortura interior. Chegára certos instantes, a interessar-se com vehemencia pelas idéas do ex-bacharel, sentindo a fascinação e o poder de contagio que as grandes crenças exercem sobre as almas sensiveis. Ainda depois de terminada a refeição, ficaram mais de uma hora a tecer utopias e antever futuros longinquos para a especie humana.

Quando se levantaram para sahir já havia muito que as luzes estavam accesas. Devia de ser quasi hora de Remigio entrar para o trabalho. E este ainda queria ir até a rua do Gazometro, a avisar a "companheira", como chamava á mulher, de que já tinha jantado, a fim de não o ficar esperando indefinidamente, visto como só poderia tornar á casa lá pela ante-manhã do dia seguinte.

Despediram-se com effusiva sympathia, á esquina da rua de S. Bento, e Angelo poz-se a descer, perplexo, em direcção á Praça Antonio Prado. Que iria fazer então? perguntava-se a si mesmo. A companhia de Remigio fóra-lhe como uma sortida para fóra dos approxos com que a desesperança lhe ia assediando a dorida sensibilidade. Conseguira atordoar-se á força de librar-se entre abstracções sociologicas. Mas, ao ver-se novamente só, teve a impressão de que as incertezas e angustias accumuladas de todas aquellas horas lhe tornavam de chofre a cahir na alma. E em torno de sua paixão absorvente aggrupavam-se agora, em singularissima mescla, as idéas e doutrinas que ouvira ao sonhador do Remigio. "Ahi está um, pensava, que resolveu admiravelmente o problema da felicidade. Achou uma fé inabalavel e inatingivel". Pois via-se bem que elle não esperava tirar nenhum proveito, nem para si, nem para seus filhos, dessa dedicação a um ideal humanitario. Não, sua intelligencia era lucida e comprehendia perfeitamente que por muitos seculos ainda haviam de continuar a existir as mais



atrozes desigualdades economicas. Pouco lhe importava, porém, que os seus olhos, nem os dos seus descendentes proximos, viessem a contemplar o reino da paz e da justiça. Sentia-se feliz em crer que um dia brilharía na terra a bondade universal. Era um paraizo em que não entraria mas de que gosava por ante-visão... Porque a final o paraizo de Remigio não consistia mais do que em transportar para o futuro o que os homens sonharam como devendo existir além das nuvens e das estrellas. Mas a despeito de tudo era bem mais solido do que o delle. Era um sonho inacessível sobre o qual a realidade não tinha acção — ao passo que elle, procurando a felicidade no amor de uma mulher, condemnára-se a innumerados soffrimentos e desillusões. Aqui Angelo, que apesar de absorvido pelos seus pensamentos ia instinctivamente operando mil evoluções no andar para não esbarrar a cada passo com os transeuntes, deu comsigo na praça Antonio Prado. Parou um pouco, hesitante, sem saber para onde ir.

Nisto observou que um grupo de pessoas se apinhava a lêr um boletim que acabavam de affixar, num quadro negro, á porta da redacção do "Estado".

Olhou mecanicamente, sem nenhum interesse. E resolveu ir até lá mais para fazer algo, do que para vêr o de que se tratava, pois não experimentava nenhuma curiosidade.

Atravessou comtudo o largo e aproximou-se do local. Depois de alguns esforços para chegar a distancia que lhe permittisse a leitura, conseguiu deletrear, sem se poder capacitar da verdade do que estava vendo, as seguintes linhas:

"Falleceu hoje inesperadamente, ás 14 horas em sua fazenda de Campinas o sr. coronel João Dias Leme Vieira. O venerando extinto, a quem o Estado deve..."

Aqui Angelo tornou ao começo, estupefacto, sem nenhuma reflexão... Era bem certo... "Coronel João Dias Leme Vieira...", "Campinas"... "Falleceu hoje"... Era realmente o que estava escripto... Quiz lêr até o fim, mas só teve attenção para algumas expressões saltadas: "...varão de altas virtudes..." "ferir a alma paulista..." "chefe de uma familia illustre..." E voltou novamente ao principio, num estado de estupor em que a palpitação das fontes lhe dava a sensação de golpes repercutidos com violencia extrema...

XL

O trem rodava com forte trepidação. Já haviam passado Taubaté e a longa muralha da Mantiqueira apparecia mais proxima.

— Olhe a serra! disse Angelo mostrando o horizonte. Maria Luiza voltou o olhar para fóra.



— Daqui a umas quatro ou 5 horas, mais ou menos, estaremos no meio daquellas montanhas.

— Levará tanto tempo assim? observou ella, cujo rosto a excitação da viagem incendiava.

Um abalo do carro atirou-os um contra o outro, com tal violencia que a moça quasi cahiu. Angelo amparou-a.

— Jesus! Que velocidade! exclamou ella.

Puzeram-se a rir. Aquelles solavancos os divertiam. A janellinha aberta deixava entrar impetuosas rajadas, que lhes batia nas faces, refrescando-os.

No horizonte, á sua frente, desfilava incessantemente a interminavel cordilheira. As cumiadas succediam-se, aqui escuras, alli azuladas, mais além esbatidas no céu e como sumidas num vago tremor de poeiras de ouro.

Sentados juntos na mesma cadeira, sorriam de felizes. A disparada vertiginosa do comboio dava-lhes a impressão physica do arrebatamento de suas almas, naquella viagem de nupcias. Até que afinal tinham realizado a grande aspiração. Estavam unidos para toda a vida. E não se capacitavam da realidade dos factos. Imaginavam estar ainda sonhando.

Quantas cousas se haviam passado nos ultimos mezes, depois da morte do coronel! O casamento fôra em Campinas, sem pompa alguma, porque a familia estava de lucto. Celebrara-se em oratorio particular na casa de D. Lucia, ultima irmã viuva do coronel Vieira. Assistiram á cerimonia poucos parentes e amigos.

No dia seguinte, após a celebração do matrimonio, os recém-casados partiram para S. Paulo e dahi para Caxambú. A principio tinham pensado no Rio para o passeio de nupcias; mas depois elegeram definitivamente a estancia de aguas porque preferiam ao barbarizo das cidades o campo, o silencio, a solidão bucolica das montanhas.

E tal é a razão porque a vista da cordilheira, que desfilava, qual intermino laço escuro a balizar as campinas, tanto lhes attrahia a attenção. Era lá, no meio daquelles picos indecisos, num ponto indeterminado, talvez nalgum valle profundo e cheio de flores, que iriam esconder os seus primeiros dias de amor. Seus olhos, ajudados pela imaginação, já cuidavam adivinhar na fimbria do horizonte o pedacinho de terra destinado a emmoldurar o idyllio maravilhoso...

Oh! como tardava chegarem ás montanhas! Havia já tanto tempo que as contemplavam e ellas a desfilarem sempre, interminavelmente, como se fugissem e se estirassem para o azul á medida que o trem avançava.

Iam os dois enlevados um com o outro. As pequeninas observações que faziam, os sorrisos sem razão apparente, as menores atti-



tudes eram signaes do que lhes passava nas almas. Não poderiam exprimir de outro modo o excesso de sua felicidade. Todas as cousas que lhes surgiam aos olhos, uma arvore, uma casa, frocos de nuvens, nada mais eram do que representações de sua ventura, Sentiam-se a final ligados para a vida, e esta certeza os embriagava.

Não ha descrever o estado de espirito de Angelo. Seu amor era uma exaltação nunca vista. Maria Luiza apparecia-lhe como uma realidade superior a todos os sonhos. Tudo nella o encantava. A maneira por que descerrava brandamente as palpebras e deixava cahir, como uma fascinação, o esplendor de suas pupillas escuras, o modo de fallar, de andar, de sorrir, o gesto harmonioso com que apanhava as madeixas castanhas que lhe cobriam as orelhas... tudo nella afigurava-se-lhe divino e absolutamente bello.

Fôra difficil, se não impossivel, descrever a emoção que experimentavam, a tempo que juntos, quasi roçando os rostos, olhavam para fora. A cordilheira desfilava sempre, com os seus innumerables picos, as suas anfractuosidades, as suas abertas confusas, onde pairavam aqui e alli pedaços de nuvens como que cahidos do céu pelos socalcos. Com a pertinacia de imagem obsessora, aquella faixa escura, a correr no horizonte, em contraste com longa successão de planicies que margeavam a via ferrea, fazia pensar numa forte cinta de muralhas que fechassem um outro paiz mysterioso e inaccessible.

Maria Luiza sorria muito corada.

— Estamos ha não sei quantas horas a correr para aquelles picos e elles sempre a fugirem diante de nós... Parece que nunca havemos de sahir destas planicies... Para que lado ficará Caxambu, Angelo? perguntou olhando para a cordilheira.

— Não sei... Mas tenho um palpite que deve ser atraz daquellas pontas que lá estão quasi apagadas...

E riam, infantilmente, contemplando as montanhas, que se diluam no azul.

— Olhe, Maria Luiza... Vamos fixar bem na imaginação esta visão... É um pedaço da nossa vida... Nunca mais nos havemos de esquecer daquella muralha escura, interminavel, a correr diante de nós, com os seus picos quasi sumidos no céu... É uma emoção nova, Maria Luiza.

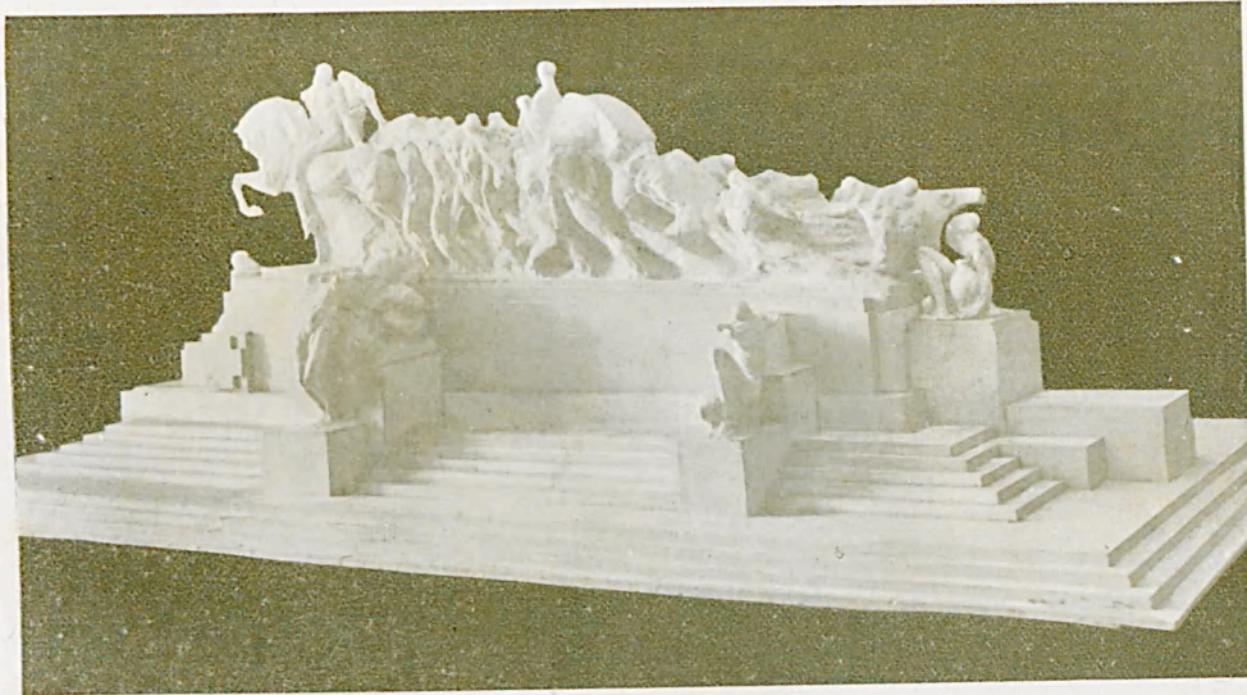
Os dois agora, sem rirem, contemplavam deslumbrados a cinta irregular da serra. Aquillo tudo eram como imagens enigmaticas dos seus sentimentos. O trem rodava desabaladamente silvando de espaço a espaço. O carro baloiçava-se com violencia, obrigando-os a estreitarem-se um contra o outro e a apoiarem-se com força ás guardas das cadeira. Mau grado, porém, os solavancos, olhavam



cm 1 2 3 4 5 6 7 10 11 12 13 14 15 16

unesp

ARTE NACIONAL



Brecheret: — Projecto de monumento aos Bandeirantes

ARTE NACIONAL



Etzel e Contratti: — Projecto de monumento aos Andradas

para fóra, como que fascinados pelos cimos das montanhas, que a final pareciam approximar-se.

Possuia-os um estado de alma singular. As cousas baralhavam-se-lhes no espirito, ganhando significações profundas e mysteriosas. E a cordilheira desfilava, galopava, avizinhava-se como um muro descommunal, cortina escura e tortuosa, que fecha um paiz encantado, num circulo sem aberta, em torno do qual gravitavam com velocidade espantosa, sem entretanto nunca chegarem ao ponto para o qual se dirigiam num como redemoinho vertiginoso...

Sempre que o comboio parava nas estações, divertiam-se em trocar observações sobre o que viam. Ora eram cousas, ora pessoas, que lhes chamavam a attenção. Em Cachoeira surpreendeu-os o desmesurado da plataforma, onde apenas duas ou tres pessoas surgiam como perdidas num deserto todo comprimento. Em Cruzeiro, depois de accommodados na "Rede Sul-Mineira", Angelo, por distracção, entrou a observar os typos ethnicos das pessoas que estavam na plataforma. Contou cerca de meia duzia de pretos, uma grande maioria de mulatos e caboclos e apenas dous ou tres genuinamente brancos. Em algumas physionomias, aparentemente delicadas e extremes de mestiçagem, podia-se, comtudo descobrir ainda um como esforço do typo caucasico para acabar de libertar-se das fórmas inferiores.

— Você já notou como é raro ver-se uma cara bonita e bem feita por estas estações?

— Queria então — acudiu ella rindo — ver pelo caminho só caras bonitas?

— Não... Basta-me a sua vista...

— Lisongeiro...

— Mas tenho a impressão de que estamos num mundo de esboços humanos... São os gnomos, Maria Luiza, os anões burlescos, os geniozinhos maliciosos e as bruxas disformes com que os poetas costumam rodear os amorosos...

— Ah! lembra-se daquella gravura do Figaro que vimos juntos?

— Pois é aquillo, amor... confirmou com alegria cada vez mais expansiva. Tal qual... Um par de amantes abraçados, emquanto mil carantonhas, cada qual mais divertida, dançam ao redor delles uma ronda pavorosa...

E puzeram-se a rir perdidamente. Taes ninharias tinham o condão de os divertir. Pois as insignificancias com que pareciam occupar-se não passavam de uma linguagem algebrica para seu uso. No fundo sentiam ambos que aquillo era uma comedia agradável para disfarçarem o immenso enlevo em que iam arrebatados.

Nisto entraram no carro diversas pessoas. O trem ia partir. Soou um trilo, um apito, e as rodas moveram-se sem grande estre-



pito. Depois a velocidade cresceu um pouco mais e dali a instantes perdiam de vista as ultimas casas.

— Até que a final vamos investir para o meio das montanhas. Ainda não acredito que cheguemos a atravessar a serra... Queira Deus não nos cortem a passagem...

— Cortar a passagem? Quem?

— Ora, o poviléo de diabretes, gnomos e pucks de que fallamos... Essa gente mora em cavernas... São montanhezes... Não estou nada sosegado... Já vejo uns exemplares a acompanhar-nos...

Os dois estavam entre frouxos de riso. Era um riso irreprimivel e quanto mais se esforçavam por conter-se menos o conseguiam. Entre os passageiros, no estreito vagão, havia realmente figuras estranhas. Um individuo extremamente gordo e chato, conversava animadamente com um verdadeiro alfinete humano; ambos porém, tinham o mesmo ar descansado e bonacheirão. A um canto, arregalava olhitos risonhos, uma mulherzinha desmedradissima de corpo, com os cabellos á chineza, violentamente puchados para a nuca, onde vingavam, á viva força, formar um pequenino coque em fórmula de limão.

— Não dizia que iam entrar num paiz encantado?

— Mas aqui ao menos não ha genios maus...

— Você tem razão... Esta mudança de trens parece um passe de magica... Não se veem mais as caras indifferentes, infatuadas, empenetraveis e mesmo hostis que nos rodeavam... Agora parece que estão todos em familia... Veja... Olham-nos como a velhos conhecidos... Até os empregados tem movimentos caseiros no pedir e receber os bilhetes... Andam sem aprumo nem impertinencia... Parecem todos convencidos de que o mundo se compõe só de compadres e amigos...

Maria Luiza riu-se da observação. Realmente o aspecto da gente havia mudado, como o aspecto da terra. Esta dava a impressão de um oceano revolto subitamente immobilizado, com as suas vagas tornadas em rochedos e picos, em escarpas abruptas, empinadas por cima de abysmos e retorcidas em attitudes violentas... As pessoas, porém, que surgiam pelas pequeninas estações nada tinham de terrifico. Eram figuras tranquillias, ingenuas e benevolas, que andavam com movimentos tardos, como se contassem com a eternidade para se transportarem de um logar para outro.

O trem agora demandava decididamente o alto da Mantiqueira.

Debruçados á janella, admiravam as paisagens alpestres, que a sua imaginação de noivos ia colorindo e transfigurando. Os innumerous côrtes por onde passavam elevavam-se como barreiras de oiro pallido e ao longe, pelos pendores semeados de cafezaes,



appreciam tractos de terreno de um vermelho côr de roman. Aqui, alli, no fundo dos valles casinhas e choupanas, com os seus curraes e paioes, faziam pensar em pequeninas existencias tranquilladas e ignoradas.

Contemplavam o rapido succeder-se das paisagens, que surgiam e se afastavam numa como embaladora vertigem de luz. Olhavam em silencio, cheios de vastissimos sonhos, cujo esplendor, sempre presente em suas subconsciencias, vinha por vezes ao lume da alma com fulgurações de incendios.

Angelo deixava-se fluctuar á superficie das relampagueantes visões que se iam desenrolando. O futuro daquellas regiões magnificas representava-se-lhe ao espirito como um conto de fadas. Pensava nas grandezas a que um dia havia de servir de decoração tão maravilhosos aspectos da natureza, quando os homens do porvir tivessem aproveitado as mil forças latentes no seio das montanhas e transformado em raio o impeto das cascatas. Já via ante si, pelas quebradas a fóra o surto das cidades, o trabalho intenso da vida, as rêdes de fios metallicos, os altos fornos da siderurgia, os sóes electricos, o formigamento de toda uma humanidade esforçada e feliz... A resposta ás questões sociaes que tanto occupavam a Leonardo parecia vir clara e abençoadora daquella terra quasi abandonada. Quantas energias alli não se occultavam improductivas, energias que, uma vez domadas e canalizadas, dariam para fazer viver a milhões e milhões de seres humanos... Mas para que tal *féerie* viesse a ser realidade, havia mister que apparecessem os fortes, os creadores de civilizações. Aqui acudiram-lhe as famosas palavras de Ibsen: "O homem mais forte é o mais solitario". Para que surgisse algo de novo e grande na vida era preciso que em torno ao creador todas as amarras estivessem quebradas, que o periodo de lucta e adaptações houvesse passado, tornando possivel o apparecimento de combinações hereditarias comparaveis a um terreno solido e virgem, exuberante de fecundidade.

Ao aspecto daquellas feracissimas e interminas regiões, cheias de thesouros inesgotaveis, maravilhosas dadivas dos deuses, comprehendeu então que Reclus tivera razão de imaginar que aqui seria a terra promettida com que sonhava. Viu então e sentiu no porvir desta immensa patria, destinada a realizar a inversão do mytho de Babel, com acolher em suas plagas amigas os povos dispersos, de tornada em fim, ao opulentissimo lar, a mais esplendorosa realização da Justiça Distribuitiva. Aqui era sem duvida a propria natureza que havia de tornar accessivel a todos o *monte commum* de suas riquezas sem limites, uma vez que se viesse a generalizar e ordenar equitativamente o trabalho... Aqui a constituição social guardando a doçura e ductilidade das creações ainda



no alvorecer, facilmente modelaveis, assumiria com espontaneidade as fórmulas politicas naturaes, permittindo, com a saude do organismo collectivo, a representação regular de todas as suas funções... Aqui um dia Prometheu seria desacorrentado e quando Ariel, pousando no alto dos Andes, como o prefigurou um grande vidente sul-americano, alongasse a vista pela nova Europa redimida, divisaria no horizonte, para o occidente, aquelle fulgurante crescer de azul, entre ouro e esmeralda, que costuma pôr na alma dos prophetas o alvoroço das madrugadas, com a certeza de que a arte do Amor e da Fraternidade se começa ao cabo a organizar entre os homens...

— Por aqui é que entraram os bandeirantes, disse uma voz.

Voltaram-se. Era um dos passageiros que apontando para o cume do Embahu' dirigia-se a um companheiro de assento.

Semelhante observação illuminou subito os sonhos do joven. Porque veio dar fórmula a uma cousa que estava sentindo obscuramente, e é que elle, os novos, os recém-chegados, representavam a segunda e immensa bandeira que havia de integrar definitivamente o paiz na civilização occidental. E chegou a devanear em si que aquella corrida vertiginosa para o interior das Minas, para os alcantis das "geraes", rumo das lendarias Vapabuçu's, — mil e Uma Noites de esmeraldas, de oiro e de pedrarias, era uma arancada heroica e triumphal, uma penetração symbolica de que se haviam de lembrar com orgulho os seus mais remotos descendentes... E elle sentiu que trazia em si a redempção da raça e a alvorada da nova nacionalidade.

Atravessavam já os tunneisinhos precursores do grande massiço que separa o Estado de S. Paulo do de Minas. O comboio parecia rodar por caminhos suspensas, á beira de abysmos profundos, donde subiam, rampa acima, em tufos verde-claros, folhagens de bambuzaes e altas ximbau'vas cujas copas se abriam em fórmula de rosaceos.

Um empregado accendeu as luzes. A locomotiva apitava a espaços, avançando aos arrancos, num como esforço supremo para vencer as ultimas resistencias da ascensão.

Subito o rasgão de vista tornou-se soberbo. Dominavam leguas e leguas de extensão. A serra abrindo em socavões, crescendo em escarpas, fugindo em reintrancias immensas, em côrtes perpendiculares que lhe retalhavam os flancos, sombriava vertiginosa baixura onde os bosques não pareciam mais do que pequeninas moitas de arbustos.

Os esposos olhavam deslumbrados. O vento batia-lhes nos rostos com violencia, agitando-lhes os cabellos.

— Que belleza ! exclamaram num mesmo impulso de enthusiasmo.



Era realmente admiravel. De todos os lados abrangiam-se com o olhar milhas e milhas de campos, de mattas, de ondulações dos mais variados matizes... Nas fimbrias azuladas do horizonte, em volta, recortavam-se meio embebidas no céu, renques de picos, de settas, de cabeços, cupulas, dorsos asperos, dentes, rendas, frocos sumidiços, mil formas caprichosas e irregulares, ora violentas, ora quasi irreaes, segundo a sua maior ou menor distancia. Na rampa longinqua de um monte via-se uma faixazinha tortuosa, scintillante, apparencia de corisco. Feria-lhes nos olhos.

— Deve ser uma enorme cascata, disse o moço mostrando-a á companheira.

— Olhe as andorinhas, observou Maria Luiza, acenando para uns pequeninos traços negros, em fórmula de angulos á maneira de accentos circumflexos, que tremiam lá em baixo, afogados em luz...

— Bellas andorinhas descobriu você! gracejou Angelo. Mas são corvos, Maria Luiza.

E riram do engano. Que iriam fazer andorinhas a taes horas, em semelhantes alturas! Não havia duvidar. Eram corvos, que, de tão afastados, tanto poderiam passar por andorinhas como por borboletas.

Toda a vertiginosa amplidão que dominavam figurava estar-se inundando de um diluvio de oiro, em cujo fundo se meneavam, trementes como se os vissem atravez de continuo derivar de aguas, mattas e campinas, que se iam succedendo indefinidamente, por todos os lados. Verde surdo, raizando em preto, verde tenro, tirante e amarello, verde liquido, verde-mar, verde translucido, verde encantado, cascatas refulgentes — tudo retremia como que por de traz de nervuras de prata e de nervuras de oiro. Mundo surpreendente de oiro e esmeralda crescia-lhes aos olhos deslumbra-dos. A luz animava-se, de vida maravilhosa, como um hymno remontado, linguagem mysteriosa das arvores, das rochas, dos metaes, das entranhas massiças das serras immensas, silenciosas, rebrilhantes e brutas... De repente correu como um arrepio nos ares inflamados e um solavanco do carro os impelliu um de encontro ao outro. Puzeram-se ambos a rir.

— Como é bello o seu paiz, Maria Luiza! exclamou Angelo com sincero enthusiasmo...

— O nosso paiz... corrigiu ella com vivacidade.

— Tem razão, querida... O nosso paiz, o paiz dos nossos filhos...

Aqui Maria Luiza abaixou os olhos enrubecida. Era a primeira vez que entre elles se fazia allusão á esperanza de virem a ter uma prole...

FIM





VARIEDADES

VERSOS DE PEDRO AMERICO

*Desce da noite a sombra pavorosa,
Negreja a ruína ; o mocho solta o pio ;
Na matta zune o vento rijo e frio ;
Gela no seio a lagrima piedosa.*

*Ouço, ao longe, da velha Cathedral
A voz do bronze e, perto, pela ogiva,
Coar a melodia fugitiva
Da harpa eolia mesta e sepulchral.*

*Por entre as negras cimas do pinhal
Diviso incerto o vulto esbranquiçado
De nobre cavalheiro enamorado
De alguma terna amante divinal*

*Será phantasma ? Qual ! O espaço escuro
O medo gera ; e bem considerado
O vulto é loura imagem do futuro
Por entre as tristes furias do passado.*

*Ao passo que suspira pelo dia
Pobre mancebo cheio de pavor,
Resa o monge talvez, dorme o gucrreiro,
Sonha a pura vestal com o creador.*

*E meu pensar veloz e scismador,
Qual mariposa incauta e erradia,
Foge da terra em busca da alegria,
Queimando as azas no ideal do amôr.*

NOTA :— Estes versos foram compostos por Pedro Americo, em certa noite que pernoitou na *Floresta Negra*, no gran-ducado de *Baden* (Allemanha) num certo castello que diziam malassombrado. O artista, ávido de emoções e sequioso do sobrenatural, gratificou aos guardas da deserta habitação, para que lhe permitissem nella dormir. No dia subsequente trouxe como prova da sua noite de vigilia, entre uivos de lobos e rajadas de vento, esta composição escripta a lapis, que vale como simples documento da polymorphia do seu estro. (“*A União*” — *Parahyba*).

VALOR EMOTIVO DAS PALAVRAS

Sobre este thema Flexa Ribeiro escreve no "Correio Paulistano" estas bellas palavras :

"Sempre que o problema da revisão da escripta portugueza emerge dos escombros de outras anteriores reformas, — ainda depois da obra mestra de Gonçalves Vianna — observo que um aspecto essencial é tenazmente esquecido: o psychologico.

Certa feita affirmei a Silva Ramos e Mario Barreto, dois delicados espiritos, escriptores de escôl e bons quilates, que a face esthetica que se relacionava com a psychologia trazia graves tropeços a uma reforma simplista e muito radical. — E' claro que os dois illustres philologos discordaram jubilosamente de minha opinião.

Persevero, porém, na minha velha affirmativa. Continuo a sentir que a palavra tem uma dupla expressão : a do sentido e a da commoção. Ha um valor significativo e ha um valor emotivo. E a obra de arte resulta da possibilidade de se crear, com a explosão desses dois caracteres, uma energia mais numeroza, simultanea e successiva, de imagens e analogias.

Com as palavras de um relatorio ministerial, é quasi possivel escrever-se um poema. E' que a situação dos vocabulos na phrase — não me refiro á significação léxica — altera, profunda e subtilmente, a expressão do termo, a sua irradiação syntaxica, o seu poder de communicabilidade, a acção esthetica do periodo e, consequentemente, a visão contagiosa do pensamento que elle encerra.

E' pelo numero de associações de sensações que se obtem a culminancia de uma grande commoção intellectual. E o artista — muitas das vezes inconsciente — mede a duração de seu poder expressional pela intensidade e quantidade dessas associações.

De conseguinte, todos os elementos são indispensaveis para facilitar, e em prodigios fecundar, esse accorde, essa resonancia mental, que dilata a comprehensão e amplia a propria significação. Desde a correspondencia geral do termo com os demais circumvizinhantes, que uma visão peripherica abrange ao enxadramento das palavras, até á graphia dos vocabulos, as letras são signaes provocadores de associações de contiguidade e de semelhança. Como entre as cores, as idéas e as palavras proximas se penetram.

Flaubert escrevia, no silencio do retiro de Croisset, ás margens descampadas do Sena, em quadro negro as phrases de seus livros — para ter a impressão visual das letras, a imagem physica de seus contornos.

De tudo isso se depreheende que na escripta ha uma architectura: sua modificação é fatal, mas, como nas fórmas architectonicas, essa evolução é lenta e complexa. Não se crêa um estylo por decreto."

NOTA: — Graças a uma trapalhada de composição saiu com este titulo um trabalho philologico do prof. Honorato Faustino, inserto no numero 56 desta revista.



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DOMINGOS GONÇALVES DE MAGALHÃES

— *Patrono da cadeira n.º 9. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1811 e falleceu em Roma, a 10 de Julho de 1882.*

BIBLIOGRAPHIA

- 1 POESIAS, Rio, Typ. R. Ogier — in 8.º — 1832.
- 2 SUSPIROS POETICOS E SAUDADES — poesias, 359 pags. Paris, Morizot, 2.ª edição de 1859. A 1.ª edição é de 1836 e até 1865 appareceram 3 edições.
- 3 A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS — poema — 340 — 19 pags. (edição de luxo), exemplar offerecido pelo autor ao Conselheiro Josino do Nascimento Silva — Rio, Empreza Typographica Dous de Dezembro, de Paula Brito — 1856.
- 4 OS MYSTERIOS — Cantico funebre á memoria de meus filhos — Paris — 1858.
- 5 URANIA — poesias — 344 pags. — Rio, B. L. Garnier — 1862.
- 6 POESIAS AVULSAS — (O volume encerra o livro de estreia) 368 pags. Rio, B. L. Garnier — 1864.
- 7 OPUSCULOS HISTORICOS E LITTERARIOS — (Revolução da provincia do Maranhão (memoria), Os indigenas do Brasil perante a historia (memoria), Discurso sobre a historia da litteratura do Brasil, Philosophia da religião, Biographia de Mont'Alverne, Porque envelhece o homem, O pavão, Amancia (nevella), Ode a Dante e Hymno dos bravos, 2.ª edição — 397 pags. Rio, B. L. Garnier. — 1865. A 1.ª edição appareceu em revistas.
- 8 FACTOS DO ESPIRITO HUMANO — philosophia — 2.ª edição, 401 pags. — Rio, B. L. Garnier — 1865. A 1.ª edição é de 1858.
- 9 TRAGEDIAS — (Antonio José ou O poeta da inquisição, 5 actos — Ogiato, 5 actos — Othelo, 5 actos), 362 pags. — Rio B. L. Garnier. — 1865. As duas primeiras foram respectivamente impressas em 1839 e 1841 e a terceira em 1842.



10 GATICOS FUNEBRES — poesias, 348 pags. — Rio, B. L. Garnier — 1864.

11 A ALMA E O CEREBRO — estudos de psychologia e de physiologia — 414 pags. — Rio, B. L. Garnier. — 1876.

12 COMMENTARIOS E PENSAMENTOS — 164 pags. — Rio, B. L. Garnier. — 1880.

Escreveu tambem “Episodio da infernal comedia ou viagem ao inferno — (1836), editada em Pariz; “Ode á S. M. D. Pedro II” (1858) e “Discurso sobre o objecto e importancia da philosophia” (1842).

Collaborou na revista “Nitheroy”: Estudos sobre a historia litteraria do Brasil (1836), na “Revista Brasileira” (2.ª phase): Orthographia da lingua portugueza 4.º vol., pag. 21, Ode, 4.º vol. pag. 377; “Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio”: Os do Brasil perante a historia XXIII pag. 5, (1859); Memoria historica e documentada da revolução do Maranhão desde 1833 a 1841 (premiada) XI (1848); “Minerva Brasiliense”: Amancia, romance 4.º, pag. 267 em 1844; “Independente”: Ode pindarica — 1833; “Revista Popular”: A velhice (tomo 149); “Revista Universal Brasileira”: O poeta infeliz (1847-48); “Jornal dos Debates” (1837-38).

Encontra-se o seu retrato em avulso, na Lyra Popular, na Litterature Brésilienne de V. Orban e nas Poesias avulsas.

Fontes para o estudo critico

- 1 José Verissimo — O theatro brasileiro, na Revista da Academia Brasileira de Letras, n.º 2.
- ” ” — Magalhães e o romantismo, Revista da Academia Brasileira de Letras, n.º 6.
- ” ” — Historia da Litteratura Brasileira, pags. 197 e 376.
- 2 José de Alencar — Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos.
- 3 Torres Homem — Prefacio dos Suspiros poeticos e Saudades, artigo extrahido da Revista Brasiliense — Nitheroy.
- 4 Julio Barbuda — Litteratura Brasileira pag. 328.
- 5 Sylvio Romero — Historia da Litteratura Brasileira, vol II, pag. 14.
- ” ” — Livro do Centenario, vol. I, pag. 36.
- ” ” — A philosophia no Brasil.



- 5 Sylvio Romero e João Ribeiro — Compendio de litteratura brasileira, pag. 196.
- 6 Sacramento Blake — Diccionario bibliographico.
- 7 Teixeira de Mello — Ephemerides nacionaes 13—8—1811 e 7—9—1839, vol. 2.º.
- 8 Teixeira de Souza — A alma e o cerebro.
- 9 Ferdinand Wolf — Littérature brésilienne pags. 135 e 222.
- 10 Victor Orban — Littérature brésilienne pag. 38.
- 11 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira pag. 287.
- 12 José Soares de Azevedo — A Confederação dos Tamoyos.
- 13 Fr. Francisco de Mont'Alverne — Trabalhos oratorios e litterarios, pag. 41.
- 14 Innocencio da Silva — Diccionario bibliographico, vol. 2.º, pag. 187.
- 15 Ronald de Carvalho — Pequena historia da litteratura brasileira, pag. 208.
- 16 Pereira da Silva — Nictheroy (Revista Brasiliense) I n.º 2, pag. 239.
- 17 J. Norberto de Souza e Silva — Modulações poeticas, pag. 47.
- 18 Porto Alegre — Guanabara II pag. 42.
- 19 Santiago Nunes Ribeiro — Da nacionalidade da litteratura brasileira (Minerva Brasiliense).
- 20 Francisco de Paula Menezes — Revista Brasileira — 1855.
- 21 Fernandes Pinheiro — Litteratura Nacional, pag. 570.
" " — Resumo de Historia Litteraria, 2.º vol. pag. 452.
- 22 Tobias Barreto — Artigo no Jornal de Recife em 1869.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico.

E' de realce a funcção exercida por Domingos Gonçalves de Magalhães na evolução da litteratura brasileira.

Fez a sua estreia, em 1832, sob o influxo da escola classica, explorando o genero das odes, cantatas e elogios dramaticos, com o condimento da erudição mythologica e algo de philosophia theologica.

Inspirava-se nos mestres da lingua portugueza, escolhendo, como modelos, Camões, Ferreira, Diniz, Garção e Filinto Elysiso.

No anno seguinte emprehendeu a sua primeira viagem á Europa e deixou-se absorver pela reacção romantica de Lamartine, Chateaubriand, Mme. de Stael e Alfred Vigny.

Decorrido um triennio, publicava elle em Pariz os "Suspiros poeticos e Saudades", livro que logrou enorme successo no Rio, despertando louvores exaggerados da critica, principalmente os encomios de vultos como Salles Torres Homem e Porto Alegre.

Foi o autor proclamado como o iniciador do romantismo no Brasil



e dessa primazia, em concurso com a educação philosophica e a circumstancia de haver percorrido alguns paizes da Europa, vieram-lhe as prerogativas de chefe do movimento litterario em o nosso paiz.

O romantismo do seu livro é legitimamente oriundo ou derivado do francez, com o cunho philosophico de Cousin, a feição de um lyrisimo impessoal, mystico na parte religiosa, alcandorado nos sentimentos patrioticos e maravilhado perante os quadros e scenas da natureza. E em elevado diapasão se conserva o poeta em todas as paginas do volume, falseando-lhe, porém, a esthetica no que concerne á forma, algumas vezes prosaica.

Impoz-se Magalhães, como figura de destaque, e desenvolveu a sua actividade em generos varios, sempre denotando honestidade de escriptor, devotamento á patria, pendor religioso com arroubos de fé christã e visões sublimes do passado.

“E’ um livro, diz elle, de poesias escriptas segundo as impressões dos logares; ora sentado entre as ruinas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos imperios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vogando no infinito como um atomo no espaço; ora na gothica cathedral, admirando a grandeza de Deus e os prodigios do Christianismo; ora entre os cyprestes que espalham sua sombra sobre tumulos; ora emfim reflectindo sobre a sorte da Patria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida”.

Entre todas as poesias do livro, a que immortalizou o poeta perante os posteros foi “Napoleão em Waterloo”.

A terceira producção, “A Confederação dos Tamoyos” (1856), subordina-se ao genero épico e representa a primeira e unica manifestação de indianismo que teve o autor.

Severamente criticado por José de Alencar, encontrou a defesa expontanea de Mont’Alverne e do monarcha D. Pedro II, despertando outrosim applauso frenetico de José Soares de Azevedo e elogios dos criticos contemporaneos.

“Os Mysterios”, dedicados á memoria dos tres filhos mortos na infancia, foram reeditados nos “Canticos funebres”; têm o character profundamente religioso, são elegias e affectam, portanto, o feitio subjectivista do autor. Assim tambem “Urania” é um livro pessoal, íntimo, que narra a historia do amor do poeta pela esposa querida, a sua companheira da existencia.

As “Poesias avulsas” que reproduzem, quasi na integra, o livro mediocre de estreia, escorreitos de descuidos e senões mais notaveis e conservando as producções da adolescencia, dos 15 aos 20 annos, abrangem tambem as “Poesias varias”.



Como poeta, Gonçalves de Magalhães foi um continuador de Souza Caldas, principalmente no caracter religioso de seus versos e no acendrado patriotismo por elle revelado em quasi toda a obra e nos actos da vida publica.

A forma nem sempre é attrahente, pois conserva sabor classico e não se afasta muito dos moldes primitivos. Mas nunca lhe empallidece a eloquencia nos themas elevados e sublimes, nem lhe fallece a crença robusta, a fé consoladora e o patriotismo ingenito que só se encobre nas manifestações artificiaes de scepticismo romantico.

O prosador nos legou: "Opusculos historicos e litterarios", "Factos do espirito humano", "A alma e o cerebro" e "Commentarios e pensamentos".

O primeiro contém estudos de historia, ethmographia, critica litteraria, philosophia, religião, além de uma novella, uma ode e um hymno.

Sente-se a manifestação de um espirito eclecticico e a operosidade de um escriptor sedento de renome.

As tres outras são obras philosophicas, visceralmente espiritualistas, filiadas á escola theologica e ao eclecticismo francez. Mereceram critica acerba de Sylvio Romero, Teixeira de Souza e Tobias Barreto.

Manifesta-se, nos tres livros, um discipulo de Mont'Alverne, Ma-lebranche e Cousin.

O escriptor theatral compoz duas tragedias e traduziu "Othelo ou O mouro de Veneza" de Ducis.

"Antonio José ou O poeta e a inquisição", a unica que permanecerá como parte integrante do theatro brasileiro, foi representada pela primeira vez, a 13 de Março de 1838, por João Caetano e Estrella Sezefreda, sendo impressa em avulso no anno seguinte. "Oligiatio" levada á scena a 7 de Setembro de 1839, é inspirada na historia de Milão e mereceu as honras da publicidade escripta, em 1841. A tragedia "Othelo" foi especialmente traduzida para o beneficio de João Caetano e impressa em 1842.

Gonçalves de Magalhães representa, portanto, papel saliente na poesia brasileira, em virtude do livro "Suspiros poeticos e Saudades", o qual, além de definir o advento do romantismo em o nosso paiz, contribuiu para acelerar a evolução das idéas litterarias, com o concurso da erudição do autor e a introdução de novos rythmos, mais liberdades nas formulas da metrica e algum progresso de esthetica. Desempenha simultaneamente influencia decisiva no theatro, graças ao concurso do grande actor e ao assumpto preferido par a primeira tragedia, fiel aos processos de Alfieri e Corneille.

Merece tambem a citação como um dos iniciadores do romance, com a novella "Amancia", de haver contribuido para despertar o interesse pelos estudos de philosophia, occupando-se ainda com as-



sumptos referentes á historia patria, á critica litteraria e á ethnographia dos autochtones.

Domingos José Gonçalves de Magalhães nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 13 de Agosto de 1811 e ahi se educou até graduar-se em medicina, com 21 annos de idade. Filho de Pedro Gonçalves de Magalhães Chaves, descendia de uma familia nobre de Portugal.

Como já disse, empreheudeu a sua primeira excursão á Europa em 1833 e lá permaneceu até 1836, quando foi nomeado addido á legação brasileira em Pariz.

De regresso á Patria foi successivamente nomeado secretario dos governadores do Maranhão e Rio Grande do Sul e conseguiu a eleição como representante da ultima provincia, na legislatura de 1845 a 1848.

Desempenhou ainda os cargos de professor de philosophia do collegio D. Pedro II e, na carreira diplomatica a que se dedicou definitivamente a partir do anno de 1847, foi encarregado de negocios nas côrtes de Turim e Napoles, nomeado ministro residente em Vienna até 1867, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario nos Estados Unidos da America do Norte. Em 1871 foi designado comd nosso representante perante o governo do Paraguay, para celebrar os tratados com o general Mitre, e em seguida ministro perante a Santa Sé, em Roma, onde falleceu a 10 de Julho de 1882 com a idade de 71 annos.

Foi agraciado com o titulo de Visconde de Araguaya e distinguido como grande do imperio, membro do conselho imperial, commendador da ordem da Rosa, de Christo, da ordem napolitana de Francisco I e do Merito, cavalleiro da ordem do Cruzeiro no Brazil, socio do Instituto Historico e Geographico do Brasil e de varias academias e associações scientificas.

Era um brasileiro digno sob varios aspectos, principalmente pelo seu patriotismo exemplar.

Summario para um estudo completo

Primeira phase da vida — A estreia do poeta — Suspiros poeticos e Saudades — A Confederação dos Tamoyos — Outras producções poeticas — Sua acção no theatro — Opusculos historicos e litterarios — O philosopho — Na carreira diplomatica — Outros serviços prestados ao paiz — Como foi apreciado pela critica — Como foi recompensado.



MAGALHÃES DE AZEREDO

MAGALHÃES DE AZEREDO. — Fundador e occupante da cadeira n.º 9. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 7 de Setembro de 1872.

BIBLIOGRAPHIA

- 1 DISCURSO em honra a Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varella — 27 pags. — S. Paulo, Typ. da Cia. Industrial 1893.
- 2 DISCURSO na Academia de Direito — 19 pags. — S. Paulo, Typ. da Cia. Industrial — 1893.
- 3 BEIJOS... BEIJOS — conto — 9 pags. — Rio, Typ. da Gazeta de Noticias — 1894.
- 4 JOSE' DE ALENCAR — discurso — 31 pags. — Rio, Typ. Mont'Alverne — 1895.
- 5 ALMA PRIMITIVA — contos — 202 pags. — Rio, Cunha e Irmão — 1895.
- 6 A PORTUGAL, NO CENTENARIO DAS INDIAS, poesia com uma carta de Eça de Queiroz — Typ. Instituto Sordo-Mute — 1898 — in 8.º de 31 pags.
- 7 PROCELLARIAS — poesias — 228 pags. — Porto, Typ. da Empresa Lithographica e Typographica — 1898.
- 8 BALLADAS E PHANTASIAS — contos — (2.º milheiro) — 391 pags. Rio, Laemmert e Cia. — 1900.
- 9 O POEMA DA PAZ — poesias — 42 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1901.
- 10 A LEÃO XIII — elegias — 50 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1901.
- 11 HOMENS E LIVROS — critica — 285 pags. — Rio, H. Garnier, — 1902.
- 12 HORAS SAGRADAS — poesias — 211 pags. — Rio, H. Garnier. — 1903.
- 13 ODES E ELEGIAS — poesias — 129 pags. — Roma, Typ. do Centenario. — 1904.
- 14 CANÇÃO DE MIGNON — traducção de Goethe.



- 15 A' ITALIA, NO LUTO DA CALABRIA E DA SICILIA — poesias — XVII — 46 pags. — Roma, Typ. F. Centenari — 1910.
- 16 COMMEMORAZIONE DI GIOACCHINO NABUCO — 65 pags. — Roma, Typ. F. Centenari.
- 17 O LAMPEÃO SOLITARIO, poesia.
- 18 QUASI PARABOLA — novella.
- 19 VIDA E SONHO — versos — 238 pags. — Rio, Jacintho Ribeiro dos Santos — 1919.

Collaborou na "Revista Moderna" de Martinho Botelho, publicada em Pariz; no "Jornal do Commercio", onde por muito tempo desempenhou as funções de critico; na "Gazeta de Noticias", onde publicou contos; na "Revista Brasileira" (3.ª phase ou de J. Verissimo): O espirito americano, vol. 5.º pag. 169, Versos, tomo XI pag. 89, Aspectos da Italia, tomo XI pag. 321 e tomo XII pags. 100, 181, 285 e 355, Notas e observações (Machado de Assis) tomo XII pag. 379, A Portugal, tomo XIV pag. 321, Procellaria, tomo XV pag. 218, Trovas, tomo XVII pag. 108, O Samba, tomo XIX pag. 129; na "Revista da Academia Brasileira de Letras": Identificação, poesia n.º 1 pag. 35, Harmonias de uma noite de verão, poesia n.º 3 pag. 72, Flor azul, poesia n.º 4 pag. 289, Tio Cypriano, conto n.º 6 pag. 280, Duas impressões do mar, sonetos n.º 7 pag. 53; — na "Revista Americana": Os homens curvos, poesia vol. IV, fasc. 1-2 pag. 180, Dialogo secular, vol. V fasc. 1 pag. 215, Comemoração de Joaquim Nabuco, vol. V fasc. 2 pag. 345, A odysseia do leão, poesia vol. VII fasc. 2 pag. 229, A caça do veado, Outubro de 1917 pag. 10; na "Renascença"; na "Revista do Brasil": Sonetos a Helena — n.º 6, Poesia — n.º 16, Versos — n.º 38; no "Almanack Garnier" (1904): Endymion (soneto), O meu gato (poesia), Fragmento (poesia).

Encontra-se a reprodução do seu retrato na Bibliotheca Internacional, na Littérature brésilienne de V. Orban e no Almanack Garnier de 1905.

Fontes para o estudo critico

- 1 José Verissimo — Estudos de litteratura brasileira, 1.ª pag. 250, III pag. 267, IV pag. 215, V pags. 49 e 180, VI pag. 35.
" " — Alma primitiva — Revista Brasileira 3.ª phase) vol. IV pag. 126.
- 2 Machado de Assis — Critica pag. 200.
" " " — Procellarias — Revista Brasileira, tomo XVI pag. 122.
- 3 João Ribeiro — Fabordão pag. 173.



- 4 Nestor Victor — A critica de hontem pag. 47.
- 5 Pereira de Carvalho — Os membros da Academia em 1915.
- 6 Victor Orban — Littérature brésilienne pag. 406.
- 7 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira pag. 444.
- 8 Almanack Garnier (1907) Metros barbaros.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Vi-o uma vez, somente uma vez, na rua do Ouvidor, á porta de uma livraria, a palestrar com outro rapaz. Tinha eu 15 annos de idade e nutria velleidades de me dedicar á carreira das letras; elle contava 22 annos, fôra premiado, alguns mezes antes, no concurso de contos da "Gazeta de Noticias" e certamente já se considerava consagrado pelo resultado obtido no certamen litterario, depois da decisão do jury e de haver sido publicado o seu trabalho preferido: "Beijos... beijos...".

Mostrou-m'o um companheiro mais versado em assumptos litterarios e permaneci a admirar-o, na sua maneira elegante, bem trajado, physionomia intelligente e aspecto seductor. Despertou-me sympathia instinctiva, após a admiração de adolescente pelo successo por elle alcançado.

Foi em 1894; nunca mais o vi.

Carlos Magalhães de Azeredo, nasceu a 7 de Setembro de 1872, na cidade do Rio de Janeiro. Cedo perdeu o pae, e com 3 annos de idade, foi para Portugal onde se conservou até 1880, em companhia da progenitora e do avô materno.

No collegio de S. Carlos, do Porto, iniciou a educação primaria e, em Itú, collegio de S. Luiz, fez o curso de humanidades, até se matricular na Faculdade de Direito de São Paulo.

Na escola, como no collegio, distinguiu-se entre os companheiros, pela intelligencia e pelo character, conquistando, no internato, amizade de D. Antonio de Macedo Costa e logrando, na academia, a distincção de ser escolhido como orador official na sessão litteraria, em homenagem a Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varella, celebrada pela Faculdade de Direito a 15 de Novembro de 1892, no seu ultimo anno de curso.

Constituiu esse discurso, publicado mais tarde, o seu trabalho de estreia.

No anno immediato, a 9 de Janeiro, proferiu o discurso, na cerimonia de collação de grau, representando a nova turma de bachareis.

De S. Paulo transferiu-se para o Estado de Minas Geraes, com permanencia em S. João d'El-Rey, e d'ahi para o Rio onde encetou a carreira litteraria, depois do premio conferido ao conto que escrevera na cidade mineira.



A sua quarta publicação em folheto foi o discurso "José de Alencar", pronunciado no festival-concerto do Casino Fluminense, a 1 de Dezembro de 1894.

Data, porém, a sua verdadeira estreia de 1895, quando appareceu o livro de contos "Alma primitiva", reunindo producções escriptas em S. Paulo, S. João d'El-Rey, Juiz de Fora e Rio de Janeiro.

Nesse trabalho Magalhães de Azeredo assumiu a feição, não direi de discipulo, mas de um admirador de Paul Bourget, na phase primeira do romancista psychologo. Não pretendo dizer que o autor se aventurasse a estudar psychologia á maneira de "André Cornelis" ou dos personagens de "Un crime d'amour". A sua analyse de temperamentos e o estudo da alma humana obedecem a processos mais simples; os typos são apresentados ao leitor, com raras excepções, segundo os methodos dos naturalistas.

A estreia ultrapassou os limites de uma promessa, considerada com a relatividade indispensavel nos julgamentos; foi uma revelação no acanhado meio litterario em que surgiu. O autor apresentou os elementos primordiales para o successo: estylo sobrio e correcto, simplicidade emotiva e sinceridade de artista.

Succederam-lhe duas obras poeticas: "A Portugal, no centenario das Indias" e "Procellarias". A primeira editada em folheto, com uma carta de Eça de Queiroz, foi mais tarde incluída no volume "Horas sagradas". E' uma ode consagrada aos portuguezes durante o periodo das descobertas no oriente.

A segunda encerra as suas producções, a partir de 1890.

E' um livro intimo, de subjectivismo sadio, dedicado á mãe e á esposa, em duas poesias votivas. A' mãe idolatrada agradece elle o devotamento e os sacrificios na elevada missão de o educar, orphão desde tenra idade. E' um brado de gratidão envolto em phrases de ternura e palavras acariciadoras.

A' noiva confessa o seu passado e faz uma profissão de fé perante a vida, com a coragem dos fortes.

Lembra-se do querido mestre, o seu grande amigo Machado de Assis, e incorpora-o na dedicatória, esculpindo o nome venerado no limiar do livro.

"As procellarias" resumem a vida e devassam a alma do poeta, com arte e sinceridade.

Tributo pago ao romantismo amortalhado nas sombras do passado, parecem representar as "Bailadas e phantasias", onde se entrelaçam os sonhos na imaginação do poeta e donde se evolvem chimeras e reminiscencias de leituras. Devia constituir a estreia do escriptor, ser composto antes de "Alma primitiva", por pertencer á phase primaveril do seu espirito. E só se explica o phenomeno lit-



terario pela circunstancia de se haver o autor afastado do solo natal, para se destinar á carreira diplomatica.

Magalhães de Azeredo, nomeado secretario de legação no Uruguay, foi pouco tempo depois transferido para Roma, afim de exercer o mesmo cargo perante a Santa Sé, e successivamente ministro em Athenas e em Roma (junto á Igreja), embaixador do Brasil no Vaticano.

Naturalmente deixou-se inebriar pela arte antiga e surgiu-lhe o culto da tradição. Como symptoma desse estado psychologico vieram-lhe as evocações do passado e, corollario inevitavel, o regresso ao romantismo, á mercê da imaginação voluvel. E unido á Phantasia fez uma digressão pelo mundo, com escalas ao paiz natal, em busca das rosas d'antanho, "rosas de crença, rosas de enthusiasmo, rosas de affecto, mescladas embora aos espinhos da experiencia e da dôr, e aos primeiros fructos estivos. Flores serodias que desabrocharam no espirito varonil do poeta; resquicios da primavera em declínio.

As posteriores manifestações poeticas de Magalhães de Azevedo encerram-se em: "O poema da paz" (1901), "A Leão XIII" (1901), "Horas sagradas" (1903), "Odes e elegias" (1904), "Canção de Mignon" (traducção por mim desconhecida), "A' Italia" (1910) e "Vida e sonho" (1919).

As cogitações do diplomata, espirito utopista educado nos principios do direito universal; as bases indestructiveis de sua philosophia theologica, espirito arraigado ás crenças divinas de catholico fervoroso, dictaram-lhe, para saudar a aurora do seculo XX, a inspiração de "O poema da paz" em que o autor emprehende verdadeiro balanço dos tempos idos e corporifica os sonhos em prognosticos vagos, em vaticinios indeterminados.

Ainda o diplomata e o catholico contribuíram na composição das elegias a Leão XIII, poeta latino. Mas nesse trabalho ha uma inovação esthetica, anteriormente tentada pelo poeta, na Revista Brasileira, de se introduzirem na poesia brasileira os disticos modernos ou metros barbaros que imitam os hexametros e pentametros latinos, cultivados em italiano por D'Annunzio nas "Elegie romane", por Fogazzaro, Carducci e Tommaseo. Não me parece feliz o effeito harmonico, talvez por falta de habito ou por se haver obliterado a noção de quantidade.

A meu ver, os livros representativos do poeta, os que nos transmittem as suas emoções íntimas e exprimem o seu modo de sentir, são "Procellarias", a primeira parte de "Horas sagradas", intituladas "Rosal de amor" e o ultimo livro — "Vida e sonho".

Subordinam-se ao lyrismo subjectivo e ostentam o caracter sincero do artista.



Em "Horas sagradas" elle apresenta um conjuncto de impressões estheticas, inspiradas durante a sua permanencia em Florença; são os "Bronzes florentinos" além das "Odes civicas" e da "Alma errante". Nota-se o progresso gradual de apuro na forma, delicadeza de inspiração e tendencia á perfeição.

Nas "Odes e elegias" insiste o poeta na tentativa de reformar a metrica, introduzindo os denominados disticos modernos. Reproduzo, como exemplos susceptiveis de se tornarem mais fortes argumentos, o conceito emittido em relação a "Balladas e phantasias". O poeta deixou-se inspirar pela antiguidade pagã e pelos monumentos da arte christã, foi absorvido completamente pelos encantos intellectuaes que suggere a tradição de Roma a todos que se manifestam aptos a receber emoções estheticas. "A' Venus Capitólina", "Infancia dos faunos", "Sarcophago antigo", "Estatua mutilada", "Pela campanha", "Villa Doria" e, pode-se affirmar, todas as odes, hymnos e elegias do volume, a partir do offertorio "A Roma", são attestados que corroboram a asserção e demonstram o divorcio entre a inspiração, metrica, estro, emfim entre o character do poeta das "Odes e elegias" e "A' Italia" e o lyrismo brasileiro.

José Verissimo definiu bem esse estado psychologico de Magalhães de Azeredo.

Nas suas ultimas producções de "Vida e sonho" volve á feição primitiva, com accentuada evolução de forma e ideias, e já escreve "Flor tropical", "Lundum", "Perfume evocador", embora ainda afastado do nosso lyrismo.

Como prosador, além dos volumes citados de contos e ficções, escreveu "Homens e livros", ensaios criticos, "Commemorazione de Gioacchino Nabuco", cuja edição em portuguez se encontra na "Revista Americana", artigos de critica no "Jornal do Commercio", "Aspectos da Italia" na "Revista Brasileira", contos e artigos esparsos.

Não conheço a traducção da "Canção de Mignon", "O lampeão solitario" (poesia) e a novella "Quasi parabola".

Magnificos ensaios de critica se contêm em "Homens e livros",

Leopardi, Garrett, Eça de Queiroz, Alph. Daudet, Machado de Assis, Alberto de Oliveira e José Verissimo são alli estudados com carinho, competencia e provas de erudição.

Ao mesmo genero pertence o estudo sobre Nabuco, conferencia realisada perante a Universidade de Roma, em homenagem ao preclaro orador e publicista que nos deixou tão precioso legado.

Os quatro artigos insertos na Revista Brasileira aos quaes Magalhães de Azeredo deve reunir outros semelhantes, afim de accrescentar mais um volume ao seu já notavel acervo litterario, repro-



duzem as impressões do autor perante as ruínas e o passado glorioso de Roma.

Muito ainda se espera do distincto brasileiro, digno representante do Brasil no estrangeiro e escriptor de merecimento indiscutível: livros de contos e poesias, romances e ensaios de critica, impressões de viagem e estudos de sociologia ou de historia.

Summario para um estudo completo

A formação do character — Na primeira academia — A primeira victoria e os seus livros de contos — Carreira diplomatica — Influencia estrangeira — As feições do poeta — Ensaio de critica — A reforma da metrica — Ultimas produções.

ARTHUR MOTTA.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Será interessante aos leitores da "Revista do Brasil" conhecer a lista inteira dos membros desta corporação, não só nacionaes como estrangeiros.

Aqui vae ella:

PATRONOS E MEMBROS

1 — Adelino Fontoura, 1859-1884	Luis Murat
2 — Alvares de Azevedo, 1831-1852	Coelho Netto
3 — Arthur de Oliveira, 1851-1882	Filinto de Almeida
4 — Basilio da Gama, 1740-1795	Aluizio Azevedo, 1857-1913 Alcides Maya
5 — Bernardo Guimarães, 1827-1834	Raymundo Corrêa, 1860-1811 Oswaldo Cruz, 1872-1917 Aloysio de Castro
6 — Casimiro de Abreu, 1837-1860	Teixeira de Mello, 1833-1907 Arthur Jaceguay, 1844-1914 Goulart de Andrade

- | | |
|--|---|
| 7 — Castro Alves, 1847-1871 | Valentim Magalhães, 1859-1903
Euclides da Cunha, 1866-1909
Afranio Peixoto |
| 8 — Cláudio Manoel da Costa, 1729-1789 | Alberto de Oliveira |
| 9 — Domingos de Magalhães, 1811-1882 | Magalhães de Azeredo |
| 10 — Evaristo da Veiga, 1799-1837 | Ruy Barbosa |
| 11 — Fagundes Varela, 1841-1875 | Lucio de Mendonça, 1854-1909
Pedro Lessa |
| 12 — França Junior, 1838-1890 | Urbano Duarte, 1855-1902
Augusto de Lima |
| 13 — Francisco Octaviano, 1825-1839 | Visconde de Taunay, 1843-1899
Francisco de Castro, 1857-1901
Martins Junior, 1860-1904
Souza Bandeira, 1865-1917
Helio Lobo |
| 14 — Franklin Tavora, 1842-1888 | Clovis Bevilacqua |
| 15 — Gonçalves Dias, 1823-1864 | Olavo Bilac, 1865-1918
Amadeu Amaral |
| 16 — Gregorio de Mattos, 1623-1696 | Araripe Junior, 1848-1911
Felix Pacheco |
| 17 — Hyppolito da Costa, 1774-1823 | Sylvio Romero, 1851-1914
Osorio Duque Estrada |
| 18 — João Francisco Lisboa, 1812-1863 | José Verissimo, 1857-1916
Homem de Mello, 1837-1918
Alberto Faria |
| 19 — Joaquim Caetano, 1810-1873 | Alcindo Guanabara, 1865-1918
Silverio Gomes Pimenta |
| 20 — Joaquim M. de Macedo, 1820-1882 | Salvador de Mendonça, 1841-1913
Emilio de Menezes, 1867-1918
Humberto de Campos |
| 21 — Joaquim Serra, 1838-1888 | José do Patrocinio, 1854-1905
Mario de Alencar |
| 22 — José Bonifacio, o moço, 1827-1886 | Medeiros e Albuquerque |



- | | |
|--|---|
| 23 — José de Alencar, 1829-1877 | Machado de Assis, 1839-1908
Lafayette R. Pereira, 1834-1917
Alfredo Pujol |
| 24 — Julio Ribeiro, 1845-1890 | Garcia Redondo, 1854-1916
Luiz Guimarães Filho |
| 25 — Junqueira Freire, 1832-1855 | Barão de Loreto, 1836-1906
Arthur Orlando, 1858-1916
Ataulpho de Paiva |
| 26 — Laurindo Rabello, 1826-1864 | Guimarães Passos, 1867-1909
Paulo Barreto |
| 27 — Maciel Monteiro, 1804-1868 | Joaquim Nabuco, 1849-1910
Dantas Barreto |
| 28 — Manoel de Almeida, 1832-1861 | Inglez de Souza, 1853-1918
Xavier Marques |
| 29 — Martins Penna, 1815-1848 | Arthur Azevedo, 1855-1908
Vicente de Carvalho |
| 30 — Pardal Mallet, 1864-1894 | Pedro Rabello, 1868-1905
Heraclito Graça, 1836-1914
Antonio Austregesilo |
| 31 — Pedro Luiz, 1839-1884 | Luiz Guimarães, 1847-1898
João Ribeiro |
| 32 — Porto Alegre, 1806-1879 | Carlos de Laet |
| 33 — Raul Pompeia, 1863-1895 | Domicio da Gama |
| 34 — Souza Caldas, 1762-1814 | Pereira da Silva, 1817-1898
Barão do Rio Branco, 1845-1912
Lauro Muller |
| 35 — Tavares Bastos, 1839-1875 | Rodrigo Octavio |
| 36 — Theophilo Dias, 1854-1889 | Affonso Celso |
| 37 — Thomaz Gonzaga, 1744-1807 | Silva Ramos |
| 38 — Tobias Barreto, 1839-1889 | Graça Aranha |
| 39 — Varnhagen, 1816-1878 | Oliveira Lima |
| 40 — Visconde do Rio Branco, 1819-1880 | Eduardo Prado, 1860-1901
Affonso Arinos, 1868-1916
Miguel Couto. |



MEMBROS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS:

- | | |
|-------------------------------------|---------------------------------|
| 1898 — Emile Zola, 1840-1902 | 1915 — Antonio Feijó, 1860-1917 |
| „ — Eça de Queiroz, 1845-1900 | 1898 — Guerra Junqueiro |
| „ — Elisée Reclus, 1830-1905 | „ — Theophilo Braga |
| „ — José Echegaray, 1833-1908 | „ — Eugenio de Castro |
| „ — Herbert Spencer, 1820-1903 | „ — Paul Groussac |
| „ — Leão Tolstoi, 1828-1910 | 1900 — G. D'Annunzio |
| „ — Bartolomé Mitre, 1821-1906 | 1907 — G. Ferrero |
| „ — Garcia Merou, 1862-1905 | „ — Carlos Malheiro Dias |
| „ — Guilherme Blest Gana, 1829-... | 1910 — Candido de Figueiredo |
| „ — Josué Carducci, 1836-1907 | „ — Antonio Corrêa d'Oliveira |
| „ — Theodoro Mommsen, 1817-1903 | „ — Goran Bjorkman |
| „ — Henrique Ibsen, 1828-1906 | „ — Jean Finot |
| „ — Rafael Obligado, 1851-1920 | „ — Victor Orban |
| 1900 — John Fiske, 1842-1901 | „ — Jayme de Segurier |
| „ — John Hay, 1838-1905 | „ — Javier de Viana |
| „ — H. Sienkiewicz, 1846-1917 | „ — Santos Chocano |
| 1910 — Conde de Monsaraz, 1852-1913 | 1912 — Martin Brusot |
| „ — Gonçalves Vianna,-1914 | 1913 — John Casper Branner |
| „ — Ramalho Ortigão, 1837-1915 | 1914 — Alberto d'Oliveira |
| | 1917 — João de Barros |
| | „ — Julio Dantas. |





ENEIDA — *Versão portuguesa*
por Leopoldo Pereira — Imp.
Official — Belo Horizonte.

O sr. Leopoldo Pereira prestou excelente serviço ás letras, traduzindo para a prosa vernacula o poema de Virgilio. Embora já traduzido em verso e prosa, por mil fórmãs, o novo livro representa preciosa contribuição para o estudo classico, tão descurado hoje.

Graças a elle, com facilidade se divulgarão as bellezas da epopéa, pois, atendo-se ao pensamento, livre das peias poeticas, conseguiu dar da obra a melhor idéa e, o que é mais, vasal-a em fórmula ao alcance da massa dos leitores, que se não supportariam os versos, também rebarbam ás versões feitas para o ensino. Tem, assim, este trabalho meritos apreciaveis. Se não foi feito para uso das escolas é innegavel que, talvez por isso mesmo, lhes prestará excellentes serviços, supprindo as falhas que os outros apresentam. Por outro lado, evitando a aridez da letra, pé por pé traduzida, offerece leitura agradável e correntia, em castissima linguagem.

Na verdade, bello serviço ás letras.

VÔO NUPCIAL — *Albertino Moreira* — Ed. da "Revista do Brasil" — S. Paulo — 1920.

Em meio á nova literatura que surge em São Paulo, seiva a transdar com vida propria e numerosissimo publico, que a mantém na mais bella florescencia, não occupa logar somenos *Vôo Nupcial*, de Albertino Moreira. Afirmação de um véro romancista, que tem delle a boa tempera, se não é obra escoimada de deslises, reveste-se de attributos que lhe valerão fama e boa sorte.

Tem defeitos? Mas quem nos garante que os leitores iêm a faiscar defeitos, a requadrar e esquadrinhar a obra? Quem lê, lê por gosto, isto é, á procura de um prazer e entretenimento. Ao escriptor pede, pois, em primeiro logar interesse, que chame e prenda a atenção e, depois, uma parcella de goso. Ora, Albertino Moreira soube dispôr taes coizas no seu romance que logra satisfazer o leitor.

Que mais?

Não basta a historia da Mariana, tal como é e como são tantas outras? E' um caso simples. A roceirinha deixa-se levar de engodos e se trava de relações intimas com o

tropeiro a quem a mãe dera hospedagem. São algumas semanas. Um dia o capataz segue viagem. O sonho de Mariana se desfizera. Dá-lhe acolhida o sr. vigário, reverendo muito á Eça, quasi á Abel Botelho...

E' então o capitulo mais curioso: —o escandalo, depois a indifferença, logo mais normalidade plena. A villa se integra em todos os seus elementos. D'ahi para além, o destino de Mariana se vae definindo até espriar-se, afinal, no anonymato dessas que, tendo brilhado um instante nas pittorescas "capitães" do sertão, vão acabar na consumpção physica a vida animalesca que levaram. Mariana, aliás, differre um pouco: pagando o feio crime, atufa-se numa tapéra da villa natal, dalli só sahindo em noite aziaga, olhos de fogo, labaredas na bocca...

Os quadros, que atravez desse enredo nos apresenta, são typicos, retratam a villa, sem pretensão, naturalmente. Essa naturalidade parece ás vezes excessiva. São certas paginas vulgares, a que falta o accento de interesse e vida, que em outras predomina.

Se o conjuncto não tem o aspecto inteiriço, do começo a fim, entresachando-se as partes sem rebarbas nem lacunas, verdade é que impressiona favoravelmente, imprimindo no espirito memoria nítida de uma cadeia de episodios, que têm o dom inapreciavel de interessar.

Da linguagemem em que é escripto *Vôo Nupcial* não dissemos nada. E' que Albertino Moreira, ma-

nejando a lingua com perfeito desembaraço, bem merece que, esquecendo o fundo material da obra, encaremol-a de alto no que ella mais tem de arte. E' daquelles escriptores que, pela fluidez e limpidez, tendem a abstrahir da palavra, só jogando com os factos e a inspiração que os preside. Debalde procuraremos nelle a phrase brilhantemente pessoal. De largas perspectivas, ha de ser no romance o que se chama o "creador".

Para isso, entretanto, terá que se desvencilhar primeiro das influencias a que se prende: o velho realismo sensual... A realidade não é, positivamente, apenas volupia e sordidez. Sobejamente o provam os "realissimos" autores paulistas, que vêm dando tanta vida ás letras nacionaes e entre os quaes está muito bem o novo romancista.

ALMA CABOCLA — *Paulo Setubal* — S. Paulo — 1920 — *Ed. da "Revista do Brasil"*.

Alma Cabocla é um livro feito, a que se destina, graças ao seu numerosissimo publico, a mais bella carreira. Revelação de um verdadeiro poeta, correspondendo a extraordinaria massa de leitores, é tambem a revelação de uma alma collectiva, até agora adormecida, á falta de quem arrostasse os riscos de entestar com ella. Paulo Setubal, senhor da situação e de si mesmo, não desdenhou do thesouro, não temeu a aventura. Despido de preconceitos, buscando a poesia onde ella está, simplesmente, sem artificio, soube fazel-o com arte e, si não nos deu tudo o que pode a



sua musa, offereceu-nos o bastante para que o tenhamos entre os eleitos.

De inspiração abundante e elocução facilíma e abundantíssima, os seus versos respiram o mais doce lyrismo, ao alcance de toda a gente, ao sabor de todos os gostos. Ahi, o perigo. Mas, com tal discreção se portou o poeta que nada ha que se lhe arguir. Não confundindo fluidez com prosaismo, espontaneidade com desleixo, poetisa bem versificando melhor.

E', assim, integralmente, o poeta do grande publico. Por isso, ha de ser grande, grande devendo ser o seu papel em nosso meio.

A sua orientação é optima e fecundissima. Nem se diga que representa um retorno á velha poetica de Fagundes Varella e Alvares de Azevedo, uma tentativa isolada e accidental, que por isso mesmo morreria sem echo, á falta de fundamento no conjuncto literario nacional e de raizes no meio presente.

Não ha tal. Paulo Setubal está com as mais modernas correntes literarias, que encaminham, todas, a inspiração para a própria poesia em sua simplicidade e nudez, tendencia já antes da guerra notada e, depois della, accentuada em toda a linha. E' a autonomia poetica, livre de escolas, personalisada, que se vae desenhando em toda a parte, como o unico e verdadeiro preceito da arte.

Em suas linhas geraes, pois, *Alma cabocla* está perfeitamente em dia. Só uma restricção se lhe faria nesse sentido. Abandonado-se ao mar largo, em que tão bem e ven-

turosamente navega, podia o poeta — sem se apartar de seus principios colher um pouco as velas... Dentro das proprias normas a que a cingiu, as quaes são as mais largas e commodas, ha margem para uma nota pessoal fortissima. Pois que, se entre os nossos poetas Paulo Setubal se distingue por decidida originalidade, não se diz o mesmo das relações entre o auctor e o seu publico. O poeta transigiu com o leitor talvez um pouco mais do que convinha á resalva da propria identidade pessoal.

Assim, *Alma cabocla* não é a ultima expressão das possibilidades do legitimo poeta que a subscreeve e que, no seu mesmo caminho, ainda nos ha de dar muita e muita joia do mais lidimo cunho e do mais subido valor.

O volume, edição desta Revista, traz bellissimas illustrações de Paim, que, cingindo-se a motivos puramente nacionaes, com intelligencia escolhidos em nossa flora, realisou obra original e de fina arte, reveladora de um forte temperamento de innovador. Na verdade, transformar vulgaridades quaes a samambaia e a bananeira em expoentes de belleza, é alguma coisa chocante, admiravel mesmo.

EVOCANDO — *Humberto de Lima e Oliveira* — Ed. Aillaud e Bertrand — Lisboa 1920.

Estamos deante de um poeta da boa tempera que não desdenha de approximar-se dos grandes mestres. De pronunciado sabor camoneano, alguns versos do sr. Hum-



berto de Lima e Oliveira agradariam se não os pejasse de tanto termo precioso.

Aos apreciadores do genero apresentamos uma pequena serie, alli colhida; vacinio, fontinal, fraguta, arula, singel, asamar, azemel, acronia...

JUBILEU DE RUY BARBOSA

— *Clodomir Cardoso* — Typ. Teixeira — Maranhão.

Nunca, de certo, neste paiz homem algum conseguiu reunir em torno de si tão abundante literatura como a que versa a grande personalidade de Ruy Barbosa. A politica, o Direito, o estylo, a lingua-gem, a grammatica de suas obras, eis outros tantos materiaes de estudo inexgotavel.

Prova disso é o opusculo do sr. Clodomir Cardoso, sob o titulo supra, contendo longo discurso, pronunciado por occasião do jubileu do eminente patricio.

FLOR AZUL — *Bernardino Vieira* — Ed. Leite Ribeiro & Maurillo — Rio — 1920.

Abre a *Flôr Azul*, do poeta mineiro Bernardino Vieira, com uma carta de Hermes Fontes. Ao laureado vate de *Apotheoses* cedemos, pois, a palavra:

“Recebi seu telegramma e deixo de servir-me da taxa de resposta paga por não me ser posivel responder-lhe em poucas palavras.

Só hoje recebi o telegramma, apezar de aqui ter chegado, ha dias. A razão é simples. Não tenho ido ao Gabinete, por motivo de saude. Mas não é a pouca saude

que justifica a minha abstenção de prefaciá-lhe o livro. O motivo é outro. E' que, sinceramente, falando de alma a alma como V. merece, acho de um profundo máo gosto essa coisa de prefacio. E' artigo em desuso,— fóra de moda e nullo de effeito.

A *Flôr Azul* quando a vi ha quasi anno, tinha coisas aproveitaveis. Agora deve estar muito melhor e V. tem de facto um bonito talento, etc.”

MYTHEN, SAGEN UND MÄRCHEN BRASILISCHER INDIANER — *Dr. Clemens Brandenburger* — Rotermund & C. — Rio Grande.

Em um bello volume, excellentemente impresso e encadernado, trabalho elegante que muito depõe em favor dos bons creditos da operosidade da colonia germanica do Sul, o dr. Clemente Brandenburger reuniu, vertidas para o allemão, uma collectanea de mythos, fabulas e crenças dos indios do Brasil.

Já devendo ao mesmo auctor varios trabalhos de estudo e vulgarisação de coisas brasileiras, vem este enriquecer a sua collecção de folklorista esclarecido.

COMO SE HYGIENIZARIA NATAL. — *Dr. Januario Cicco.* — Typ. M. Victorino. — Natal. — 1920.

Este opusculo, illustrado com interessantes photographias, encerra criteriosas considerações sobre o saneamento da capital do Rio Grande do Norte, suggeridas, no exercicio de suas funcções, pelo dr. Ja-



nuario Cicco, inspector da Saude do Porto de Natal e chefe das clinicas do Hospital de Caridade "Jovino Barretto".

E' grato verificar, assim, que os grandes assumptos nacionaes, como o saneamento e a hygiene, vāo merecendo em toda a parte o mais carinhoso estudo.

POVO SÃO E POVO DOENTE.

— *Dr. Renato Kehl. — Ed. do "Brasil Medico".—Rio. — 1920.*

O sr. dr. Renato Kehl, que com afan se dedica á nobre faina de concorrer para a regeneração physica do nosso povo, acaba de publicar mais um interessante folheto a respeito do magno assumpto.

Conhecido por assidua collaboração na imprensa diaria de São Paulo e Rio, não precisamos dizer o que seja mais este estudo, em que nos apresenta alguns dados entropometricos de populações nacionaes, em circumstancias nada favoraveis á constatação de sua boa saude.

RELIGIÃO DE AMOR. — Mozart Monteiro. — Rio. — 1920.

Num grosso volume de quatrocentas paginas, dá-nos o sr. Mozart Monteiro as suas impressões da vida. Sob a epigrapha "Sorrisos de um sceptico", os seus trabalhos, que revelam uma grande e sincera ingenuidade, poderiam talvez ser chamadas confissões.

Na introdução diz: — "Quem passa pelo mundo tem direito a dizer o que pensa do mundo". E é o que faz, com grande dispendio da erudição e de palavras.

Deve ser muito joven o autor, que, com o correr dos tempos, firmando

as suas qualidades, nos pode apresentar melhores trabalhos.

ALMA CREPUSCULAR. — Pedro Vergara. — Barcellos, Bertaso & Cia. — Porto Alegre.

O sr. Pedro Vergara, um dos "novos" do Rio Grande do Sul, que se orgulha de contal-os em grande numero, reuniu em volume as suas primeiras produções poeticas. Desde a primeira vista, nota-se em seus trabalhos o louvavel esforço de... dizer alguma coisa. Não deixamos passar o caso sem registro, pois, entre verzejadores é facto digno de nota que se encontre algum que pretenda dizer com clareza o que sente e pensa. Em geral, os nossos poetas não pensam e, se alguma coisa sentem, essa se esvae de tal maneira numa linguagem vaga e convencional que ninguem a percebe.

O sr. Pedro Vergara tem essa optima qualidade, que, aliás, não aproveitou como devia para nos dar obra cabal. Veja-se o soneto *Fim*, que devia ser bom e se o não é, revela, entretanto, a massa de que se fazem os poetas:

Tudo no mundo finda, tudo acaba
a crença, a gloria, a força, a vida, o amor,
a divina esperança que se gaba
de ser eterna, acaba sob a dor.

Entretanto, não cessa o intenso ardor
de viver, que se vê do burgo á taba,
não cessa a febre estulta de compor
mundos novos, num mundo que desaba.

E' que sob esta febre a alma repousa,
porque, se ha uma descrença em cada
[lousa,
em cada berço existe uma esperança.

Por isso é que ha felizes e infelizes,
um que laureis conduz, outro que cicatri-
[zes,
quem nada tem, quem tudo quer e alcança.



Sem falar na falta de pontuação do primeiro quartetto e nos pronomes *um* e *outro* do tercetto final, os quaes estão soltos, perdidos no ar, em discordancia com os nomes a que se referem, existe ahi uma boa argamassa que se perdeu.

ESTUDOS. — *Albertina Bertha.* — *Ed. Jacyntho R. Santos.* — Rio. — 1920.

Não nos admira que se abra este livro com uma conferencia sobre Nietzsche. Producto de um espirito feminino, que, aliás, do sexo abandonou as fraquezas para entestar com todos os problemas da philosophia e da arte, explica-se a preferencia concedida ao grande philosopho. Nem é caso singular o seu. Em França, onde só antipathias conta o pensador de Weimar, condemnado como o grande causador da guerra, o prototypo da besta-féra feita super-homem, desvencilhado de escrupulos e preconceitos, attento á transmutação de todos os *valores*, — em meio a um ou outro defensor não é menos que uma mulher quem nol-o apresenta como verdadeiro professor de energia.

Mme. Daniel Lesueur reeditou o anno pasado o seu romance *Nietzscheenne*, que, se antes da guerra passou despercebido, melhor sorte acaba de obter, iniciando a reabilitação de Nietzsche perante os francezes.

De passagem, não deixaremos aqui em branco a opinião da escriptora em tão interessante assumpto. Eis o que diz em prefacio, procurando provar quão pouco Nietzsche é allemão:

“E’ por capitulos inteiros que mostrou sua prescencia intima do

caracter allemão. Crer-se-ia ouvir ainda o julgamento com que Tacito flagellou a Germania.

Por outra parte, sua doutrina foi deformada; em particular sua doutrina dos “senhores e dos escravos”; os primeiros são para elle os homens que sabem “se sobrepujar”, estejam embora no “fundo do ergastulo”; os outros aquelles “que se deixam levar por suas baixas paixões”, ainda que estejam no alto de um throno. These magnífica, a mais excelsa, em logar de a desfi-gurar, não temos nella o que aprender?”

Mme. Lesueur é, pois, audaciosa, bem mais que a sra. Albertina Bertha...

Mas, porque esta preferencia de mulheres pelo nebuloso pensador? Por essa mesma genial nebulosidade, certo, pois foi sempre proprio da outra metade amar o indeciso, o vago e mystico. A’ auctora de *Exaltação*, com o seu sensibilissimo sensorio, havia de saber bem o extranho e pessoalissimo mysticismo do mais moderno dos prophetas.

Os seus *Estudos* são uma nota original em nossas letras. A brilhante herdeira das glorias de Lafayette, se não penetra as suas theses, de modo a estudal-as, de facto e a ensinar-nos algo já ensinado embora, esvoaça por ellas com dispendio abundante da erudição facil, que, quando mais não valha, apreciamos como orientação para esferas menos futeis que o commum do nosso movimento intellectual.

Sob esse aspecto foi feliz a tentativa da sra. Albertina Bertha.

Brenno Ferraz.





O DIALECTO DO SERTANEJO NORTISTA

O caipira do Norte, como os bravos gaúchos do Rio Grande, possui também a sua linguagem especial e pittoresca, que não deixa de ter o seu engenho e a sua graça. Ella constitue quasi um dialecto, que se torna por vezes incompreensível para os que não estiverem acostumados a ouvi-lo.

Eis aqui uma amostra dessa linguagem, extrahida do "Diccionario Chronographico do Estado da Parahyba", de Coriolano de Medeiros, e com a qual um conterraneo do Sr. Epitacio Pessoa, actual presidente da Republica, faz a narração do rapto da sua cabocla:

— Mofumbei a biscaia no lombo do barreiro e, patinhando em ovos, abiquei o rancho sem respiro. Assuntando o logar, vi que me areei no breu da noite; roçando os enxamés, chamo cambitos pra guente e topei ca miunça remoendo na latada. Arranco medonho! Apalacado o estrupiço, destampeí as ouças no espaço do caniço. Dentro batiam bocca Joaquim ca espingarda:

— Oia Maria, se levanta vista pro cabra, mostro de quantos paus se faz uma cangaia.

E ella disse por aqui assim:

— Não é com medo do seu boquejar, seu Quinca, qui eu não ligo outras calças; é coisa que nem bate o papo, e nem deixo sua fia espia qualquer bengala-fumengas.

— O bafafá durou que nem o tempo, mas, na primeira cantada, tudo era quéto

como um lagedo. Tirei entonce a espinha da cobra e dei o risco do trato; primeira vez, nem mode coisa, segunda vez, mesmo tom. Repeti arrogante e quasi não retracava: a caboca espirrou alisada e de fita, como se já fosse pros pés do padre. Era mangerona só".

Vae agora a traducção em bom portuguez:

— Occultei a egua por traz do balde do açudinho e pisando de leve cheguei ao oitão do casebre e fiquei immovel. Examinando o lugar, percebi que me enganara devido á escuridão da noite. Encostei-me á parede e marchei, indo encontrar, cabras e cabritos ruminando na latada. Os animaes espantaram-se. Serenando o rumor, escutei entre os fundos da porta de varas. Dentro da casa, Joaquim discutia com a amasia:

— Fica sciente, Maria, que se olhares para o cabra, dou-te uma grande sóva!

— E ella respondeu deste modo:

— Não é por temer suas ameaças, seu Quinca, que eu affirmo que outro homem não merece minha attenção, e nem consinto que sua filha namore qualquer João Ninguem.

A discussão durou muito tempo, mas ao primeiro canto do gallo, tudo ficou silencioso como um lagedo. Saquei da faca e fiz o signal combinado. Da primeira vez nada de resposta; da segunda vez ainda nada; repeti mais forte e quasi não terminei de riscar; a cabloca surgiu rapida, penteada e enfeitada, como se já não fossemos casar. Cheirava somente a mangerona.

A LUA CORNEA

Meio seculo depois da descoberta do Brasil, um sabio hollandez, Fabricius, notou a acção negrejante da luz solar sobre um sal de prata. As invenções naquella época eram em extremo lentas no evoluir — engatinhavam, andavam de muletas, com estações de desesperantes sonneiras pelo caminho. O facto observado por Fabricius era o primeiro passo da photographia; para chegar ao segundo, porém, ao passo industrial dado com Niepce e Daguerre, foram precisos quasi tres seculos de incubação em numerosos cerebros, alguns superiormente dotados na bossa inventiva, como os de Humphry Davy e Wollaston.

Se resuscitassem, hoje, esses precusores, que assombro o seu deante das consequencias maravilhosas em que se desabrochou a singela reacção solar sobre o chloreto de prata — ou lua cornea, como lhe chamavam então!

A photographia virou um dos elementos fundamentaes do mundo moderno. Não ha sciencia nem industria que não deva a esse instrumento insubstituivel o melhor dos seus actuaes progressos. O que ella possibilitou não tem conta, como é imprevisivel o muito que ella ainda traz latente no bojo.

Ouando parecia estacionada, tendo dado de si tudo, abrolha da grande arvore um galho novo, imprevisito, aberto numa florescencia de possibilidades que tonteia de vertigens a imaginação. A cinematographia foi um desses galhos. Recentissima, coisa de hontem, já conquistou ella o mundo, e imprimiu no andamento do progresso um rythmo novo. Sua influencia no mundo de amanhã será tão grande como o foi no de hoje a da imprensa. E é possivel, mesmo, que seu destino seja sobrepôr-se á imprensa, sabalternizando-a como instrumento de propagação de idéas. E que substitua, em grande parte, o jornal e o livro. Tanto o jornal como o livro funcionam como vehiculos de imagens cerebraes, mas vehiculos ronheiros que exigem um elevado indice de cultura no leitor. E que exigem tempo, elemento cada vez mais escasso na atropelada vida moderna; e dinheiro — e cada vez mais porque o livro encarece vertiginosamente; e ainda cer-

tas disposições de espirito não realizadas com frequencia. Já o cinema, vehiculo de imagens de muito maior envergadura, pede menos dinheiro, menos cultura e menos disposições mentaes especialissimas. Está, pois, predestinado a bater o livro em uma boa parte do seus dominios e, quem sabe? a propria imprensa.

Entre nós sua "actuação" já é formidavel e muito mais dilatada que a do livro. Calculando-se para os 700 cinemas existentes no Brasil a média de um espectáculo com cem espectadores por dia, temos 70.000 pessoas que "lêem" diariamente as novellas cinematographicas dadas á projecção. Pergunta-se: haverá, não dizemos 70.000, mas 7.000 novellas impressas, lidas por dia? O movimento de vendas nas livrarias está longe de indicar este algarismo, o que prova o enorme avanço já conquistado pela novellistica muda, "lida" na tela, sobre a novellistica guttenbergiana, lida em livros.

Nos Estados Unidos os algarismos tonteiam. Vinte e cinco milhões de pessoas recorrem diariamente ao *shadowland*. E' facil imaginar a força prodigiosa dum instrumento de idéas que se alarga em taes proporções.

A novella popular, pelo systema antigo, quer em folhetins de jornaes, quer em brochuras baratas, *sub especie* Escrich, Ponson & C., está morta entre nós, onde, aliás, nunca teve grande desenvolvimento graças á barreira inexpugnável do nosso fantastico analfabetismo. A proporção, nas capitaes e no interior do paiz, entre a novella vista e a novella lida, seria, talvez, de uma para mil. E a inclinação da balança, favoravel á "vista", cresce dia a dia. Só no Estado de S. Paulo existem cerca de 300 salas de leituras dedicadas exclusivamente á novellistica cinematographica. E todas se enchem á noite, ao passo que as salas de leitura *vicus-jeu*, dos gremios literarios, recreativos e dansantes, ou das bibliothecas municipaes, vivem ás moscas. Boceja dentro dellas um "tomador de conta", com a cabeça povoada de imagens das *Dorothys* americanas, ancioso por que anoiteça e possa elle, trancando aquella "jossa", ir regalar-se com a arte mimica da gentilissima Pickford. Nninguem mais surge ali, como outrora, para um serãozinho de Escrich, nem meninas em crise romantica,

frechadas por Cupido, mandam pelas crioulinhas buscar um romance "bem amoroso, seu Chico Traça, que tenha uma condessa pallida e um Raul moreno, de olhos bem pretos, como o meu Lulú..."

As misses americanas, ricas de belleza e saude, senhoras duma arte personalissima que não revê o molde dos conservatorios francezes, acrobatas, nadadeiras insignes, mestras na arte de dominar, cavalgar, amansar espadados representantes do sexo forte, empolgam em absoluto á nossa gente masculina. Em casa, vindos da fita, deante da esposa amarellida, toda nervos e medo ás baratas, elles sonham uma outra vida, mais forte, mais bella, perfumada de lindas mulheres num paiz de devaneio onde tudo corra na maciota cinematographica.

As meninas, romanticas ou realistas, essas, viraram mysticas, dum mysticismo novo. Como as d'outrora esposas de Jesus, todas hoje esposaram mais ou menos, in mente, os George Walsh, os Wallace Reid, os William Farnum, essa pleiade de succulentos heroes modernos, magnificamente bellos, esplendidamente fortes. E suspiram de decepção piedosa quando, fora da tela, os Chiquinhos, Lulu's e Pedrocas côr de terra, sem peito, sem hombro, sem musculos, sem belleza, approximam-se dellas para um córte de namoro.

— Amo-te, Julieta! Pede-me a vida, pede-me o impossivel... Tudo farei para demonstrar o meu amor!

— Quero que você, Romeu, faça como o Tom Mix, naquella noite: apanhe o meu lenço do chão numa galopada de cavallo!...

Romeu coça a cabeça. Em materia de equitação seu heroismo não vae além de montar eguas mansas, ultra-lerdas, só de andadura.

E as Julietas suspiram...

Até as creanças se fanatizam pelo shadowland. Nos cinemas do interior reservam-lhes os bancos da frente, com estradas a 200 réis, e ellas ali deliram, torcendo, como no futebol, em pról do heroe do dia e applaudindo-os com delirio no momento da victoria.

Tom Mix, William Hart, Eddie Polo, Antonio Moreno e outros cow-boys maravilhosos povoam hoje os cerebros infan-

tis, impregando-os fortemente dum ideal novo.

Porque o cinema americano renova, resurge a cavallaria andante. Dá-lhe fórmas actuaes, logicas e modernas, conservando-lhe, porém o espirito.

Hart é o moderno Roldão. Suas proezas excedem ás do valoroso par de França que morreu em Roncesvalhes. No começo, em suas primeiras fitas, limitava-se a vencer um inimigo, depois de luta corporal ao vivo, dum realismo electrizante. Não lhe bastou isso. Foi além. Passou a vencer dois, tres, dez inimigos. Hoje, Hart vóga em plena phase rolandesca, a phase aurea do paladino, quando enfrentava exercitos de 300.000 mouros e, relampagueando a Durindana, fendia craneos aos milheiros, decepava cerce vinte cabeças de reis abaçanados e punha afinal em desbarato a mourisma inextinguivel.

A ultima fita de William Hart dá a impressão dum capitulo da "Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França", posto em linguagem e ambiente modernos. Vence elle, sósinho, uma cidade inteira de bandidos—dessas cidades de taboas, improvisadas no Far-West pelo elemento rasca! do plethora yankee. Estão todos os habitantes mãos da cidade reunidos na tasca de Sheriff, que é o chefe da malta, commentando, entre goles de whisky, os crimes que commetteram, quando se abre a porta e surge a figura retezada de Hart, com dois enormes Colt nas mãos, engatilhados. Estarrecimento geral. Assombro. Pavor. Os braços se erguem lentamente. Hart, immovel, géla os bandidos. Seu olhar de féra magnetiza o Sheriff, que, vencido, ergue tambem os braços. Na platéa a creançada delira em convulsões de entusiasmo a ponto de faisca electrica: — E' agora!

Na tela, Rolando continua immovel, e mantém immobilizada a mourisma de braço ao ar. Subito, num movimento brusco, ergue o revólver para o tecto e "casca" um tiro no lampeão de petroleo. E outro, e outro e outro, em todos os helgas da tasca. O imprevisto do lance estarrece a creançada e leva ao apogêo o pavor dos mouros. O petroleo derramado inflamma-se. Chammas fumarentas tremem pela sala. O rei mouro Abderraman-

Sheriff, arrastado pelo desespero, mal quebra a immobilitade, num gesto de defesa, cae incontinentemente varado pela bala mortal de Rolando. Situação horrorosa: ou assados vivos no incendio ou varados pelo revólver de Hart! A creançada inteira está de pé, com arrepios de cabello, numa suprema tensão de nervos.

Mas a fumarada envolveu a scena e o desenlace ficou á mercê da imaginação de cada um. No ultimo quadro Rolando passa, a galope, com um vulto de mulher á garupa. Salva! Salva! E some-se, emquanto, ao longe, a cidade dos bandidos arde num incendio pavoroso...

E' pura cavallaria andante. E' idealismo industrial dos melhores quilates. Ensina a generosidade, a defesa do innocente, o castigo do máo e a força invencível da boa causa. Cervantes não matou a cavallaria. O espirito della persiste e, para honra da humanidade, está mais vividoiro do que nunca. E está influenciando poderosamente a elaboração da mentalidade do nosso povo, que encontra, afinal, uma escola. Jeca Tatu' aprenderá nella a perdoar com generosidade o erro dos fracos e a punir o crime dos fortes. Aprenderá a mover-se, a correr, a nadar, a ser homem com H maiusculo em todas as situações da vida. O Brasil de amanhã não se elabora aqui. Vem, em pelliculas, de Los Angeles, enlatado como marmellada. E a dominação yankee vae-se operando, agradavelmente, sem que o assimilado o perceba. Tudo porque, em 1857, um hollandez notou que os raios solares ennegreciam a lua corne...

Monteiro Lobato.

(Correio da Manhã — Rio).

WAGNER E O BRASIL

Do nosso collega de Porto Alegre, o "Correio do Povo", recortamos este interessante trecho da chronica enviada para alli pelo escriptor portuguez sr. João Grave, sobre a opera de Wagner "Tristão e Isolda":

"O que talvez se não saiba é que "Tristão e Isolda" esteve para ser cantada, a primeira vez, aqui no Brasil, no theatro Lyrico do Rio de Janeiro! Mauricio Kuf-

ferath, um dos mais notaveis criticos e commentadores das operas wagnerianas, assim o assevera, documentando as suas affirmações. O imperador d. Pedro II — que Victor Hugo, o forjador titanico dos "Castigos", comparou a Marco Aurelio, pela bondade, pela magnanimidade e pela sabedoria — esteve prestes a ser para Wagner o que para o immortal musicographo foi o rei Luiz da Baviera.

Com effeito, na primavera do anno de 1857, antes de Wagner se entregar inteiramente á elaboração concepçional e á realisação de "Tristão e Isolda", recebeu a inesperada visita de uma notavel personalidade brasileira que se dizia enviada de d. Pedro II e que lhe apresentava, commovidamente, a sincera expressão das sympathias e da admiração do soberano. Ao mesmo tempo, manifestando os vivos desejos do imperador, convidou Wagner a fixar residencia na capital do Brasil, onde teria de escrever uma opera destinada ao theatro italiano do Rio. O convite emocionou o criador sublime da "Tetralogia", que a sua patria, por odios politicos, se não cansava de perseguir: — e houve um instante em que Wagner quasi se decidiu a embarcar para a America do Sul, onde uma patria hospitaleira lhe offerencia, com o agasalho affavel, a gloria. Se o autor insigne de "Lohengrin" então fosse para o Brasil, esta nacionalidade generosa e incomparavel teria gravado um dos seus mais brilhantes capitulos na historia da arte—e o Rio de Janeiro seria para os devotos wagnerianos e cidade santa que Munich é hoje para elles.

Wagner, porém, desistiu da viagem, certamente, dissuadido por amigos e admiradores. Comtudo, numa carta a Liszt, de 8 de Maio de 1857, allude claramente a esta proposta que lhe afagou o seu orgulho de artista: e Mauricio Kufferath é de opinião que a idéa de escrever uma partitura para o theatro italiano e que lhe foi suggerida pelo monarcha brasileiro, teve uma dominante influencia no espirito de "Tristão e Isolda". O Brasil pôde legitimamente envaidecer-se com este facto !...

Ainda em outra carta ao glorioso Liszt sobre este assumpto, Wagner diz textualmente: — "Tenho um projecto interessante acerca de "Tristão". Penso, na reali-



dade, em fazer uma versão italiana do libreto, offertando-a ao theatro do Rio de Janeiro, onde será representado pela primeira vez. Dedicarei a partitura ao imperador do Brasil e tudo isto, no meu entender, terá excellentes resultados para mim”.

Porque falharam estas intenções? Naturalmente, porque a Allemanha, vencida pelo genio victorioso de Wagner, esqueceu o revolucionario para festejar delirantemente o compositor, e porque o rei Luiz da Baviera, ascendendo ao throno, chamou Wagner para junto de si, concedendo-lhe tudo quanto elle queria—um culto, as coroas votivas e o ouro. Wagner, o predestinado para falar aos sentimentos requintados a mais eloquente e inspiradora linguagem artistica, surgiu em Munich subitamente, no meio de um clamoroso côro de applausos, como um triumphador, para de lá, mais tarde, ser expulso, coberto de injurias, de vociferações, de vilipendios, de sarcasmos—desistindo das offertas do imperador do Brasil: e por esta razão se não cantou no Rio de Janeiro, em recita de estréa, este “Tristão e Isolda” que venho de ouvir e que é um verdadeiro Evangelho de paixão, de belleza, de encanto, de ternura e de idealismo eternizando, pela immaterialidade e pela pureza do som, uma das maiores lendas da Humanidade que ama e que soffre! Ainda a tenho nos meus ouvidos, a essa musica que á profundidade emotiva e á vibração dramatica allia não sei que de angelico, de sideral, de extra-terrestre...

O alvorecer da luz matinal, como uma alleluia, entra no meu compartimento. A aurora, côr de ouro e côr de rosa, não tarda a subir no azul como uma bençã e como um hymno de claridade: e eu, no enlevo em que me abysmo, creio escutar as vozes de “Tristão e Isolda”, emergindo do doce olvido do seu amor para se queixarem suavemente do indiscreto alvor matutino!...

(Estado de S. Paulo. — S. Paulo).

OS BOBOS

E' um velho axioma o de que o numero de bobos é infinito. Até costumam dizelo

em latim os que sabem latim. Eu como todo o homem moderno, não sei latim. E tenho passado muito bem.

Mas voltemos aos bobos. Não venho falar do numero infinito delles, descrevendo cada um de per si. Seria querer historiar uma a uma as estrellas da Via-lactea. Venho contar-vos somente dos bobos oficialmente conhecidos como taes através os seculos, os quaes na maioria, eram muito menos bobos do que os que assim os consideravam, haja vista aquelle de Alexandre Herculano, que ria ás gargalhadas dos ricos-homens que se matavam para completar-lhe a vingança.

Ora, o uso de sagrar um individuo caçoista, feio, defeituoso, aleijado ou cheio de espirito como bobo, de dar-lhe a incumbencia de fazer rir aos outros, remonta ás mais antigas civilizações. Maspero conta-nos, nas suas “Causeries d'Egypte”, a interessante historia do *Danga*. Esse individuo era um daquelles anões que os viajantes egypcios encontraram além de Puanit, na região do incenso e da canella. anões negros muito engraçados, que dançavam admiravelmente chamados pygmeus por Herodoto, e que Stanley ainda encontrou na sua travessia. Cada pharaó possuia um danga, que em sua presença para alegral-o, dançava a chamada “dança de Deus”, porque o homunculo a executava vestido como o deus barbaro do seu pequeno povo — Bisú, deus do Puanit, jovial e feroz, de humor variavel, pequenino, grotesco, de cabeça chamorra e cabelluda, vestido com pelles de leopardo, que ás vezes brandia a espada e outras fazia soar a pequena harpa triangular dos povos do deserto.

E' ainda Maspero nos seus “Etudes de Mythologie et Archeologie egyptienne”, quem nos mostra, documentadamente a importancia desse bobo cortezão do qual papyrus e inscripções falam contando que, quando morria, logo Osiris mandava buscar depressa a sua alma afim de divertir-se, olhando a sua dança.

Na propria India vedica, a profissão de bobo official era lucrativa, embora as leis de Manú condemnassem como vil a jogralice ou truanice.

Vindo da China primitiva, atravessando os scenarios esplendidos do Oriente, passando em Roma, dominando a Edade

Média, chegando até á E'poca moderna, uma longa procissão de bobos officiaes enche a historia dos homens, cuja maioria é de bobos e cujos bobos são os unicos, talvez, que de verdade tenham espirito. Si não têm espirito mais que o commum dos mortaes, têm dado provas de ter, pelo menos, mais vergonha. Já não preciso falar do Triboulet de Victor Hugo, que nos deu o "Rigoletto" Vou ao sempre interessante Valerio Maximo e nelle encontro uma historia sobre a companhia de foliões tocadores de flautas, espeoie de bobos religiosos, que é digna de registro. Esses truões, quando havia festas publicas ou particulares, só tocavam ou executavam seus passos ou diziam suas graçolas, perante o publico, de mascara. Por que? Porque tinham vergonha. Aborrecidos com os romanos, resolveram uma feita mudar-se e foram para Tivoli. Porém, a gente de Roma pediu á outra cidade que os recambiasse. Então os tivolinios, tivolianos ou tivolienses, os embriagaram numa festa e os trouxeram a Roma, dormindo sobre o estrado dos carros de bois. A sua mascara tradicional exprimia a vergonha de que ficaram possuidos ao serem surpreendidos naquelle triste estado. Entretanto, o seu exemplo não é seguido pelos que não são bobos e diariamente se embriagam...

O velho Horacio perpetua na sua obra os nomes de dois celebres bufões romanos: Salernus e Pantolabus, ambos os quaes, para usar de uma expressão ultramoderna e ultra-elegante, faziam "grande successo" na corte imperial.

Mais tarde, Marcial vem dizer-nos: *Te successurum credo ego Panniculo*. Panniculus é o primeiro arlequin do mundo, de cabeça raspada, roupa de retalhos multicores, sandalias rasas, cantando sempre a malicia e o espirito. Era elle quem, na festa, guiava a theoria foliona dos bobos: os mimicos e os attelanes profissionaes. E é Marcial mesmo quem nos conserva o nome dum dos "moriones" ou bobos comprados pelos ricaços para seu divertimento pessoal: o nome de Gargilianus, com o qual um vendedor experto lhe passára um conto de vigario, dando-lhe um sujeito imbecil e sério em lugar dum alegre e intelligente, intelligente como devem ser os bobos.

Com effeito, não procuremos no mundo a intelligencia entre os que della se ufa-

nam. Estes cabem no seguinte limite: *stultorum numerus est infinitus*. Procuremola nos desprezados bobos, cuja alma de vingança, cheia de sentimento e de argucia, comprimida pela estupidez do ambiente, tão bem souberam achar Herkulano e Victor Hugo.

Nós chegaremos á conclusão de que Sisyphus, o anão engraçadissimo de Marco Antonio, era muito mais ladino do que esse ardente Imperator, que se deixou prender pela felinidade de Cleopatra e que se deixou perder pela sua falta de habilidade. Nós nos compenetraremos, sem duvida, de que Romano Boilas, o bobo do basileus Monómaco, era positivamente muito mais experto que o seu byzantino patrão.

Ao lado de cada culto historico ha um pobre bobo, cujo nome ficou nos annaes da humanidade, talvez afim de mostrar que não só o nascimento e as altas qualidades do estadista, do guerreiro merecem premio: mais a feiura esperituosa tambem.

Ao lado de Guilherme o Conquistador, sempre se evoca a sombra de Berdri. Junto a Henrique I da Inglaterra, parece que sempre se vêem os vultos disformes de Roher e de Golfrid. O "souvent femme varie" de Francisco I tem sempre a acompanhal-o o sinistro ranger de dentes do Triboulet.

Não escaparam na época medieval á mania, á moda de ter bobos nem mesmo os homens rudos como o Mestre de Aviz, preocupados com a guerra e com uma obra difficil. D. João I divertia-se em extremo com as cambalhotas, as pilherias, as caturrices e trolhas do seu Annequim. Em Florença crearam a mais bella fama Marchesi, Stecchi e Martellino; em Modena, Gonnella, favorito do Duque O proprio Aretino se occupa do Rosso, que foi bobo do grande cardeal Hippolyto de Medicis. Beatriz d'Este não se contentou com um bobo só, teve tres: Janacci, que era anão e que era sabio; Nanino, que era anão e que era negro, e Morgantina, que era anã e que era preta.

Vemos que não havia somente bufões; por vezes, havia tambem bufôas. Em muito menor proporção, porém. E' duro, mas é forçoso confessar que sempre houve menos mulheres de espirito do que homens. E para ser bobo de verdade é preciso ter muito espirito... Ha dois unicos exem-

plos conhecidos de mulheres que tenham desempenhado as arduas funções de bobo da corte: essa escura Morgantma e a celeberrima Madame d'Or, a Mulher de Ouro, quasi anã, que pertenceu a Philippe VI de Valois, rei de França.

Não somente reis de França, como Luiz XIII, tiveram bobos como Angely. Os papas da Renascença seguiram o seu exemplo. Nada divertia mais Leão X do que conversar sobre arte com o divino Raphael e depois escutar as facecias sobre o proprio Raphael e sua arte que lhe dizia o seu amado bobo — o anão Baraballo.

Os proprios soberanos semi-barbaros, semi-byzantinos da Miscoria, não dispensavam o luxo dum bobo titulado. O falso Demetrio da Russia, sobre quem Merrimée escreveu paginas deliciosas, não se desacompanhava do seu Kochelef. E Pedro, o Grande, quando foi attingido pela melancolia final dos degenerados, só se divertia com mascaradas em que varios bobos tomassem parte, especialmente com a pantomima chamada "eleições do papa dos bobos".

Reis militares, abrutalhados e quasi modernos, como Guilherme, da Prussia, pae de Fedrerico II, não dispensavam tambem as aaborosas graças dum Grundling.

Nos tempos que correm, não alcançamos mais nenhum bobo official; porém, bobos officiosos, mais expertos do que nós todos juntos, quantos não temos conhecido, cujos nomes não vêm ao caso, e que têm gravitado em derredor dos nossos presidentes da Republica?

João do Norte.

(*"Correio Paulistano"* — S. Paulo).

A HUMANIDADE DE GE'GA-TATU'

Por mais que se declare é se prove a homogeneidade do typo brasileiro, saltanos a vista, para cada cidade o seu caracter proprio e especiaes maneiras de ver e de observar. Debalde, em litteratura e desenho temos luctado para consolidar as linhas physico-psychicas do brasileiro. Em desenho apparece no Brasil a copia do Zé Povinho de Bordallo Pinheiro com adaptações em casacas e tangas, correndo a escala entre o *clubmen* e o moruquixaba.

Em litteratura é aquillo que Alencar escreveu com passagens transitorias em Bernardo Guimarães e Manoel de Macêdo. Monteiro Lobato encarnou a sua observação numa ideia feliz, e na porta de um buraco lobrego e esconço Jeca Tatu "magina" com o cigarro de palha nos beiços delgados, os fios raros da barba na face esverdeada e fosca, olhando a mata, sentado nos calcanhares. Apareceu a fogosa opposição dos Jecas em transição evolutiva Creou-se o Mané Chique-Chique, esgalgado, escanifrado, cavalgando um cavallo rachitico, de ancas a furar a pelle, contando aos pulos e ás reviravoltas proezas e façanhas guerreiras, com o chapéu de couro desabado, *mettido a duro*, de faca á cinta, garroncha ao quarto, cigarro á bocca. Quase immediatamente appareceu o Géca Leão, com um fulgor que lhe dá o seu papá Rocha Pombo. Surgem livros, *luctam e discutem*, e Géca coça a cabeça admirado de ser de um momento para outro, celebre. Mesmo o dr. Raul Azêdo, com doces provas de forte erudição, provou que Géca Tatú era um forte, o cigarro de palha, um mytho, o cachorro, e a "magmação" apoiada entre calcaneos e gluteus, infructe. Géca forte, Géca sabio, eu conheço muitos, porém só ouzo apresentar o general Rondon. Géca na porta do casebre, sentado no calcanhar, sugando a terra, ociosa e triste, é peculiar a todo o norte do Brasil. Mané Chique-chique é commum nas feiras sertanejas. Pelo exposto pode-se prever que esses typos creados são typicos representantes duma grey numerosa e conhecida. Não quer dizer que o sertanejo, luctando contra os elementos, arrastando as longas caminhadas sob um sol de fogo, entrando destemido nas mattas amazonicas, seja literalmente um Géca Tatú. Porém, quem viaja e quem vê pelo sertão o fatalismo sertanejo, a limitação da sua agricultura, a instintiva desconfiança pela civilização, a sua habitual indolencia que o faz esquecer a rude licção das secas e nada encelletrar nos annos de inverno, a sua palestra, a sua ignorancia politica, emfim, os remedios populares, a ingenua credence dos curandeiros e das *meisinhas* verá a immensa verdade das paginas vivas do "Urupês". Annos antes do Géca ser creado já os vagos contornos



do conto estavam esboçados no "Terra do sol" de Gustavo Barroso. Durante a secca deste anno, os sertanejos descrevem á uma da utilidade dos trabalhos encetados porque "*secca e castigo vem do céu quando Deus, nosso Senhor manda*", ahí está humanamente paraphraseado o "*não paga a pena*" do Géca Tatú. Que tenham paciência, Géca é humano e vive. Não é preciso estender a generalidade do typo a todo brasileiro, porem Géca conservador das velhas tradições, Géca nomade, desconfiado levando o incendio á uma floresta para destocar meio palmo de matto, Géca usando da prodigioso fecundidade da terra como refugio natural á sua indolencia, existe, "magina" e é nosso contemporaneo

E é grata a verdade que Géca Tatú mesmo de cocóras, com o cão magro á porta, a prole doentia, a casa enlameada, o cigarro apagado atraz da orelha, votando sem saber em quem, crendo em tudo, com o tamborete de trez pernas e a viola tristonha levanta onde está o gonfalo vistoso de uma variante á energia brasileira, respeitada e seguida por uma boa porcentagem dos que habitam os campos da

osã patriãha amada"

Luiz da Camara Cascudo.

("A Imprensa" — Natal).

A MENSAGEM E O IMPERADOR

E' opinião inteiramente assentada que, desde o inicio da Republica até hoje, nenhuma mensagem presidencial teve o cunho caracteristico e o brilho da que o sr. Epitacio Pessoa enviou ao Congresso Nacional a tres de maio. Della logo se infere a sua honestidade de sentir e de pensar, a sua larga cultura e o sabor pessoal que elle tão bem sabe dar a todas as obras de mão, de maneira a mostrar sempre o perfil completo de sua personalidade inconfundível.

A nós que somos e não pretendemos ser mais do que simples homem de letras, não nos compete vir aqui analysar os admiraveis pontos principaes dessa bella mensagem — questão dos navios, questões financeiras e economicas, questões sociaes; sem pôr em relevo, se ainda é possível, tanto assim tem sido posto, o traço mais no-

bre e mais sympathico della, o traço que fará perdurar a sua lembrança na nossa historia, aquelle em que se alvitra ao Congresso a necessidade de fazer conduzir a lugar sagrado na terra do seu berço os restos mortaes dos Imperadores do Brasil.

Quando ultimamente passei em Lisboa, fui com respeito e compunção, visitar em S. Vicente de Fóra os corpos embalsamados de D. Pedro. II e de Dona Theresia Christiana.

Voltei cheio de immensa tristeza. Ao fundo de corredores e arcarias claustraes com silhares de velhos azulejos, um guarda abriu uma antiga e pesada porta de carvalho. Entrei numa especie de sala baixa, abobadada, com lumieiras gradeadas que davam para o ar e para a luz. De um lado e de outro, sobre um repaldo de alvenaria, e no centro, sobre um andaime, alinhavam-se caixões funerarios roxos, vermelhos, purpurinos, azues, negros, verde-escuros, desbotados e empoeirados, cada qual com um quadrado de vidro na tampa convexa, afim de se poder ver o rosto do morto. Muitos estavam fechados. E entre elles, o da nossa ex-imperatriz.

Pelos vidros dos outros podiam-se vêr a face negra do principe D. Luiz Filippe, o rosto escamoso, amarello manchado de preto como uma fructa apodrecida de D. Luiz I, o vulto enorme e descomposto de D. Carlos; e do nosso D. Pedro II, sobre a alvura immaterial da barba, a linha nobre do nariz dominando as feições murchas, apagadas, tristemente desaparecidas. Todos aquelles esquiifes tinham a forma de velhos bahús, de malas archaicas. E ficou-me a impressão de que eram os restos duma bagagem que haviam esquecido de enviar para a eternidade...

No espirito do nosso povo tão arraigado está o sentimento de respeito e veneração pelo velho monarcha, tanta segurança existe de que a volta dos seus restos é o pagamento, não integral, duma divida de gratidão, que os termos da mensagem presidencial a respeito foram geralmente recebidos como se o sr. Epitacio Pessoa não tivesse feito mais do que interpretar o sentimento geral da nação. A volta dos corpos imperiaes ao Brazil é já hoje em dia, apagados os medos vãos e os rumorejos e cochichos do positivismo desmoralizado e moribun-

do, uma verdadeira aspiração nacional, ao encontro da qual o chefe do Estado foi com as palavras da sua mensagem que eternamente ficarão gravadas na memória dos brasileiros.

O horror das responsabilidades dos homens que, em maioria, nos têm governado fazia com que tivéssemos receio até de tocar no assumpto. Mas o Sr. Epitacio Pessoa, cujo patriotismo sadio e vibrante hombraia com o seu amor pela inteira responsabilidade de seus actos, moldou a ideia em fórmulas seguras e pediu ao parlamento a substanciá-las num projecto, a fim de que a pudesse realizar praticamente. Gesto corajoso e digno, gesto de profunda justiça inspirado nos mais nobres sentimentos!

Temos nós, os brasileiros de verdade, presentemente, a convicção de que um dia raiará com um barco de guerra transpondo a barra e trazendo a bordo os despojos funebres de quem muito quiz ao seu paiz e ao seu povo. Houve quem, no Senado, consultado a propósito do retorno desses despojos, dêsse uma resposta que reputo covarde:— que isso interessava mais á familia do que ao governo. E' uma maneira de se oppôr, sem a coragem das opiniões definitivas, ao desejo official. Isso interessa profundamente á patria, porque, apesar dos seus possiveis defeitos ou erros, Pedro II foi talvez o vulto mais nobre que tenha figurado nas paginas de nossa historia. A elle poder-se-ia dizer como aos Cesares, e com inteira justiça:— Imperador, Pacificador e Augusto!

Não é ao monarcha, ao testa coroadada, pela simples razão de que nasceu com direitos a uma coroa, que a Republica prestará essa devida homenagem; mas ao grande brasileiro, ao patriota, ao homem que, se não conseguiu, se não pode orientar a marcha da administração pública a contento dos espiritos mais progressistas e mais adeantados na ultima época do seu reinado, deixou entre nós a mais alta e mais completa tradição de bom senso e de honestidade, de compostura e de patriotismo, de justiça e de bondade serena.

Fossem quaes fossem seus defeitos e erros apagam-se, diluem-se á claridade de

suas virtudes civicas e de suas grandes qualidades pessoais. Embora não tivesse sido para nós o estadista paternal que foi, deu-nos pelo menos meio seculo de historia gloriosa no concerto das nações do mundo. fez-nos durante esse longo periodo vencedores pelas armas na America, respeitados pela diplomacia na Europa, organizados e dignos no meio de povos nesse tempo anarchizados e ensanguentados. Era, ademais, o representante directo do rei que nos iniciara na vida universal, abrindo os nossos portos, creando as nossas artes, e do primeiro imperador, o assomado e valente general do Mindello, que, com todos os seus graves defeitos, teve a dedicação de expor nossa causa, de se tornar brasileiro e de ser a figura de prôa de nossa independencia politica. Ora, essas tradições não se matam e sobretudo num povo que precisa dellas.

Falham juizos de politicos ou de historiadores no escorchar os actos dum homem sobrelevado aos demais em alto posto de governo. Nunca falha, porém, o juizo do povo que rodamoinha ignorado e philosopha sem ninguem se dar conta. Esse já lhe deu a posição merecida de que goza no coração das gentes brasileiras. De nada mais carece a memoria de D. Pedro, para sua inteira consagração, do que da volta dos seus restos mortaes — desejo popular que o sr. Epitacio Pessoa corporizou e exprimiu em tersos periodos na sua admiravel mensagem. E é por este e por outros actos que o povo sente que quem nos governa tem vontade propria e sabe receber e fortalecer as aspirações geraes, como verdadeiro presidente que representa o povo.

Quando o corpo vier, teremos mais ou menos aqui a reproducção das mesmas scenas que em França se passaram quando o almirante de Joinville trouxe a bordo de sua capitanea o corpo de Napoleão. Salvarão os canhões dos fortes, as tropas formarão em continencia e o povo se agglomerará á passagem do cortejo funebre, prestando todas as honras de chefe de Estado ao morto illustre que foi o nosso chefe de Estado durante dez lustros.

Bem haja o sr. Epitacio Pessoa pelo

mais bello e mais nobre trecho de sua mensagem.

Já é tempo de mostrar que a Republica do Brasil não tem medo de fantasmas, que está alicerçada definitivamente na consciencia nacional. Completamos a medida generosa e digna proposta pelo presidente Epitacio, revogando o banimento da familia imperial. Nós não temos mais o direito de impedir algum brasileiro sem crime de pisar em o sólo natal. E quando a Republica chega a ter na cadeira presidencial homens independentes, austeros, dignos, cultos e responsaveis como o sr. Epitacio Pessoa não pode mas temer coisa alguma.

João do Norte.

(*"Correio Paulistano" — S. Paulo.*)

A THERAPEUTICA DA FRANCOPHILIA

Si a conquista da estima e consideração dos outros, si a conquista dessa cousa ondulante e vaga, quasi indefinivel, mas absolutamente indispensavel ao conforto da vida moral — a sympathia — é extremamente difficil entre os individuos, reclamando destes uma arte subtil e delicada, muito mais o é entre as collectividades. Para que a Nação consiga fazer-se respeitar pelas demais, bastará que ella cultive e amplie a propria eficiencia militar, habilitando-se se a desenvolver em favor das suas ambições, por mais revoltantes e odiosas que sejam, o melhor, o mais alto, o mais puro de todos os argumentos — o argumento da força, tão do gosto do leão, na fabula immortal. Fazer-se amar, porém, é empenho infinitamente mais ousado, exigindo, como de certo exige, uma rara intuição dos phenomenos complicadissimos da psychologia collectiva, um tacto seguro na escolha das attitudes de convenção que podem constituir a inatacavel conducta de um paiz, e, para tudo exprimir em synthese, a faculdade, em treino continuo, de dissimulação, de hypocrizia.

A França, por um favor dos deuses, desfrutou, através todas as edades, este privilegio dos mais invejaveis: era sufficiente que fosse o que era, que fosse

a França, para ser festejada, adulada, idolatrada pelo universo inteiro. A face dupla de sua civilisação, ao mesmo tempo sensual e mystica, fascinava e atrahia todos os temperamentos. A arte e a libertinagem, as excelsas, transcendentales alegrias da vida espiritual, e aquelle filtro venenoso, o sortilegio do vicio, que Félicien Rops imaginou derramado com abundancia, pelo demonio em pessoa, no ambiente duma Lutecia que a Santa Genoveva de Puvis não mais protege, convertia Paris no sonho inquietante, na dolorosa ambição de toda a humanidade.

De subito, irrompe a guerra, e a violação daquelle solo tão sagrado para nós quanto o de Athenas e o de Roma, foi uma lenta, demorada agonia para todos os povos. De todos os recantos do globo affluíram peregrinos para combaterem sôb as ordens de Jeanne d'Arc e de Turenne, resurrectos por um milagre. E assim uma causa puramente nacional se transformou numa causa humana...

Mas, por effeito precisamente de seu prestigio mental sobre todo o mundo, a França teve a desventura de ser a victoriosa. Na exaltação do triumpho funde-se-lhe, desaparece-lhe a graça lendaria, esvae-se-lhe desoladoramente uma sedução que bem pudera ser immortal. O egoismo bestial da raça, outr'ora disfarçado pela preocupação da elegancia moral, offerece á contemplação dos pobres idealistas decepcionados um dos mais abjectos panoramas da historia.

Curado o genero humano de sua antiga francophilia, ver-se-á mais tarde que foi a França a grande derrotada de 1908...

O Misanthropo.

(*"A Rua" — Rio.*)

QUAL E DE QUEM A VICTORIA?

Guerra é guerra. Paz é paz.

Ora, a guerra...

Em cada um de nós, a despeito da nossa civilização, existe um selvagem, entregue, a um somno mais ou menos profundo. De onde em onde, o monstro accorda e ameaça levantar-se, vae então o homem civilizado e o detem, não sem o cobrir de objurgatorias, em nome de uma serie de principios que elle não comprehende. Abatido, humilhado, envergonha-

do, eil-o já quieto, e depois entregue de novo a um somno mais ou menos profundo. Antes, porém, jurou vingar-se.

Cuidado, ó homem civilizado! não vão os rumores da tua civilização despertar completamente, e irritar de vez o selvagem que dentro em ti dormindo está!

Lá vem um dia em que isso acontece; e então o monstro, de pé, ameaçador, terrível, como se nunca houvesse dormido, distende os braços, experimenta as forças, avança para o outro, agarra-o violentamente pelos pulsos e lhe impõe: "Anda dahi! Vem commigo. Quero á minha disposição, ao meu serviço todos as maravilhosas conquistas disso a que deste o nome de *civilização*, e com que me martellaste os ouvidos durante todo esse passado em que estive escravizado aos teus pés. No entanto, procedes de mim. Eu é que cheguei primeiro. Sou o primitivo, e tu o derivado. Não me mataste, não. A prova é que estou aqui, impondo-te inteira a minha vontade. Recusas?! Então, por que consentiste que me accordassem?..."

E o homem *civilizado* entrega a alma ao *selvagem*, para que este se utilize della como lhe aprouver.

Ora, a guerra, entre nações civilizadas, é, em ultima analyse, a selvageria que desperta nas almas dessas nações, fazendo em escala desmesurada o que, em escala minima, faz aquelle homem selvagem na alma individual. Eis como a definem os autores de *La Nation Armée Nouvelles* "A guerra é á vida intensa com os seus instinctos selvagens levados ao paroxismo".

Nada lhe resiste. Tudo vae com ella, a começar pela religião.

Figure-se o mais antipathico dos casos: de uma nação forte que investe contra uma nação fraca, levada unicamente pelo desejo de saciar a sua sede de conquista e de dominio. Acaso terão mais *humanidade* do que *patriotismo* os religiosos da primeira, indo pedir aos seus deuses e aos seus santos para que triumphe a causa da segunda? Não. As preces, todas as preces desses religiosos se farão no sentido de se verificar a victoria do lado da nação invasora. O Deus invocado não será o da Verdade e de Justiça, mas o da mentira e da iniquidade. E o inqualificavel crime terá aos pés dos altares a consagração das Alturas... Os philosophos irão tam

bem, com a historia e a sociologia nas mãos, procurando explicar, justificar e enaltecer a monstruosa acção; como irão tambem os artistas, compondo hymnos, escrevendo odes, pintando quadros, modelando estatuas, architectando monumentos; como irão tambem os cientistas, com a sua cultura pratica e a sua experiencia dos laboratorios... Todos concorrerão para que a selvageria não fique mal na realização das suas innumeraveis e incalculaveis façanhas.

Tem razão aquelles mestres allemães e inglezes que dizem não comprehender como se possa erigir, na guerra, a *moderação* em norma de conducta, quando a questão é toda de meios para vencer. Uma *guerra civilizada* é o que em logica se chama uma *contradictio in adjecto*. O facto da declaração de guerra constitue já, por si só, uma derrota da civilização.

Guerra é guerra. Devem todos procurar evital-a. Não sendo isso possivel, o essencial é que, após o cataclysmo, se possa dizer tambem: paz é paz.

A selvageria mente, mata, mette a pique, arraza, incendeia, saqueia... á saciedade. Depois necessita de repouzo. E' aproveitar e narcobizal-a, de modo que ella durma um somno mais profundo do que o anterior — tão profundo que se pareça com a morte, e possa a civilização restaurar a reino da verdade e da justiça. Mas se a paz, em vez de ser paz, é mais guerra ainda — então é porque a selvageira continua de pé, sejam quaes forem os protestos em contrario.

* * *

Guerra é guerra. Paz é paz.

A conflagração de 1914 — 1918 foi, em verdade, uma luta de todos contra um. As energias de que a Allemanha deu provas, resistindo durante quatro annos ao mundo inteiro, passarão á historia como a unica coisa verdadeiramente maravilhosa da grande guerra.

Ninguem veja neste meu modo de falar uma admiração incondicional pelo ex-impero, ou um apoio sem reserva á attitude por elle assumida antes da luta. O que eu quero, com toda a verdade e toda a justiça,, é dar á Allemanha o que é da Allemanha, e aos alliados o que é dos alliados.

Estes, por si mesmos, se encarregaram

de dizer ao mundo o valor da Alemanha: antes da guerra, durante a guerra e depois da guerra. Antes da guerra, apregoando por toda a parte a superioridade do ex-imperio, e não podendo evitar que elle fosse realizando, a passos agigantados a sua obra diabolica da *invasão pacifica*.

Durante a guerra, confessando-se insufficientes para subjugarem o *monstro*, tanto assim que, ao romper a offensiva submarina, a poderosa e altiva Inglaterra foi a primeira a botar a bocca no mundo, gritando de bordo da sua invencivel esquadra: "Venham todos! a guerra agora não é somente contra nós, porque a Alemanha acaba de a declarar no mundo inteiro!" Emfim, depois da guerra, visto como, exausto o ex-imperio, tambem exaustos estavam os seus inimigos; e ainda hoje manifestam aquelle tragico pavor que se delles apoderou, de modo a não quererem ver uma arma junto ao *cadaver* da grande nação, e a recommendarem insistentemente todo o cuidado, toda a vigilancia para com o ex-kaiser, afim de que esse *ex-soberano*, esse *derrotado*, essa *sombra*, esse *nada* fique para sempre na impossibilidade de... *convulsionar de novo o mundo!*

Não fosse isto resultado de um real pavor, e teriamos o direito de perguntar aos alliados se a occasião é para pilharias.

Mas, em summa, de quem a victoria? De todos contra um, grupados aquelles em torno de tres figuras centraes: França, Inglaterra e Estados Unidos, em que pese aos aliadophilos, para empregar o neologismo patusco. E me não parece difficil dizer qual dos tres paizes representou mais importante papel naquella centralização.

A Inglaterra entrou primeiramente com a sua esquadra. Para muita gente, para quasi toda a gente, a esquadra ingleza é a propria victoria fluctuando. Por que não partiu ella sobre a allemã, destruindo-a por completo, logo nos primeiros dias da guerra? Um almirante francez, estudando a tactica naval dos alliados, declara não comprehender essa attitude dos marinheiros inglezes, essa *defensiva passiva, systematicamente empregada pelo mais forte contra o mais fraco...*

A esquadra ingleza é uma *quantidade* formidavel e unica. Nas mãos da Alemanha, até o mundo da sua teria periclitado.

Os Estados Unidos inundarem os alliados de dollares — dollares em moeda e dollares transformados em armamentos, munições, mercadorias... Entraram com uma *quantia* tambem formidavel e unica.

Entre a *qualidade* ingleza e a *quantia* norte-americana, sem as quaes não se teria sustentado a guerra, surge, de modo inconfundivel, a *qualidade* franceza, representada no soldado francez, sabendo aprender comsigo mesmo e com o inimigo, amoldar-se, adaptar-se, improvisar com incrível rapidez e bater-se com inexcédível heroicidade, sem embargo do seu individualismo exagerado. Digo *soldado francez*, que se não deve confundir com Estado francez e muito menos com politica franceza.

Eis o que me prece incontestavel; uma victoria de todos contra um, centralizada na *quantidade* ingleza, na *quantia* norte-americana e na *qualidade* franceza, cabendo á França, por por conseguinte, o melhor pap el; por fim, exausto o vencido, exaustos os vencedores. Não vejo, pois, razão para esse orgulho e essa arrogancia com que os alliados vêm falando ás massas estupefactas...

Isto é tanto mais verdadeiro quanto evidente a *derrota* da victoria, logo que esta se verificou.

* * *

Durante os quatro annos de guerra, os allemães foram apontados ao mundo como uns monstros de proporções inauditas. Tudo o que elles diziam — mentira; tudo o que elles praticavam—barbaridade. De mentirosos e barbaros tão sómente se compunha aquelle povo, cuja superioridade "omnimoda" os seus inimigos apregoavam vinte e quatro horas antes de romperem as hostilidades.

Não censuro nos alliados a mentira, a invenção de tantas barbaridades: estavam no seu direito: guerra é guerra. Se é preciso mentir para salvar a patria, ou mesmo para ganhar uma batalha, minta-se, e depois... uma estatua ao mentiroso, esculpindo-se a mentira no pedestal.

O inqualificavel em tudo isso está no despejo com que se mentiu á humanidade inteira, perante a qual tomou o compromisso de combater pelos altos principios do direito e da moral. Esses principios —

dizia-se — precisavam ser quanto antes restaurados, em beneficio de todo o mundo, incluindo o *proprio povo allemão*, victima de uma politica feita de prussianismo. E foi assim que sealconçou transformar a guerra de um contra muitos numa guerra de todos contra um. Veiu a paz, causando logo indignação a todas as consciencias rectas o modo como a arranjaram. O famigerado *conselho dos cinco* enfeixou nas mãos todos os poderes, varrendo com um delicado pontapé as pretensões daquelles povos que tiveram a ingenuidade de acreditar no amor aos altos principios do direito e da moral. Era figura proeminente no conselho o *homem que logo conquistou*, com applausos universaes, um cognome altamente honroso e significativo: *tigre*. Pacificador capitaneado por um *devorador de homens*!... Em seguida, o ridiculo caiu em cheio sobre o conluio: sacco de gatos. E aquelles grandes e nobres ideaes que da livre America partiram, previamente triumphadores, no bolso de um chefe de Estado, que, no firme proposito de os impôr, desceu a figurar entre simples ministros? Tão grandes, tão nobres, tão puros eram aquellas *ideaes*, que o seu portador, tendo nas mãos uma força colossal para os fazer victoriosos, deixou que se esboroassem ao primeiro embate com o aparelho digestivo do conselho.

Até de peitos femininos, por oumulo, partiram lavas de odio e de vingança, contidas naquella resposta que *mães france-*

zas deram a *mães allemãs*, quando estas, terminada a luta, imploraram áquellas um pouco de piedade e de caridade para com os prisioneiros de guerra.

Está na consciencia de todos que não ha na historia exemplo de guerra tamanha; mas força é confessar que não ha tambem exemplo de tamanha decepção.

A victoria, traíndo, entrou em luta com aquelles altos principios que ella dizia amar de todo o seu coração. Felizmente para a humanidade, porém, triumpharam os principios, e a victoria foi estrondosamente derrotada. Cada um dos Estados victoriosos sente que lhe falta apoio dentro da propria nação por elle infelicitada, e que a consciencia humana repelle indignada essa obra de uma paz toda feita de mentira e iniquidade.

Não vejo aqui a Allemanha, nem me estou batendo pela Allemanha — note-se bem. Seria um horizonte nimiamente estreito para a amplitude do meu modo de sentir e pensar. Falo do reino da verdade e da justiça. Paz é paz.

Vencedores *vencidos!* a vossa victoria soffreu a mais formidadevel derrota que é dado imaginar: a derrota moral em todos os pontos do globo. Ella não dá, portanto, para arrogancias nem orgulhos.

E que dizer das novas velleidades militaristas e imperialistas?

Samuel de Oliveira.

(“Correio da Manhã” — Rio).



OBRAS DE SOCIOLOGIA, HISTORIA E POLITICA

<i>Macaulay</i> — Essays	4\$000	<i>Monin</i> — Medicine de l'enfance	3\$000
<i>Macaulay</i> — Essais politiques et philos.	4\$000	<i>Perez</i> — Les trois premières années de l'enfant	3\$000
<i>Boutroux</i> — Les E'tats-Unis et la France	3\$000	<i>Perez</i> — L'education des le berceau	3\$000
<i>Leroy Beaulieu</i> — De la colonisation	3\$000	<i>Munch</i> — Parents et professeurs d'aujourd'hui	3\$000
<i>Jules Simon</i> — La liberté civil	3\$000	<i>Pizzurno</i> — La escuela primaria	3\$000
<i>Ives Guyot</i> — Doctrines sociales du christianisme	3\$000	<i>Souquet</i> — Les écrivains pédagogiques	3\$000
<i>Fournier</i> — La question agraire en Irland	3\$000	<i>V. Tissot</i> — Les prussiens et l'Allemagne	3\$000
<i>Guizot</i> — Le gouvernement representatif	4\$000	<i>V. Tissot</i> — Les russes et les allemands	3\$000
<i>Havet</i> — Origines du christianisme (4 vols.)	20\$000	<i>V. Tissot</i> — Vienne et les viennois	3\$000
<i>Legrelle</i> — La Prusse et la France	5\$000		
<i>Dumas Fils</i> — La question du divorce	4\$000	VARIAS	
<i>Litré</i> — La troisième republique	3\$000	<i>Coulevain</i> — Eve victorieuse	2\$000
<i>Schuré</i> — I grandi iniziati	5\$000	<i>Valentin Magalhães</i> — Alma	2\$000
<i>E. Havet</i> — Le christianisme et ses origines	5\$000	<i>Isabeau</i> — Le jardinier de tout le monde	3\$000
<i>Guizot</i> — L'Eglise et la soc. chretienne	3\$000	<i>Almeida Braga</i> — Pão alheio	2\$000
<i>Jacollot</i> — Genèse de l'humanité — Christna et le Christ — Histoire des Vierges—Manou, Moïse et Mahomet — La bible dans l'Inde — Le fils de Dieu (6 vols.)	24\$000	<i>Cardoso de Oliveira</i> — Dois metros e cinco	2\$000
<i>Laboulaye</i> — L'Etat et ses limites	3\$000	<i>P. Salles</i> — O Porco	2\$000
<i>Larocque</i> — L'Anglet. et le peuple anglais	3\$000	<i>G. Pereira</i> — O allemão sem mestre	5\$000
<i>M. Block</i> — L'Europe politique et sociale	5\$000	<i>C. Michaelis</i> — Dicionario allemão-portuguez	10\$000
<i>Bardoux</i> — Dix ans de politique	3\$000	<i>P. Kneipp</i> — Minha cura d'agua	2\$000
<i>Charmes</i> — L'avenir de la Turquie	3\$000	<i>A. Avêze</i> — L'école du mariage	3\$000
<i>Ionvcaux</i> — L'Amerique actuelle	3\$000	<i>Assis Brasil</i> — Cultura dos campos	2\$000
<i>Murray</i> — Les turcs chez les turcs	3\$000	<i>C. Mauclair</i> — L'Orient vierge	2\$000
<i>C. Jannet</i> — Les E'tats-Unis	3\$000	<i>Balzac</i> — Cousine Bette	2\$000
Decadas Republicanas — completas, reunidas em 4 vols.	30\$000	<i>Prevost</i> — Nouvelles lettres de femmes	2\$000
<i>Dunshce</i> — A illusão brasileira	3\$000	<i>Huret</i> — Enquete sur l'évolution litteraire	3\$000
<i>O. Martins</i> — Hist. da civil. ibérica	3\$000	<i>Natura ed Arte</i> — 8 grossos vls.	60\$000
<i>Carlyle</i> — French Revolution (2 vols.)	8\$000	<i>Albert Kein</i> — Balzac	3\$000
<i>Campos Porto</i> — Apont. para a hist. da Republica	10\$000	<i>J. Dantas</i> — Patria Portugueza	5\$000
<i>Bezout</i> — Arithmetique	3\$000	<i>Mickiewicz</i> — Histoire de la Pologne	6\$000
<i>Lange</i> — Hist. du materialisme	3\$000	<i>Mickiewicz</i> — Oeuvres completes (2 vols.)	8\$000
<i>Jouvencel</i> — Les commencements du monde	3\$000	<i>Debay</i> — Hist. nat. de l'homme et de la femme	3\$000
<i>Pioger</i> — Astronomie (2 vols.)	6\$000	<i>Esparbés</i> — La legende de l'aigle	2\$000
<i>Tracy</i> — Elements d'Idéologie	4\$000	<i>Sotero dos Reis</i> — Curso de litteratura (3 vols.)	15\$000
<i>Bourdct</i> — Principes d'educ. positive	3\$000	<i>A. de Figueiredo</i> — Recordações de viagens	3\$000
<i>Mendes dos Remedios</i> — Philos. elemental	4\$000	<i>Ed. About</i> — La Grece antique	3\$000
<i>Laisant</i> — La matematica	4\$000	<i>Desbarolles</i> — Abregé de chiromancie	5\$000
<i>Achille</i> — Traité de methodologie	4\$000	<i>Jam'n</i> — L'écriture et le caractere	6\$000
<i>Robert</i> — De la certitude	4\$000	<i>Pouriau</i> — La laiterie	4\$000
		<i>Plicque</i> — Précis d'hygiene	2\$000
OBRAS DE PEDAGOGIA		<i>Robinet</i> — Maison rustique des dames (2 vols.)	6\$000
<i>Spencer</i> — Education	3\$000	<i>Brunot</i> — La langue française	3\$000
<i>Montessori</i> — Les "case dei bambine"	3\$000	<i>Debay</i> — Organes de la voix	3\$000
<i>Compayré</i> — Hist. de la pedagogie	3\$000	<i>Bassanville</i> — L'art de bien tenir la maison	3\$000
		<i>Amaillacq</i> — Culture des vignes dans le Medoc	6\$000
		<i>L. M. dos Santos</i> — Tratado de contabilidade commercial	6\$000

PEDIDOS A "REVISTA DO BRASIL" — Caixa 2 B
 NOTA — Para cobrir as despesas de remessa, mais 10 % sobre o preço marcado.



CARICATURAS DO MEZ

ARRUFOS



Ellas por ellas..

— Queres que eu vingue a bofetada que teu marido te deu ?
Pois bem, dou-te outra. Porque se elle bateu em minha filha, eu bato tambem na mulher de'le!

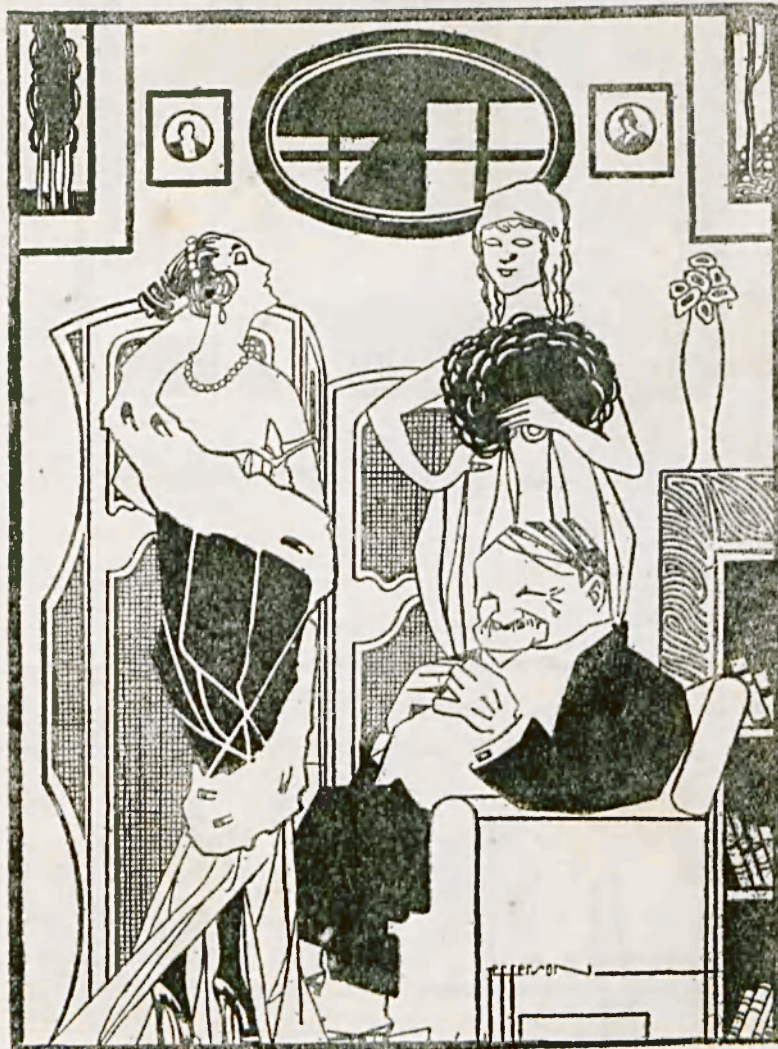
AQUILLA (D. Quixote)

NO PHOTOGRAPHO



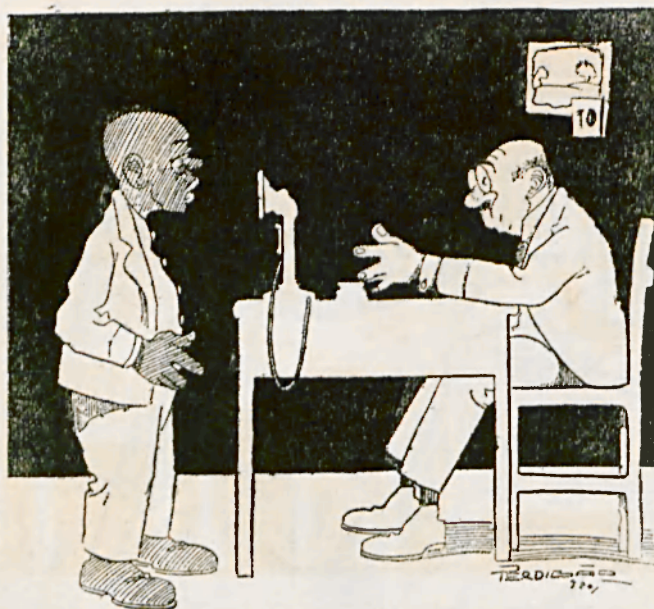
O photographo: — Eu estou vendo os senhores de cabeça por baixo...
Jéca: — Uê! Não tira o retrato, não, Mariquinhas!

A CRITICA CASEIRA



- A soprano desafinou na aria.
- Constipou-se; na area venta muito.

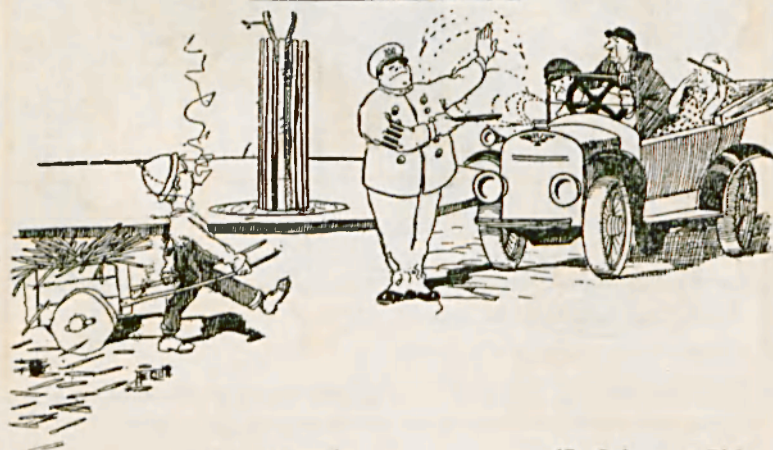
JEFFERSON (*D. Quixote* — Rio).



- O telephone tocou na minha ausencia?
- Tocou, sim, sinhô.
- E tú attendeste?
- Não, sinhô!
- Porque, seu idiota?
- Uê! Eu lá sabia se era p'ra mim?

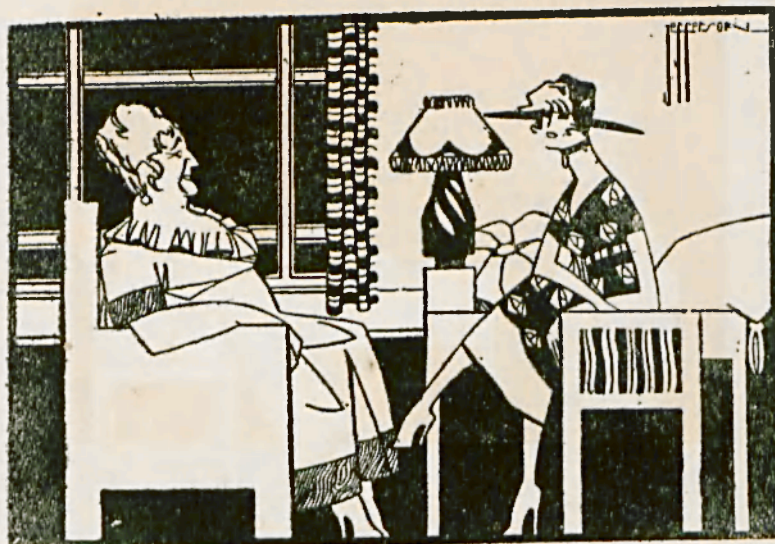
PERDIGÃO (D. Quixote — Rio).

LABOR SUPER OMNIA!



(D. Quixote — Rio)

DEPOIS DO ARRUFO



— E' isso mesmo: os rapazes de hoje são uns molleirões; olhe, o meu defunto marido era tão activo, que até morreu de repente.

JEFFERSON (*D. Quixote* — Rio).

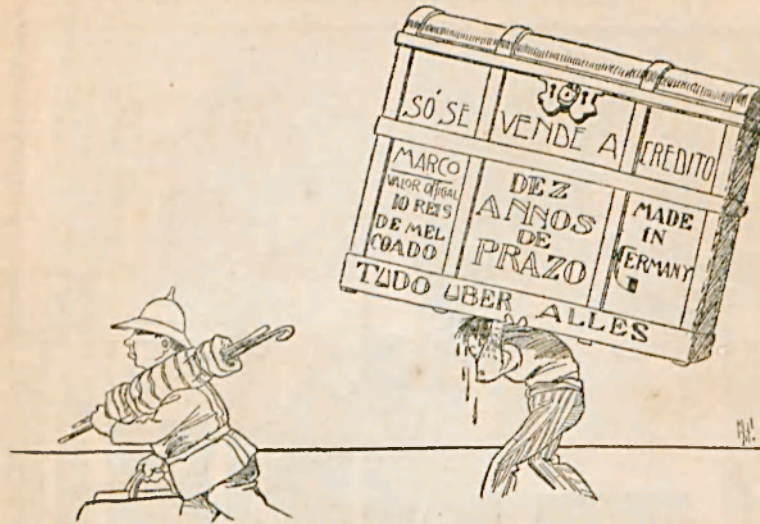
PELO FARO



— Que tem Niniche que latiu para aquelle sujeito?
— Cumprimentou o collega: é um mordedor incorrigivel.

SANTIAGO (*D. Quixote*).

COMMERCIO ALLEMÃO



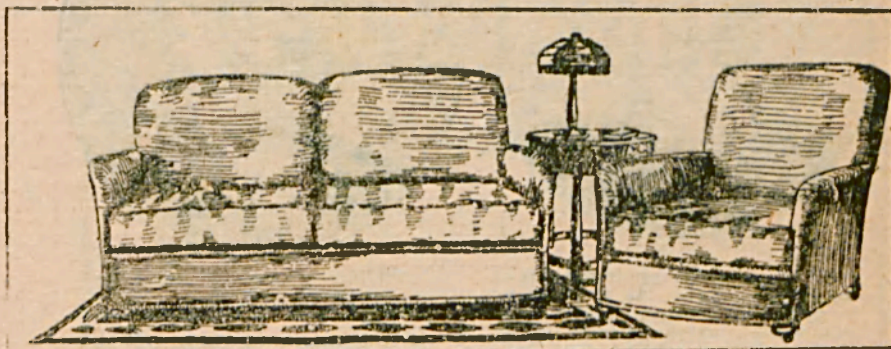
(D. Quixote — Rio).



Typo de gravura de pequenos jornaes da roça.
Matriz feita a canivete.



MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos.

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO



O Vinho Reconstituente

Recommendado e preferido por
eminentes clinicos brasileiros.

Silva Araujo



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou extrangelros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof. MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellent tonico nervino e hematogénico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE
INAPPETENCIA

ANEMIA

RACHITISMO
ESCROPHULOSE.



LOTERIA DE S. PAULO

Em 20 de Agosto

60:000\$000

Por 7\$000

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE

ÁCIDO URICO - URICEMIA
CYSTITES - BEXIGA-RINS
RHEUMATISMO - CALCULOS
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROL

SILVA-ARAÚJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00

FERRAGENS, LOUÇAS, PHANTASIAS E MIUDESAS
OFFICINA DE ENCANAMENTOS E FUNILARIA
Rua Marechal Deodoro Nº 26
TELEPHONE CENTR. 1421



Ferragens, louças,
phantasias e gran-
de sortimento de
artigos domes-
ticos.

Officina de enca-
namentos e funi-
laria.

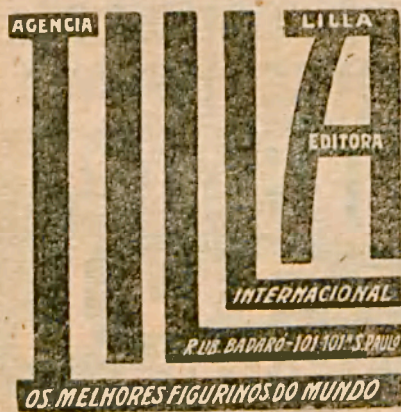
Concertos de aque-
cedores e fogões
a gás.

RUA MARECHAL
DEODORO, 26

LARGO DA SE'

Teleph. Central:
1421.

FIGURINOS NOVOS



OS MELHORES FIGURINOS DO MUNDO
Pedidos pelo telephone
— 3130 Central —

Edições da
Revista do Brasil

Acaba de aparecer
a segunda edição do

Prof. Jeremias

de Leo Vaz, a 4\$000

e Alma Cabocla

de Paulo Setubal, a 3\$000

Pedidos para a Caixa 2 - B

S. PAULO

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escritorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escritorio: Travessa do Comercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escritorio: Travessa do Comercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

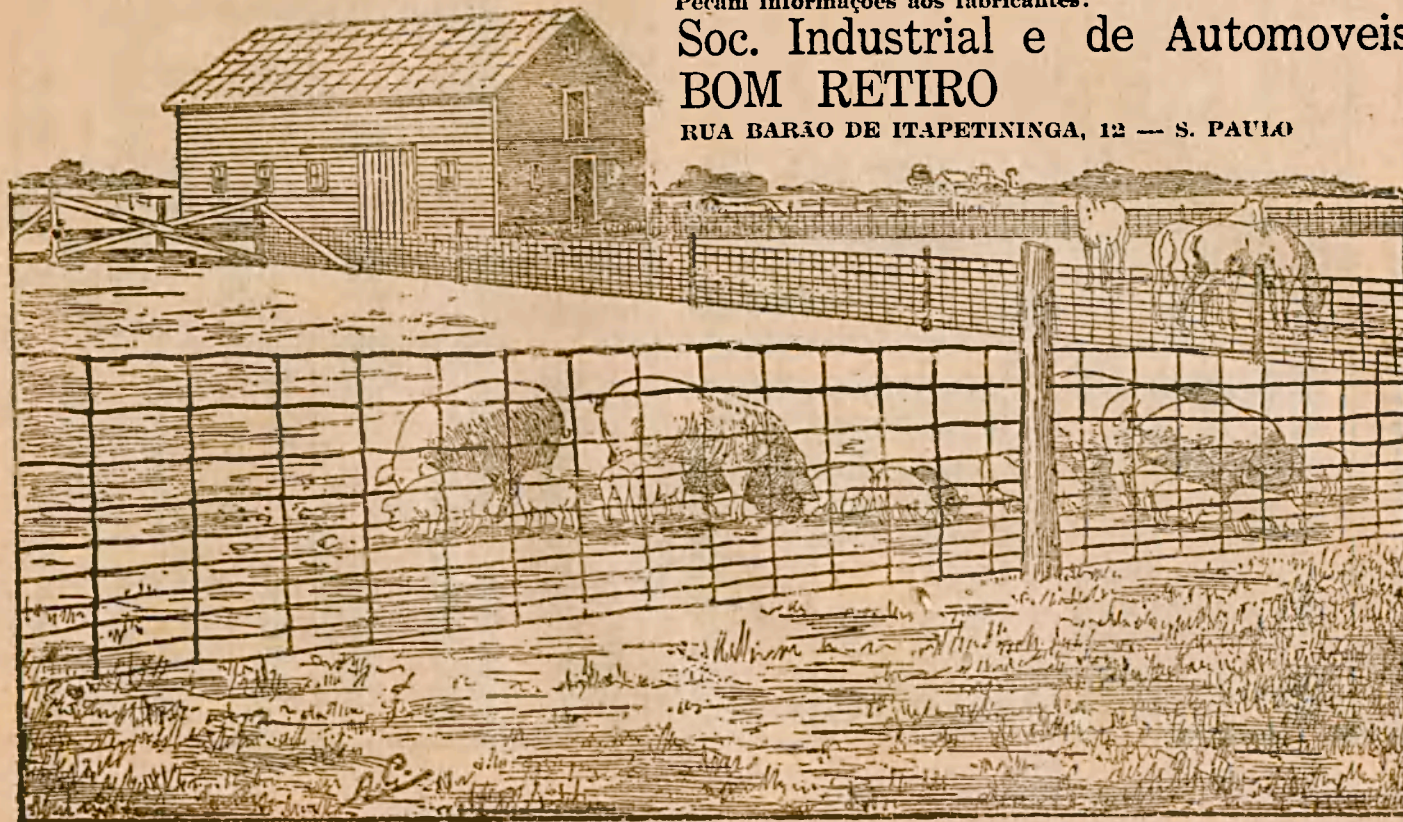
30 — RUE DROUT — 30

Cerca de Tecido "PAGE"

Pecam informações aos fabricantes:

Soc. Industrial e de Automoveis
BOM RETIRO

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 12 --- S. PAULO



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

— S. PAULO —

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.

OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

Companhia Grande Manufatura de Fumos e Cigarros
"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO

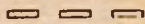
Edições da "Revista do Brasil"

Por estes dias :

LIVRO DE HORAS DE SOROR DO-
LOROSA, poesias de Guilherme de Almeida,
em luxuosa edição, ilustrada pelo pintor Wash,
brochado 5\$000



DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, pelo
VISCONDE DE TAUNAY, o celebrado autor
da "INNOCENCIA", volume brochado . 4\$000



BRASIL, COM S OU COM Z ? por
F. de Assis Cintra, Volume brochado . 3\$000



AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITACOES



QUINIU, CARNE
 LACTO PHOSPHATO DE CAL,
 PEPSINA E GLYCERINA

VINHO
RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO E NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.




HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do Dr. Faria Lobato — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE
 ENERGIICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Olcos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS D. TO ESTADO DE S. PAULO

